

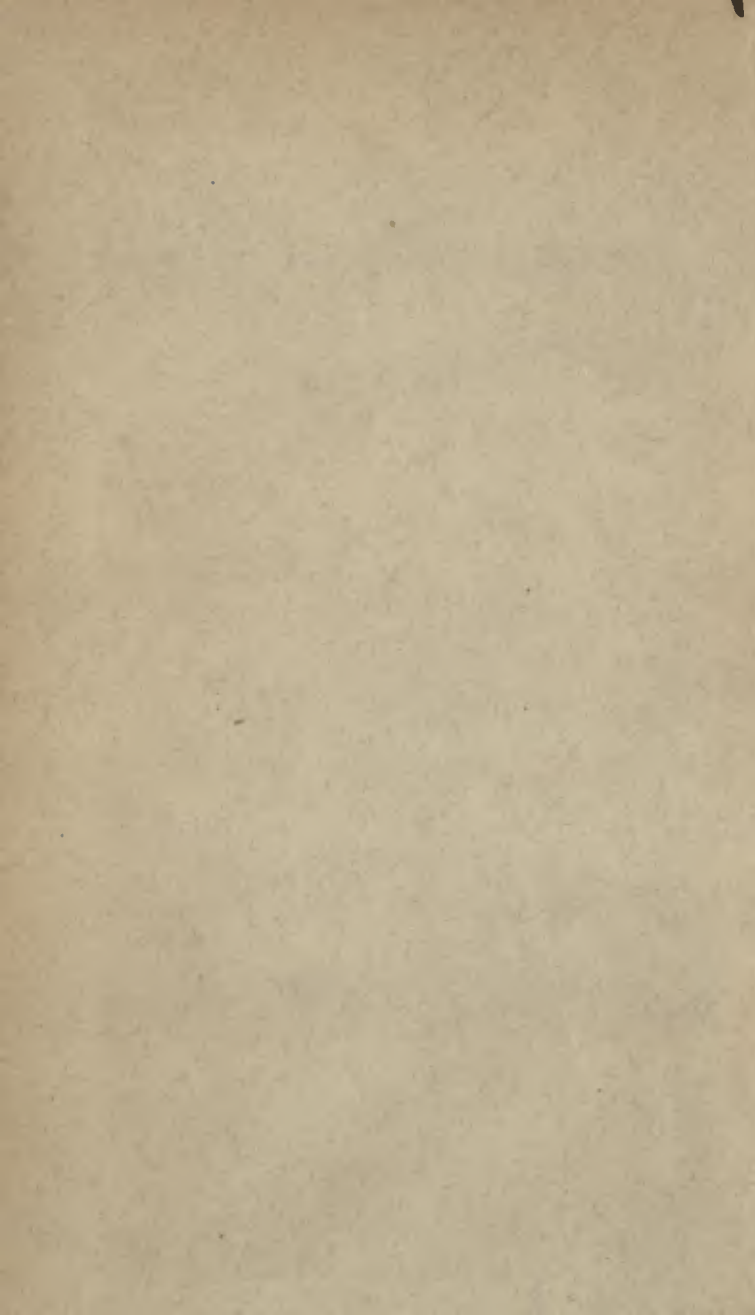
51.

17451

H. 21  

---

17451







E. o. i. a  
17/1

# EDUARDO COELHO



## A SUA VIDA E A SUA OBRA

Alguns factos para a historia  
do jornalismo portuguez contemporaneo

por

*ALFREDO DA CUNHA*

38



LISBOA  
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

(Imprensa da Casa Real)  
110, RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 116

1891

A 5-16



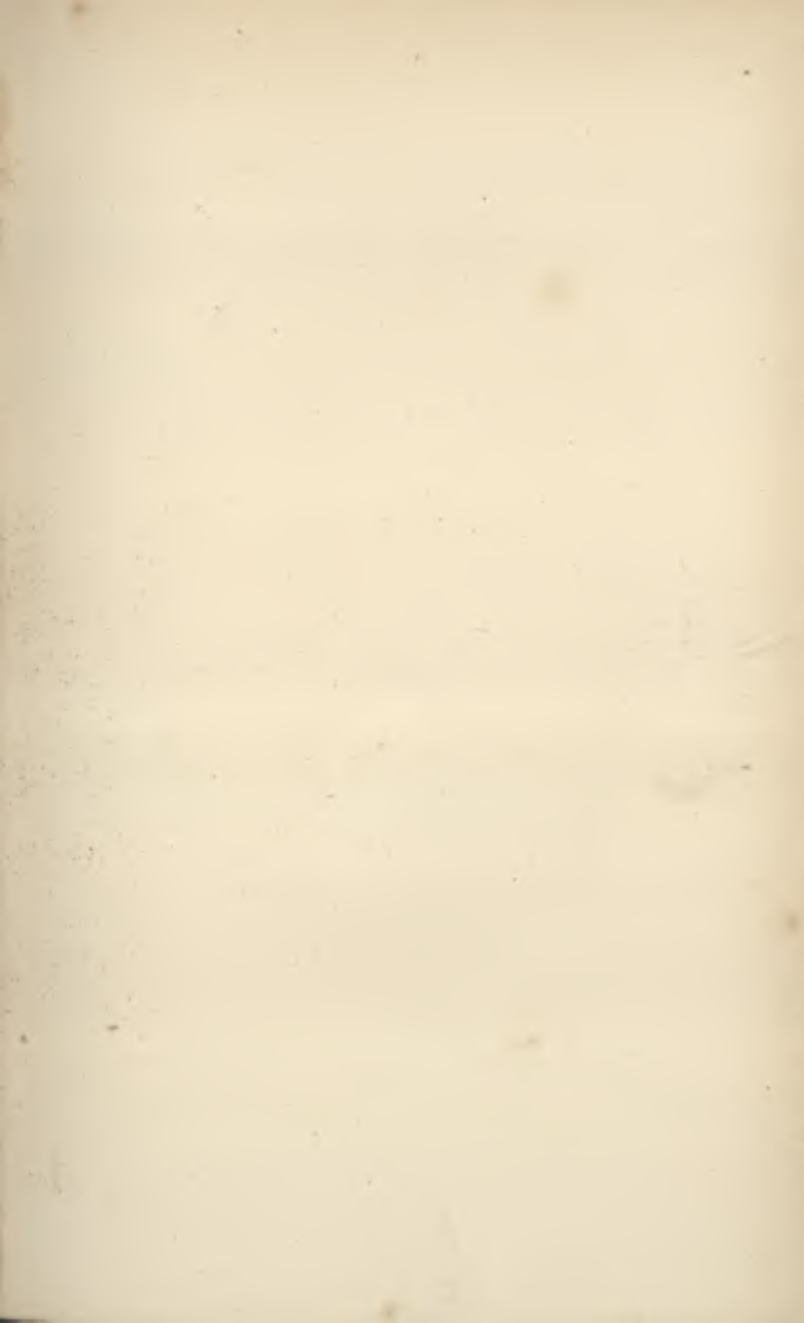
À S.<sup>ma</sup> Sr.<sup>ta</sup> I.<sup>ma</sup> de Assumpção,

J. J. Duarte

Eduardo Coelho

A SUA VIDA E A SUA OBRA







Edwards Coe.

# EDUARDO COELHO

## A SUA VIDA E A SUA OBRA

Alguns factos para a historia  
do jornalismo portuguez contemporaneo

POR

*17451*  
ALFREDO DA CUNHA



*M. 35553*

LISBOA  
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

(Imprensa da Casa Real)

110, RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 116

1891



A MINHA MULHER

Filha mais velha de Eduardo Coelho





# INTRODUÇÃO

Os homens uteis e bons são meio santos.

ED. COELHO — *Passeios na Provincia.*

Não me consta que de Eduardo Coelho ficasse — como aliás se disse por occasião da sua morte — uma auto-biographia, na rigorosa accepção da palavra, completa em todas as particularidades, na enumeração de factos e na fixação de datas. Nada mais se encontrou, entre os seus papeis, do que breves esboços de dois ou tres episodios da sua mocidade, ligeiras notas que, á semelhança das noticias muito succintas, e, por isso mesmo, bastante deficientes, insertas em uma ou outra publicação, não podiam evidentemente supprir a necessidade de indagações demoradas.

Estava, pois, ainda por fazer a biographia d'uma das mais distinctas e salientes individualidades do nosso tempo, biographia que — alguém o notou — dava capitulos que decerto não invejariam as paginas, tão commoventes, da *Vie de Bohême*, de Henri Murger.

Porque Eduardo Coelho viveu effectivamente, por bastante tempo, essa vida de paciencia e de coragem, que nem por parecer descuidosa, leviana e facil, deixa de ter os seus triumphadores e os seus martyres, vida que Murger tão eloquentemente descreve no prefacio dos seus bellos contos, e em

que só se póde lutar — elle proprio o diz — revestido d'uma forte coiraça de indifferença, á prova dos nescios e dos invejosos, não se devendo um só momento abandonar, como bordão de arrimo, para se não cair prostrado no caminho, o vivo orgulho de si proprio.

Poderão outros, decerto melhor e mais intelligentemente, relatar esses 34 annos, extinctos depois d'uma fadiga sem repouso, numa agonia longa, consciente e lucida, em que o espirito, sem perder uma scintilla sequer da sua perspicacia, se sentia, a cada hora decorrida, falseado pelo crescente abatimento do corpo, trahido pela invencivel decrepitude d'uma organisação, que fôra robusta e válida.

Depressa, porém, se apaga nos vivos a lembrança saudosa dos que morreram; e salvar d'um olvido, mais ou menos proximo, a memoria dos que amámos, é um dever dos que ficam, em relação aos que para sempre se apartam, deixando de si uma tradição abençoada.

Eis ao que só mira este livro — livro talvez mais de sentimento do que de critica, mais do coração do que da intelligencia, e em que, se o biographo cuidadosamente procurou não omitir factos, o critico, para não ser averbado de suspeito, frequentemente preferiu deixar o campo aos juizos alheios.

Não me consentia, em verdade, o animo que por mais tempo ficassem perdidas nas columnas dos jornaes e nas paginas d'uma ou outra obra, em referencias isoladas e em apreciações dispersas, os elementos com que podia integrar-se e reconstituir-se, quasi por completo, uma existencia que se consumiu, até o ultimo alento, em milhares de escriptos, espalhados por montões de jornaes, e que, lidos hoje com a avidez da novidade, amanhã se abysmavam para sempre nesse *golphão sem fundo* do periodicismo diario.

A vida inquieta dos jornalistas tem o seu tanto ou quanto de semelhante com a vida dos actores; porque é uma especie de gloria *au jour le jour*, passageira e inconsistente, a

que uns e outros conquistam pelo seu trabalho. O papel do actor, estudado com difficuldade, creado com fatigante e accurado escrupulo, com rigorosa consciencia da arte, finda com os ultimos echos da derradeira noite de triumpho; do artigo de jornal, subordinado ao assumpto que occorre, ligado intimamente ao facto que aprecia, variando com a constante mutabilidade dos acontecimentos, que sem intercaencias se succedem, extingue-se, com a oportunidade de momento, a ephemera sensação que despertou. D'un e d'outro, passada a emoção que determinaram, nada ou quasi nada resta de persistente e de duradouro.

Tanto mais necessario é, pois, para que á instabilidade da obra não corresponda a da celebridade que por ella adveiu, que d'algum modo se fixe, e se perpetue, o que essa obra teve de culminante, e o que essa celebridade pôde afirmar de legitimo e de inconfundivel.

\*  
\* \*

Se eu tentasse em curtos periodos resumir o que todo este escripto evidenciará, pela singela narrativa de factos, desacompanhada de artificios e de fabulas, ao meu intento bastaria trasladar para estas paginas uma carta honrosissima de Antonio Augusto de Aguiar, então ministro das obras publicas, e a cuja proposta e espontanea intervenção Eduardo Coelho devera a mercê de commendador da ordem de S. Tiago, por cuja recente concessão a mesma carta o felicitava <sup>1</sup>. Synthetisa ella rigorosamente a vida do infatigavel

---

<sup>1</sup> A nomeação de commendador da ordem de S. Tiago, que era uma das maiores e mais raras distincções que o finado rei D. Luiz concedia, teve por fim, segundo consta do respectivo diploma, datado de 6 de novembro de 1884, e referendado pelo ministro do reino o sr. Augusto Cesar Barjona de Freitas, dar a Eduardo Coelho «um publico testemunho de consideração pelos serviços por elle prestados gratuitamente ao ministerio dos negocios das obras publicas, commercio e in-

jornalista, condensando em breves termos a critica da sua obra de paz, de caridade, de incentivos generosos, de propaganda sempre util e sempre civilisadora.

«Felicito-te pela distincção, bem merecida e bem applicada, escrevia-lhe Aguiar em 25 de setembro de 1884. Todos os meus collegas te fizeram justiça, e, acima de todos, El-Rei, que, sempre cioso da sua ordem predilecta, assignou a carta regia com verdadeira satisfação. Não faço rhetorica, escrevo a verdade. Nada deves aos ministros, e muito menos a mim. Fizeram-te justiça. Um homem como tu, que, embora filho de um patriota, começou a sua vida lutando com a desgraça, e que, depois de infinitos combates, chega a ser o creador da imprensa imparcial e independente, valendo á sua conta mais do que muitas escolas de instrucção primaria, incutindo nas classes populares o gosto pela leitura, merece, no meu entender, as melhores distincções de que os governos podem dispôr. Um homem como tu, que puzeste ao serviço dos interesses nacionaes a tua penna e o teu jornal para se realisar o inquerito industrial com feliz exito, e fazer-se a exposição agricola de 1884, tem direito a todas as considerações dos poderes publicos.

«Um homem como tu, que sustentas uma familia numerosa de industriaes, que proteges os fracos, que louvas desinteressadamente os amigos do paiz, e que ajudas os governos nos seus intentos generosos, tem em toda a parte a estima e o respeito dos seus concidadãos. Se ha uma festa de caridade, lá está o teu jornal a patrocinal-a, se ha uma empreza util, apparece sempre o teu jornal a defendel-a, se ha uma campanha patriotica a emprehender, ainda vem o teu jornal, primeiro que todos, a promover a sua realisação.

---

dustria, na commissão do inquerito industrial, e na organisação da exposição agricola de Lisboa no corrente anno (de 1884).» A mercê foi concedida em 12 de setembro d'este anno (*Diario do Governo* n.º 217, de 24 de setembro).

Pedes para os pobres, advogas os interesses dos humildes, e prestas sempre auxilio aos infelizes.

«Não te esqueceste dos teus infortunios no meio da opulencia que te cerca, nem renegas o teu passado de trabalho, de energia e de lucta. Todos te devem mais ou menos um pequeno favor, e nem mesmo os ingratos, a sós com a sua consciencia, podem olvidal-os.

«Eu não fiz nada para que m'ò agradeças. O governo é que reconheceu os teus serviços, e tão bem o fez, que não tem merecido por isso senão elogios. Quem te conhece, como eu, sabe que não careces de distincções para augmentar o teu merecimento. O que se fez não foi senão accentuar, de um modo positivo, o que a opinião publica affirma a teu respeito.»

Valia esta carta para Eduardo Coelho tanto como a propria mercê, que, embora ninguem mais legitimamente conquistasse, e a tão poucos fosse então dado possuir, elle não pretendia nem solicitara, havendo-a accitado, mais para não melindrar, com a recusa, o amigo que lhe quizera tão dedicadamente demonstrar a sua consideração, do que porque o envaidecessem honras taes, aliás invariavelmente rejeitadas d'outras mãos, e em outras occasiões.

E um simples facto o prova, bem caracteristico e bem significativo. No mesmo livro de apontamentos particulares, o na mesmissima pagina, em que Eduardo Coelho deixou copia do laconico officio, em que terminantemente recusava uma distincção que o rei de Hespanha, Amadeu, lhe havia concedido, por proposta do ministro dos negocios estrangeiros Christino Martos, encontra-se transcripto — como que para accentuar o contraste — um outro officio, em que agradecia, com alvoroçada satisfação, e nos termos mais cordialmente entusiasticos, o diploma de socio benemerito, que, em 30 de maio de 1876, lhe fôra conferido por uma modesta associação popular de Lisboa.

A' penhorante communicação do governo hespanhol, Eduardo Coelho respondia :

«Ex.<sup>mo</sup> sr. — Lisboa 2 de outubro de 1872. — Tive a honra de receber o aviso em que v. ex.<sup>a</sup> se dignou communicar-me que S. M. El-Rei de Hespanha houve por bem conferir-me em data de 22 de setembro de 1872, o titulo de commendador da Real Ordem de Isabel a Catholica, e exprimindo a v. ex.<sup>a</sup> o meu mais vivo reconhecimento por tão subida prova de distincção, com que a munificencia de El-Rei de Hespanha houve por bem agraciar-me, peço a v. ex.<sup>a</sup> licença para lhe communicar respeitosa-mente que não posso accetar a mencionada graça. Reciba v. ex.<sup>a</sup>, etc.»

Proximamente quatro annos depois, accusando a recepção do officio da Academia Civilisação Popular, em 29 de junho de 1876, escrevia elle, entre outros, os seguintes periodos :

«Causa-me intimo jubilo o pertencer a uma corporação que tão bem se harmonisa com as recordações do meu passado, com as tendencias e predilecções do meu animo, e com as aspirações do meu espirito. Antes d'ella me abrir as suas portas, e de me offerecer tão distincto logar no seu gremio, já eu sentia pertencer-lhe. Nasci no meio do povo que a fundou; passei os meus primeiros annos lidando nas classes commercial e artistica, que lhe formam o nucleo; cursei as escolas do trabalho e do estudo, que a inspiram, e tenho consagrado as minhas limitadas faculdades, por dever e por convicção, á causa da instrucção popular, que ella apostolisa e patrocina.

.....

«Póde-se, sem desdouro, deixar de pertencer a este ou áquelle grupo ou partido, de professar tal ou tal credo; o que se não póde é deixar de ser apostole d'esta cruzada sublime, que marcha para a conquista da civilisação verdadeira: — a instrucção e moralisação do povo, sem a qual todos os systemas são falsos, todas as reformas contradictorias, todos os regimens desiguaes e injustos. Agradeço, de coração aberto, a elevada honra que a Academia Civilisação me fez,

e confesso-me soldado obediente nas suas fileiras, subscrevendo-me, etc.»

A carta de Antonio Augusto de Aguiar não era todavia um suspeito testemunho de sympathia, eivado de qualquer parcialismo politico ou pessoal ; pois que, volvidos annos, substituidos no poder os regeneradores de Fontes por um ministerio reíinctamente progressista, os serviços de Eduardo Coelho foram de novo, e em termos egualmente calorosos, assignalados e agradecidos pelo ministro que então geria a pasta das obras publicas, e que, ao mesmo tempo que fazia instantes votos pela continuação d'esses serviços desinteressadissimos, lhe pedia o valioso apoio na resurreição do trabalho industrial, em que o energico estadista estava empenhando o melhor dos seus esforços.

Se tantas vezes succedeu, porém, que, mesmo das eminencias do poder, espontaneamente lhe exaltassem os meritos e lhe demandassem o vigoroso auxilio, é infelizmente verdadeiro que ninguem, máis do que Eduardo Coelho, encontrou a embargar-lhe o passo, em todas as aspirações generosas, a malquerença, o tenaz egoismo dos invejosos, — d'aquelles a quem tão claramente allude num pequeno conto <sup>1</sup>, que é, para quem bem o comprehenda, uma quasi auto-biographia, e que não lhe podiam vêr a elle a camisa lavada que não podem vêr a ninguem.

«Não conhece profissões a intelligencia, escrevia elle, em um dos folhetins do seu *Diario*. Quita, o Alcino Mycenio da nossa Arcadia, poeta erudito e correcto, era cabelleireiro. Quanto não devem, aos olhos da critica justiceira, avultar mais que os que puderam cursar universidades e academias, Xavier de Novaes e Ignacio de Araujo, que do maçarico de ourives formaram o plectro da poesia satyrica, e Vieira Caldas, para quem foi academia o baleão de mercador ! Gomes de Amorim, o melodioso poeta dos *Cantos Matutinos*, tem

<sup>1</sup> O rapaz da camisa lavada (*Historias de Hoje*.)

o mais luzente florão da sua corôa litteraria, na circumstancia de haver sido chapelheiro, conquistando, a preço de lagrimas intimas e de minguas cruéis, o elevado logar a que chegou nas letras.»

Typographo, pois, como tantos outros homens notaveis o teem sido, por necessidade ou por vocação ; havendo, como de si proprio escreveu Michelet, *juntado letras no compoendor, antes de juntar idéas em livros* ; caixeiro do commercio, como o fôra tambem, no exilio, Almeida Garrett, que d'isto sempre se orgulhava muito, Eduardo Coelho desvanecia-se sinceramente d'esses mesmos factos, que outros, para o deprimirem, parecia nunca haverem esquecido completamente.

Mas esse homem, cuja elevada estatura intellectual e moral os insignificantes e os biliosos punham em duvida, não perdendo ensejo de a amesquinhar, era ao mesmo tempo humildemente procurado, para ajudar a firmar reputações, nem sempre justificadas, aos que tentavam apoucar-lhe a sua reputação, tão legitima e tão independentemente ganha, e que unicamente devera á energia da vontade propria, e ao proprio esforço d'uma intelligencia perseverante, quanto foi e quanto valeu.

Para Eduardo Coelho devia ser comtudo um motivo de intima vaidade o vêr como tantos se acolhiam a essa protecção, que a sua grandeza de alma a ninguem negava, nem aos agradecidos, nem aos ingratos.

Poucos luctaram tanto como elle ; mas pouquissimos tambem deixaram de si uma lição egualmente eloquente, do muito que pôde uma tenacidade de ferro e uma energia sem desfalecimentos, postas ao serviço d'um ideal alevantado e nobre.

Poucos soffreriam tanto como esse homem bondosissimo, que, numa crise aguda, falto de todos os recursos, desesperançado de encontrar um arrimo, attingiu o ultimo grão do desespero, ao tocar o auge da adversidade ; mas ninguem, mais e melhor do que elle, soube mitigar soffrimentos, concitando a caridade dos abastados para a miseria dos despro-



tegidos, e o auxilio dos poderosos para a fraqueza dos humildes.

Ninguem amou, com mais entranhado affecto e mais desinteressada sympathia, o proletario e o trabalhador desamparado; mas ninguem ainda recebeu, em paga d'essa afecção, diariamente affirmada por mil modos e em mil demonstrações ineluctaveis, uma manifestação menos suspeita de facciosismos de partido, mais sincera e mais espontanea, de respeito e de saudade, quando d'elle já não podia esperar-se uma palavra de incitamento, porque o seu labio emudecera para sempre, ou um simples acto de commiseração, porque para sempre a sua mão benéfica cahira inanimada.

Ninguem trabalhou com mais affinco, com mais ardor, com fé mais vehemente nos seus esforços; mas ninguem legou uma prova mais convincente da omnipotencia do trabalho, que tudo consegue e tudo vence, quando nelle confiamos sem restricções, e a elle nos entregamos sem vacillações e sem esmorecimentos.

«Se havia homem — escreveu para uma das mais importantes folhas do Brazil o sr. Pinheiro Chagas, antigo collega e companheiro de Eduardo Coelho, por cuja intervenção o illustre historiador e romancista iniciára, em 1862, no jornalismo portuguez a sua triumphante e brilhantissima carreira — se havia homem que pudesse fazer devéras a apothose do trabalho, era sem duvida alguma Eduardo Coelho. Tudo lhe deveu, e póde afoitamente dizer-se que a sua vida teve estes vertices honrosissimos — o trabalho, a familia e a bondade.»

Pois unicamente d'aquella bondade sem limites e d'aquelle trabalho sem tregoa, que nunca tergiversou um ponto na sua linha de proceder impeccavelmente correctá e dirigida ao bem, foi que emergiu a gloria da sua vida, a popularidade da sua obra, e a sympathia e o respeito do seu nome.

Foi esse trabalho, em que elle acreditava com uma fé inabalavel, que o fez rapidamente ascender de simples com-

positor d'uma imprensa pobre, a proprietario e chefe do mais importante jornal do paiz; que o fez passar da humildade do noticiarista e da modesta condição de secretario de escriptores illustres, a director d'um periodico, que, imprimindo movimento á opinião, e encaminhando lealmente o povo, tem sabido fazer-se respeitar e ter em conta pelos altos poderes do estado; que finalmente o levou, da sua atribulada obscuridade, por um trilho accidentado e aspero, cortado de obstaculos e de contrariedades, mas sempre varrido e desensombrado de acções ruins, por um caminho de honestidade e de honra nunca abandonado, á apothese que lhe coroou a existencia, e, numa glorificação unanime, constituiu a sagração solemne e publica da sua individualidade.

## 1835—1854

Filho de João Gaspar Coelho, que fôra amigo e companheiro de muitos dos homens publicos mais importantes do' nosso tempo, nas luctas da liberdade, travadas no segundo quartel d'este seculo, Eduardo Coelho deixou uma pequena biographia de seu pae <sup>1</sup>.

«Não póde haver nada de mais amovel e demonstrativo de dedicação filial», observa o notavel jornalista e patriota, o sr. Martins de Carvalho, do que esse escripto, em que a vida do ardente liberal de Coimbra é narrada com a mais tocante e commovedora singeleza.

Casando aos 24 annos, João Gaspar Coelho antepoz aos commodos da familia o serviço desinteressado pela patria, e acompanhando na sua varia fortuna a causa liberal, perseguido como *malhado*, homisiado em Lisboa e Setubal, soffrendo todos os riscos a que as suas avançadas idéas o

---

<sup>1</sup> *Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias em 1875*, p. 133: — *Meu Pae*, com dedicatória ao seu socio e amigo sr. Thomaz Quintino Antunes, hoje Visconde de S. Marçal.

expunham, tendo de oppôr os ardis d'uma fecunda inventiva, ás pesquisas constantes dos seus inimigos, logrou penetrar no Porto, por occasião do cêrco, e obter, 44 dias depois da entrada do duque da Terceira em Lisboa, um documento official, que lhe reconhecia «os bons serviços prestados á causa da patria, o acerto, honradez, zelo e actividade» com que desempenhára «laboriosas diligencias» de que fôra incumbido, e «principalmente a intrepidez e bravura» com que se portou no dia 5 de setembro de 1833, «fazendo em todo aquelle dia um fogo vivo ao inimigo, que mereceu o elogio de muitos militares que o presencaram.»

Regressando a Coimbra em 1834, um anno antes do nascimento de Eduardo Coelho, voltava pobre. «Os honrados não enriquecem em taes campanhas — diz seu filho na biographia a que alludi — se n'ellas entram, como elle entrava, com a fé ardente do adepto sincero. A unica riqueza que trazia era a gloria de ter pelejado desinteressadamente a favor da liberdade politica do seu paiz, e dos progressos da civilisação social.»

Mais tarde, nas fileiras da guarda nacional, entrou na revolução de setembro, foi partidario da constituição de 1838, acompanhando sempre o partido setembrista, e, victorioso o governo de Costa Cabral, fundou a imprensa <sup>1</sup> d'onde, em 9 de ju-

---

<sup>1</sup> Todos os filhos do fundador da modesta imprensa da *Opposição Nacional*, vieram a dedicar-se á cultura das letras, e a viver d'ellas. O mais velho, Adriano Gaspar Coelho, que foi (até a sua morte, em 27 de dezembro de 1872) secretario da redacção do *Diario de Noticias*, desde 1867, em que voltára do Brazil, havia fundado na cidade de Campos um jornal denominado o *Cysne*, tendo còllaborado em diversas folhas da mesma cidade. Auctor de

Iho de 1844, saiu o primeiro numero da folha revolucionaria *A Opposição Nacional*, cujo principal redactor foi Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

A pequena fortuna que, á custa de muito trabalho, alcançára no intervallo d'estas luctas, levaram-lh'a os fornecimentos ás guerrilhas e forças populares reunidas em Coimbra em 1846, fornecimentos que ficaram por pagar, e em troca dos quaes apenas restaram, em poder da viuva, vales por satisfazer numa somma importante.

Fôra o duque de Loulé, então governador civil de Coimbra, e com quem João Gaspar Coelho intimamente privava, que, por alvará de 15 d'outubro d'aquelle anno, e «attendendo á sua probidade», o nomeára «fornecedor das forças populares».

«Quando eu, meus irmãos e irmãs, escreveu o finado director do *Diario de Noticias*, distribuíamos com infantil alegria os viveres aos guerrilhas, n'uma grande sala da nossa habitação, mal suspeitavamos que estavamos dando parte preciosa do nosso pequeno patrimonio, e que nos havia de fazer grande falta dentro em pouco tempo.»

No seu livro — *Passeios na Provincia* — Eduardo

algumas comedias, e do drama sacro *Santa Cecilia*, veiu a ser correspondente do *Diario Mercantil*, do Porto, e era-o, quando falleceu, do *Jornal do Recife*, de Pernambuco.

Dos outros dois irmãos, mais novos do que Eduardo Coelho, Abel Maria Coelho falleceu na Uruguayana, em 12 de fevereiro de 1891, sendo, durante 14 annos, redactor e proprietario do jornal *O Guarany*, e havendo lá tambem fundado um outro periodico *O Noticioso*; e o unico irmão que ainda existe, o sr. Francisco Adolpho Coelho, é o illustre professor da cadeira de glottologia no Curso Superior de Letras, de Lisboa.

Coelho refere-se ainda, nos seguintes termos, a essa época da sua infancia :

«Nós, os pequenos, participavamos d'aquelle santo enthusiasmo. Meu irmão Adriano, tendo apenas 14 annos, e andando nas aulas do pateo, corria a sentar praça no batalhão academico, onde era rejeitado por não chegar á craveira :

— Mas o sr. Casal Ribeiro não é mais alto do que eu, objectou elle.

— Esse tem outra estatura politica !

— Ah ! sim ! elle é isso, pois esperem.

«E foi fardar um batalhão de rapazes, de 8 a 12 annos, que ao menos servia para fazer algazarra e barulho, o que já é de alguma utilidade em tempo de revolução popular. Então publicava elle em casa um periodico manuscripto revolucionario.

«Eu lembro-me ainda de uma vez, com Antonio Augusto Pereira de Miranda <sup>1</sup>, o joven e talentoso deputado por Lisboa, que tanto tem illustrado o mandato com que o distingue o corpo do commercio da capital, e que n'aquelle tempo era para nós o *Antoninho*, fazermos em casa d'elle, na Calçada, um simulacro de batalha, queimando a tiros de peça diversos soldados de papel.

«Era o exercito inimigo !

«Com meus irmãos armavamos telegraphos, faziamos cartuchos, e acarretavamos até calça e areia para as barricadas e platafórmãs, como aconteceu depois da batalha de Torres Vedras, quando se teve a pueril pretensão de fortificar Coimbra, para o conde das Antas ali resistir ao

---

<sup>1</sup> Actualmente par do reino, e, até ha poucos mezes, governador do Banco de Portugal.

Saldanha, que entrava na cidade, sem disparar um tiro, na manhã de 5 de janeiro de 1847.»

«Havia ali (na rua do Visconde da Luz, antiga rua do Coruche, em Coimbra) um edificio pertencente á casa da Misericordia, no qual eu — hoje pacato, tolerante, perdoador, e até não sei se já um tanto conservador, *quand m'ême*, aprendi a ser revolucionario.»

«Podia ter saído um Ferrabraz, um Roldão, ou um D. Quichote, que andasse por ahi a esgrimir com os moinhos, ou a incomodar a humanidade. Melhor foi para mim e para ella que assim não acontecesse.»

Seguindo as vicissitudes do partido em que se filiára, sempre lidando com a intelligencia, o braço e o dinheiro por todos os ideaes democraticos, João Gaspar Coelho veio, depois da entrada de Saldanha em Coimbra, a ser preso em 19 de fevereiro de 1847, no assalto feito ás habitações dos patuleias mais salientes, e em virtude do plano architectado e posto em pratica por um seu compadre e *amigo*, a quem havia, tempos antes, salvado a vida, com risco d'elle proprio perder a sua.

Trazido, com mais 27 liberaes, para Lisboa, esteve preso no segredo do Limoeiro até 27 d'abril de 1847, e nesta cadeia teve por companheiros os seus amigos e patricios Joaquim Martins de Carvalho, o velho e glorioso jornalista do *Conimbricense*, o dr. Duarte Nazareth, lente de direito, o dr. José Alexandre de Campos, e outros vultos importantes da politica de Coimbra — todos, no dizer do *Espectro* de 26 de fevereiro de 1847, réos do nefando crime de serem progressistas! Nenhum outro delicto consta dos livros da cadeia.

Alludindo a estes factos, de que foi testemunha

presencial, o sr. Joaquim Martins de Carvalho historiou-os d'este modo no seu jornal o *Conimbricense*, de 24 d'abril de 1886 :

«Faz no dia 29 do corrente mez de abril 39 annos que nos podemos evadir da referida prisão (do Limoeiro). Uns foram mortos pelos crueis satellites do cabralismo; outros poderam definitivamente evadir-se, e outros tornaram a ser presos.

«O sr. João Gaspar Coelho foi do numero dos que poderam escapar-se; nós tornámos a ser preso no mesmo dia, presencendo as maiores atrocidades, e livrando-nos de ser assassinado, por um modo admiravel.

«Regressando para Coimbra, falleceu o sr. João Gaspar Coelho, apenas passado um anno, no dia 17 de agosto de 1848 (na sua residencia do Arço de Almedina, onde José Eduardo Coelho nascera em 23 de abril de 1835); sendo o primeiro dos 28 presos que falleceu. Somos nós o unico que ainda vive n'esta cidade.

«A sua não vulgar e desinteressada dedicação á causa popular havia feito com que, pelo seu fallecimento, ficasse a numerosa familia nas mais deploraveis circumstancias <sup>1</sup>.»

O padre Antonio de Jesus Maria da Costa, mais conhecido pelo *padre Antonio da Calçada*, homem

---

<sup>1</sup> O mesmo jornal, d'onde transcrevo estas palavras, e que então se intitulava *O Observador*, dá testemunho d'aquelle facto no seu n.º 116, de 19 d'agosto de 1848, noticiando que a viuva de João Gaspar Coelho, D. Francisca do Carmo Coelho, ficára com 10 filhos, e em vespuras do undecimão, tendo de dirigir-se ao provedor e mesarios da Misericordia para que alli lhe recolhessem dois ou tres d'elles.



que se tornou muito notado nas luctas d'essa epocha, fôra instituido tutor de Eduardo Coelho, á morte de seu pae. «Posso certificar que não lhe mereceu grandes cuidados a tutela»; escreveu o seu tutelado; e não foi só esse, d'entre os que se diziam amigos de João Gaspar Coelho, e dos que d'esse titulo usaram e abusaram, para o ajudarem a comprometter-se, que pagou com a ingratiidão os beneficios recebidos. «Na hora ultima, antes dos sacramentos da egreja lhe ungirem o corpo e santificarem a alma, ainda cheio d'essa candura, que dourou todas as suas acções, recommendou a mulher e os filhos, n'um bilhete que eu escrevi por seu ditado, a um dos chefes do partido a que pertencia, solemne e respeitavel recommendação que pareceu produzir efeitos negativos.»

A ingratiidão dos que se diziam dedicados completava a ruina causada pela perseguição dos inimigos. E se Eduardo Coelho pôde perdoar — e perdoou sempre — a guerra dos adversarios leaes, difficilmente esqueceu o procedimento dos correigionarios mal agradecidos.

Ao conde de Thomar, o perseguidor tenaz dos patuleias, com o qual travou relações na redacção do *Conservador*, veiu a tratá-lo com a benevolencia devida a um homem, que, embora terrivel como antagonista, era comtudo fiel e devotadissimo aos que por elle se sacrificavam; d'aquelles, porém, que, ao contrario do temido heroe do cabralismo, retribuiam com a indifferença e o desprezo, os sacrificios, de que, para se engrandecerem, largamente se haviam aproveitado, Eduardo Coelho sempre se afastou invariavel e systematicamente; e quando teve de responder, no jornal de que então era redactor litterario, a

umas insinuações malevolas que na imprensa lhe dirigiram, embora se confessasse estranho á politica, declarava solemnemente que nunca poderia alistar-se n'õ partido, «cujos idolos, em paga dos serviços que lhes prestou um dos seus antepassados, lhe roubaram o seu modesto patrimonio, deixando-o abandonado aos arbitrios da sorte <sup>1</sup>.» E esta promessa, publicamente feita, foi durante toda a sua vida — vida cuja absoluta e exempliar coherencia se accentuou do principio ao fim — pontual e religiosamente cumprida.

João Gaspar Coelho exprimia a convicção de que a vontade firme do homem tudo vence, nesta hyperbolica phrase, que frequentemente repetia aos seus: — Se eu imaginasse um dia ser papa, e quizesse sel-o, havia de o ser — ; e foi esta tradição da fé viva na prodigiosa efficacia do trabalho, e da energia e da coragem na adversidade, que pautou, como invariavel norma, a vida inteira de seu filho, servindo de solido alicerce a essa admiravel obra de actividade e de lucta, que é o monumento perduravel de Eduardo Coelho.

Cortada a educação d'este e de seus irmãos pela morte de seu pae, um amigo da familia tomou-o para sua casa, com um outro irmão, e, decorridos mezes, mandava-o, com destino á carreira commercial, para Lisboa, onde chegou em 28 de dezembro de 1848, depois de durante quatro dias, como elle proprio o contava passados bastantes annos, «vir chouteando n'um relaço macho de arrieiro».

Tendo estado, pouco mais de quatro annos, numa loja de ferragens da rua dos Capellistas,

---

<sup>1</sup> *O Conservador* n.º 69, de 13 de abril de 1862.

pertencente a Francisco José de Araujo Barros, passou em seguida para a de outro commerciante da rua dos Fanqueiros, José Anastacio Verde (pae do fallecido poeta Cesario Verde), cujo estabelecimento ficava na loja do predio hoje occupado pela casa Henry Burnay & C.<sup>a</sup>, proximo á rua Nova da Alfandega.

Desde logo se accentuou em Eduardo Coelho uma invencivel tendencia para as letras. Um seu amigo d'esse tempo, dando d'este facto testemunho a um dos redactores do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, conta que quasi sempre o encontrava a ler, «como que ás escondidas do patrão, e, se n'essa occasião lhe pediam algum objecto, elle mal attendia o freguez, e dizia: — Estou enganando o patrão; eu não nasci para vender pregos, não estou aqui bem.»

\*  
\* \*

Refere-se aos primeiros annos que passou na capital, um dos poucos fragmentos que Eduardo Coelho deixou das suas projectadas memorias. Transcrevendo-o, eu não quiz em nada alterar essa linguagem despretenciosa e simples, que era uma das suas mais apreciadas qualidades de escriptor, e que foi um dos elementos mais poderosos, que concorreram para a popularidade e para a divulgação da sua obra.

«Foi ahi (quando caixeiro de José Anastacio Verde) que se me desenvolveu fortemente a vocação litteraria, começando por publicar o *Livrinho dos Caixeiros*, collecção de quadras, em que se proclamava contra certas oppressões e vexames desnecessarios, que esta classe soffria.

«Vendeu-se toda a edição, que não era grande. Fez enthusiasmo na classe, onde todos me apontavam como um dos mais distinctos. Os patrões, porém, murmuravam das minhas tendencias, que lhes não pareciam das mais felizes para o commercio, e um caixeiro dos mais illustrados, que mais tarde foi dos meus dedicados amigos, João Alfredo Dias, troçou-me bastante, annunciando que n'aquella loja se faziam versos de venda e de encomenda.

«Publicava-se então o *Jardim Litterario*, folha litteraria semanal de 10 réis, onde se estreieram um grande numero de poetas, e eu um dia escrevi um romancito em prosa, no genero bucolico, genero em que eu andava muito enfronhado com a leitura de poetas arcadicos, que na loja comprava aos vendedores ambulantes de livros, e mandei-o para lá, pedindo a publicação. O dono da empresa e da typographia, que era um José Philippe, publicou o, e travou conhecimento pessoal commigo, tendo-me custado alguns cruzados nòvos dos meus ordenados o ser collaborador do jornal, para onde continuei a mandar composições, sobretudo versos ou rimas.

«O tal romance intitulava-se *O pastor da floresta*. Eu começava a minha carreira jornalística ás vexas. Dava dinheiro aos editores, em vez de serem elles que m'ò dessem a mim. Haviam decorrido cinco annos. Tinha eu então 18. Era por 1853.

«Em 1854 <sup>1</sup>, depois de pequenas contestações

---

<sup>1</sup> Foi em 1854, e tendo apenas 19 annos, que Eduardo Coelho publicou, firmando-o com as iniciaes do seu nome

com o patrão, que vendo os meus versos no *Jardim Litterario*, me aconselhava a que deixasse de ser poeta, que era «uma vida de pelintras», e que me entregasse inteiramente ao commercio, que «era isso que deixava», dizendo-lhe eu que sabia que ia ser um desgraçado, mas que aquella mania não me passava, despedi-me.

«Havia eu então contrahido relações com um rapaz que me aconselhava litterariamente, Jeronymo Alves de Avellar Machado, que, quando lhe eu disse que me despedira, e que não tinha onde ir dormir, e só possuia de meu 5\$000 réis, e um bahu cheio de livros, me respondeu:— Tens dinheiro para muito tempo, e fizeste bem em deixar o commercio. Com o teu talento podes ter uma bella carreira.»

Esta prophecia, que não falhou, a rarissimos seria dado realisar-a. Para outros, com menos força de vontade, semelhantes palavras teriam sido o mais desastrado e perigoso dos conselhos.

«Quem me diria então a mim — escreveu Eduardo Coelho 20 annos depois, numa das narrativas dos seus *Passeios na Provincia*, alludindo áquella quadra da sua vida, — que ainda havia de vir a ser compositor typographico, auctor dramatico, e empresario e redactor de jornaes? Emfim, a gente tem de ser alguma cousa n'este mundo, e bom é quando, luctando braço a braço com

---

J. E. C., um pequeno romance intitulado — *A Separação dos recém-casados* — hoje rarissimo, e de que só conheço dois unicos exemplares. O seu proprio auctor queimava quantos lhe viessem ás mãos, e o mesmo destino dava ao *Livrinho dos Caixeiros*, publicado em 1852, e de que não conseguí vêr exemplar algum.

a adversidade mais cruel, como eu luctei, accumulando um capital de lagrimas, desdens e desenganos, de que se tira tardio juro, não esmorece nem cae, vencido no campo, e póde, um dia, sem ser pesado ao Estado, pôr as suas faculdades á disposição dos seus concidadãos.»

## 1854-1857

Abandonada, portanto, e de vez, a carreira do commercio, restava principiar vida nova, e occorrer ás necessidades instantes de todos os dias.

Com um capital de 5,5000 réis, e alguns livros, não podia evidentemente aspirar a uma existencia regalada, nem metter hombros a empresas de largo folego.

Coincidia, pois, com o fim da sua curta carreira commercial, o começo d'essa epoca difficil, que, em annos de prosperidade, Eduardo Coelho recordava saudosamente, e a que ficou chamando *o tempo da fome*.

«Já lá vão 18 annos, escrevia elle em 1873, num folhetim consagrado á memoria d'um dos seus amigos d'então, o poeta Henrique Van Deiters <sup>1</sup>. A sorte trazia-me a parodiar aquelles ca-

---

<sup>1</sup> Referindo-se a Van Deiters, nesse folhetim, publicado no *Diario de Noticias* n.º 2:812 de 28 de novembro de 1873, escreveu Eduardo Coelho: «Este nome começou a apparecer num pequeno periodico litterario, o *Cysne do Tejo*, fundado e mantido por Avelar Machado, com a nossa cooperação litteraria, e a de outros companheiros d'estas des-cuidosas peregrinações da Bohemia do infortunio.»

Um d'esses companheiros foi Pinto Neves (José Pinto da

pitulos tristemente alegres de Henri Murger : apprendia por entre as agruras e as minguas do viver abandonado, o officio de escriptor ; as refeições do dia eram condimentadas com o pó dos livros da bibliotheca publica, ou limitavam-se aos sorrisos do amor e ás fugazes radiações da vangloria ; á noite, ceava com as estrellas amigas na minha velha trapeira de uma travessa da baixa, aonde não me molhava os pés a cheia da inveja, nem se atreviam a trepar as dolorosas honrarias da calumnia, amargos mimos dos dias de prosperidade. A minha porta tinha uma fechadura. . . de segurança, de que os meus amigos todos sabiam o segredo. Puxado por fóra um certo cordão, abria-se.»

«Por esse tempo, conta um seu biographo, foi Eduardo Coelho companheiro de casa e de aventuras de muitos escriptores e artistas, entre os quaes podemos enumerar Van Deiters, Mendes Leal (Antonio), Cesar de Vasconcellos, escriptores dramaticos notaveis, José d'Anchietta, o celebre explorador naturalista, que ha annos per-

---

Fonseca Neves), que veio a morrer em janeiro de 1881, empregado das obras publicas em Leiria. «Fôra um typo muito popular em Lisboa, principalmente entre o grupo dos denominados *poetas de botequim*. Era um homem de talento, sympathico, audaz, de imaginação ardente, de grandes qualidades de coração, repentista, improvisador. . . Fez-se bastante conhecido na imprensa pelas suas composições poeticas, algumas de muita originalidade, collaborando em todas as folhas litterarias, sendo aquellas em que com mais assiduidade escreveu o *Jardim Litterario*, a *Estrella de Alva*, o *Cysne do Tejo*, a *Illustração* e o *Braz Tisana*. Fez algumas composições para o theatro, e poderia ter seguido carreira brilhante, se o seu talento tivesse tido uma direcção mais pratica.» *Diario de Noticias* n.º 5:386, de 31 de janeiro de 1881.



corre os sertões da Africa, e os actores Leoni e Joaquim de Almeida, com os quaes se deram scenas galantissimas da vida pobre <sup>1</sup>.

«Eduardo Coelho, depois de ter sido mestre de meninos e professor de francez, depois de ter esgotado todos os recursos de que podia dispôr, sentiu-se afrouxar em meio da estrada do trabalho. Com a desgraça nem sempre se é heroe. Existem ainda alguns artistas do antigo theatro de D. Fernando, que um dia o foram encontrar completamente succumbido, desalentado e prestes a lançar mão do suicidio, como derradeiro recurso da desgraça. Estes artistas, seus amigos, arrancando as portas da casa, onde então vivia Eduardo Coelho, conseguiram salvar-lhe a vida, derramando consolações bôas e salutares na sua alma, immersa em trevas <sup>2</sup>.»

As difficuldades, sempre crescentes, com que luctava, fizeram-no pensar na aprendizagem da arte typographica. Entrou, portanto, para uma typographia da travessa do Convento da Encarnação, á calçada de Sant'Anna, empregar-seia do *Jardim Litterario*, folha semanal que veio a acabar com o titulo de *Jardim do Povo*, e onde havia publicado os seus primeiros ensaios litterarios, chegando mais tarde a ser, ao mesmo tempo, compositor, administrador e redactor d'esse pequeno semanario.

---

<sup>1</sup> D'um d'esses episodios — uma scena de morte simulada, que, para amedrontar Eduardo Coelho, o seu companheiro Joaquim de Almeida preparara á volta do theatro de D. Fernando — existe a narração no *Diario de Noticias* n.º 1:157 de 17 de novembro de 1868.

<sup>2</sup> *Semana Illustrada*, n.º 2, do 1.º anno (1878) : biographia pelo sr. Magalhães Lima.

«Quem me aconselhára tal resolução (diz elle, em um dos seus apontamentos) tinha sido o actor Pedro Pinto de Campos, que tambem foi compositor, em circumstancias idênticas, por falta de meios. Nas conferencias do botequim do Barnabé, no largo de Santa Justa, onde eu ia passar as minhas poucas horas todas as tardes, tinha-se discutido a these da minha regeneração financeira, e o Pinto de Campos tinha-me dado este bom conselho.

«Tendo apprendido a compôr, em casa do Philippe, do *Jardim Litterario*, onde já no fim d'um mez compunha quasi todo aquelle periodico, que tambem na maior parte escrevia, como o bom Philippe não podia dar dinheiro nenhum, pela cruel razão de que o não tinha, aconselhou-me a que procurasse uma typographia fóra, e, ajudado ainda por Pinto de Campos, fui para a rua da Condeça; de lá para o Elias dos cartazes, onde compuz o livreto das *Vesperas Sicilianas*, e d'outras operas. Na primeira semana fiz a fêria total de 300 réis. Na segunda, já cheguei a 650 réis. Na terceira, estava rico: ganhei, nos 7 dias, 1,5300 réis. Era mais do que os 120 réis de que eu precisava para não morrer de fome, e toda esta felicidade m'a havia alcançado o trabalho, a officina, a arte.

«Que consolação e que desvanecimento, se um obstaculo se não oppozesse então a que eu fosse inteiramente feliz. E era que o Elias, sendo um bom velho, muito laborioso, honrado e bonissimo, não conseguia muitas vezes reunir o dinheiro preciso para pagar integralmente as fêrias no fim da semana. Do Elias fui ainda para a imprensa do José Candido, na rua dos Douradores, onde se imprimia o jornal politico *O Parlamento*, que advogava a politica conservadora do conde de Thomar.

Era redactor principal Luiz de Vasconcellos Azevedo e Silva, homem de distincta educação, e simultaneamente escrevia com elle o D. José de Lacerda, um excellente character e homem de bastantes conhecimentos. Algumas vezes ahi passei da caixa da composição para a mesa da redacção. D. José de Lacerda gostava de conversar commigo, e reconhecendo que eu tinha algum geito para escrever, convidou-me por vezes a fazer algumas noticias.

«Lembra-me que, havendo-se publicado a collecção das portarias com que o illustre José Maria Eugenio de Almeida fizera as notaveis reformas da Casa Pia, D. José me pediu que accusasse a offerta d'aquelle livro á redacção. Li-o, e impressionou-me; e escrevi tres artigos numerados, que causaram alguma impressão, porque louvavam actos contra os quaes se levantára no publico exaltada celeuma, e obrigaram José Maria Eugenio a subir á mansarda da travessa de S. Nicolau, onde eu morava, para me deixar o seu cartão de visita a agradecer.

«Do *Parlamento*, onde ainda escrevi alguns folhetins theatraes, transitei para a imprensa nacional, com o auxilio dedicado do meu amigo José de Abreu, que era das relações de José de Almeida. Ahi passei por um exame na escola typographica, para o qual me deu lições o mesmo José de Abreu, e em que fiquei *nemine discrepante*. — Tinha praça assente entre os compositores da imprensa nacional, possuindo o diploma, que ainda conservo <sup>1</sup>»

---

<sup>1</sup> Segundo uma nota, que obsequiosamente me forneceram na imprensa nacional, Eduardo Coelho foi na mesma

De um dos mais tristes episodios da sua vida de rapaz pobre deixou ainda Eduardo Coelho a narrativa, que vae lêr-se, e que bem mostra a delicada tempera do seu bondoso coração :

«Era em 1857. Reinava então D. Pedro v. Eu era compositor typographico na imprensa nacional.

«Vivia contentissimo com os meus sonhos de gloria litteraria, que delimitavam os horisontes do meu espirito n'aquella epocha.

«As vezes, não tendo que fazer, ia pelos botequins conversar com os janotas, mais ou menos

imprensa admittido, na qualidade de *official de compositor*, em 22 de maio de 1857, e, em 9 de janeiro de 1858, requereu e obteve licença illimitada.

Eduardo Coelho votou sempre á classe typographica uma entranhada estima, e a benemerita Associação Typographica Lisbonense, de que foi socio, com o n.º 383, desde 11 de maio de 1862, e presidente da assembléa geral nos annos de 1878, 1879, 1883 e 1884, deveu-lhe relevantissimos serviços. D'isto deu publico testemunho, na sessão solemne de 12 de janeiro de 1890, pela mesma associação consagrada á memoria do finado jornalista, o illustre presidente da assembléa geral, o sr. Pereira e Sousa, no sentido discurso que então pronunciou; recordando, nessa mesma occasião, um outro digno socio, o sr. Julio Pereira Sande da Silva Coutinhò, estas palavras por Eduardo Coelho proferidas em junho de 1880, na sessão solemne com que a Associação Typographica celebrou o tricentenario de Camões : «Esta associação sabe quanto eu a estimo e considero, quanto me honro de ser seu filho e seu associado. Não o digo por affectação democratica, embora eu seja democrata por tradição e natureza. Meu pae era um honrado operario que me ensinou o amor do trabalho e o culto da liberdade, com a dedicação pela patria e por todos que para o seu engrandecimento contribuem com o labor de todos os dias. Os meus collegas e camaradas de officina, os typographos, podem attestar, com o tracto de todas as horas, quanto em mim são sinceros estes sentimentos.»

calado sobre os meus infortúnios, e sempre alegre. No café bilhar da rua do Ouro, depois denominado *Aurea Peninsular*, encontrava-me varias noites com um rapaz socegado e sem ambições, de conversação ingenua, maneiras polidas, e em quem eu percebi singular delicadeza de sentimentos, que logo me prenderam a elle. Era José de Almeida <sup>1</sup>, filho de uma modesta familia da baixa, da qual era chefe um empregado publico distincto. José de Almeida tambem sympathisava commigo, e tendo-me elle apresentado á familia, esta em breve me estimava, tratando-me sempre com affecto e distincção.

«Como eu tinha alli aquelle apoio, e não possuia então mais ninguem em Lisboa, aluguei um quarto proximo, n'um quinto andar, ou trapeira do predio á esquina da travessa de S. Nicolau e rua dos Douradores, e fiz d'elle o meu quartel nocturno. Tempos andados, foi d'este quarto, que era um esconso com uma janella, e onde apenas cabia a minha cama, que saíram para a publicidade os primeiros prospectos d'um jornal noticioso de 10 réis, mas que não devia vender-se avulso nas ruas, e que se chamaria o *Boletim Noticioso*.

«Mas não compliquemos os apontamentos. A febre amarella dizimava cruelmente a população de Lisboa. Começára pela Ribeira Velha, e uma das

---

<sup>1</sup> José Joaquim Monteiro de Almeida, empregado do commercio, era filho de um digno funcionario da alfandega do consumo, que me consta viver ainda. Aquelle infeliz moço dedicou Eduardo Coelho a ultima poesia do seu romance em verso — *o Filho das Artes* (1858) — trabalho este que, segundo se deprehende da nota final, que o acompanha, foi escripto juncto ao leito d'aquelle seu amigo moribundo.

suas primeiras victimas fôra um rapaz meu amigo, Salvador Calais, que morava na rua da Padaria. Salvador, que era um rapaz de 17 annos, falleceu com o corpo cheio de nodos negros, e como então não fosse cousa bem definida, para o publico e para os medicos, a febre amarella, dizia-se que elle levava alguma sova com um sacco cheio de areia!

«Mas bem depressa se conheceu todo o horror do flagello, pois na baixa morreram familias inteiras, e aquellas ruas foram uma crypta immensa. A' Ribeira Velha, houve uma casa d'um vidraceiro, na qual falleceram 9 pessoas, e tiveram de ser postas travessas nas portas, pela auctoridade. Na rua dos Douradores a mortalidade foi estu-penda. Da igreja de S. Nicolau partiam, ás noites, para os cemiterios, enterros, em que se transportavam 30 cadaveres, em outras tantas seges.

«Voltava eu um dia da Imprensa Nacional a casa d'aquella boa familia, e encontrei o José com febre. Combinei logo com a mãe ficar juncto do meu amigo, e não ir no dia seguinte á imprensa. Como o pae, que me estimava, não havia de querer que eu perdesse o meu salario, porque me fazia falta, dir-lhe-hia que não havia que compôr. E assim se fez.

«Chamou-se logo o medico da casa, e o José teve um tractamento rigoroso, que não impediu a doença de progredir rapidamente, a ponto d'elle manifestar o vomito negro.

«De dia e de noite, pois, alli estive, a pé firme, como enfermeiro do meu amigo, sem descuidar cinco minutos o gravissimo encargo, que me confiava aquella vida.

«Tinha-se por axioma que na febre amarella

havia dois dias de crise — o setimo e o decimo quinto. José de Almeida sobreviveu ao setimo, e chegou ao duodecimo, em que se ergueu da cama, numa grande afflicção, e abraçando-me com os braços já meio hirtos, e d'um tom amarello de limão secco, balbuciou: — És um bom amigo! Na madrugada seguinte expirava. Em casa haviam adoecido da mesma terrivel molestia quatro irmãos do infeliz, e eu era a unica pessoa que alli os animava, porque toda a gente fugia dos doentes da febre amarella. Uma noite, porém, cahi sem forças, no meio d'uma das casas, vencido pela fadiga e pelo somno <sup>1.</sup>

Eduardo Côelho foi, pouco depois, atacado tambem pela terrivel doença, e com tal gravidade, que chegaram, no hospital, a consideral-o inteiramente perdido, e a cobril-o com um lençol, como mortalha, com destino ao cemiterio.

Aos ligeiros apontamentos, que tenho reproduzido, com as indispensaveis alterações, que exigia a sua coordenação, se limita tudo quanto o meu biographado chegou a escrever com destino ás suas projectadas memorias.

Outros muitos episodios, porém, não menos interessantes, se deram, por aquelle tempo, na vida do infatigavel escriptor, e de alguns d'elles, ainda hoje conservados na memoria dos seus amigos d'então, servirão de amostra os seguintes, que tran-

---

<sup>1</sup> Os serviços por Eduardo Coelho prestados durante tão calamitosa quadra, vieram a justificar a concessão que a camara municipal de Lisboa, em sessão de 27 de setembro de 1869, lhe fez do uso da medalha de prata, instituida para galardoar serviços d'aquella natureza, conforme o decreto de 25 de agosto de 1859.

screvo d'uma das folhas que, por occasião da morte de Eduardo Coelho, os divulgaram :

«Muitas vezes o illustre jornalista (contava o periodico a *Tarde*, de 15 de maio de 1889) se referia ao tempo em que soffreu horriveis privações.

«Uma d'ellas foi quando morreu o actor Tasso.

« — Era um bom amigo ! exclamou o Eduardo Coelho, sentado na cadeira presidencial da redacção. Uma vez, quando eu tinha fome ! disse-me que arranjára 30 assignaturas para os meus primeiros versos, e era elle quem puzera o dinheiro da sua algibeira ; assignaturas nem uma ! »

«Morava então na rua do Martim Vaz, n'um segundo andar bem modesto e pago aos mezes.

«Não se dava com pessoa alguma da vizinhança. Uma vez estava á janella e ouviu o seu visinho de cima cantar a canção dos *Zuavos*, que se repetia todas as noites no theatro de D. Fernando, e que estava muito em voga.

«Admirado de ouvir n'aquelle sitio cantar em francez, e para travar relações com o visinho, começou a cantar o *refrain* da canção. D'abi dataram as suas relações até aos seus ultimos dias com o actor Leoni — o visinho — que nos narrou este caso com as lagrimas nos olhos.»

«Ainda com o actor Leoni.

«Eram ambos pobrissimos, mas com amor ao trabalho. Depois de mil combinações para se tornarem *capitalistas*, resolveram fundar uma agencia onde se escreveriam cartas, requerimentos, memoriaes áquelles que o não soubessem fazer. Se bem o pensaram, melhor o fizeram.

«Cartazes feitos á penna, eil-os por Lisboa fóra, muni-dos de pucarinha cheia de massa e d'uma brocha, a affixal-os pelas esquinas !

«Até ao Chiado foi o caso bem, mas em frente dos Martyres surge uma patrulha da municipal, e, apavorada pelo gorro vermelho de zuavo com que sahira Leoni, intima-os a que lhe digam o que estão alli fazendo. Conscios da sua innocencia, mostraram-lhes os seus pequenos cartazes.

«Então o arvorado achou satisfactorias as declarações dos *conspiradores*. Eduardo Coelho e Leoni tinham, por acaso, apresentado o cartaz de pernas para o ar.

«No dia seguinte, estavam elles phantasiando caricaturas no esboroado da parede, entrou-lhes em casa o seu primeiro e ultimo freguez — um sargento de infantaria. Vi-



nha encarregal-os de *preparar* uma missiva amorosa para a viúva do seu capitão !

«Escripta a carta, receberam do sargento tres tostões em prata. Foram tambem os primeiros e os ultimos !»

A vida de typographo mais havia accentuado ainda em Eduardo Coelho, a sua irresistivel tendencia para as letras, que nunca abandonára de todo, e a que resolveu por fim entregar-se definitivamente, sem que o amedrontassem os revezes das primeiras tentativas.

Escrevendo, em 26 de novembro de 1863, uma carta de agradecimento á classe typographica, que por essa occasião lhe prestára, como protesto contra as aggressões de que elle era victima em um dos jornaes da capital, uma solemne e publica homenagem de respeito e de estima, Eduardo Coelho alludia, por estas palavras, a essa nova direcção que tomou a sua tão accidentada carreira : «Entre vós retemperou-se a minha fé ; redobrou-me a coragem, e renasceu-me mais viva a crença no trabalho e no estudo. Deixei-vos, agradecido e saudoso, para ir buscar as eruditas lições do grande poeta, que chamou ao trabalho — riqueza, virtude e vigor —, e com ellas dei entrada no theatro e na imprensa.»

## 1858-1865

Desde 1858, segundo se deprehe de do prologo das *Historias de Hoje*, Eduardo Coelho subsistiu exclusivamente do trabalho litterario, soffrendo durante sete ou oito annos, até á plena acceitação do seu jornal, a pouca fortuna e as muitas privações, que geralmente acompanham quem á vida das letras se dedica, desprovido de quaesquer outros recursos.

Buscando ávidamente a convivencia dos homens illustres d'aquelle tempo, serviu de secretario a dois dos mais eminentes entre todos — José Estevão e Antonio Feliciano de Castilho, com quem esteve alguns mezes, e que sempre o ficou contando no restricto numero dos seus dilectos <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> «Um arremesso do infortunio, dizia Eduardo Coelho, em 1862, em carta dirigida a Castilho, ácerca do *Amor e Melancolia*, e publicada no *Conservador* n.º 206, de 30 de setembro d'aquelle anno, me deparou tão consolador oasis no deserto da vida; e dos fructos que ahí colhi, e dos tragos suaves que ahí libei, já eu não cedo a ninguem a gloria.» E em 1875, recordando, num folhetim do *Diario de Noticias*, um episodio d'essa epocha, escrevia: «Era nos tempos, de certo modo pouco felizes, em que não tinha ainda quem se inquietasse a espreitar se eu podia ou não

Em 1861, convidado por Antonio Xavier de Brederode, proprietario da *Revista Contemporanea*, para ir exercer na capital da França, o cargo de secretario de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, que então residia em Paris, Eduardo Coelho acceitou, com alvoroço, o convite, em carta, de que ficou copia, datada de 25 de outubro d'aquelle anno.

«Antonio Augusto conhecia-me, pela tentativa de romance historico *A vida d'um principe*, de que a *Revista* se occupára, e por artigos e folhetins na *Revolução* e outros jornaes. Não se realisou esse contracto, porque Teixeira de Vasconcellos, que já havia pactuado as condições, resolveu, por essa occasião, regressar a Portugal (março de 1862). Quando chegou, era eu chronista da *Revolução*, onde elle escrevia umas deliciosas correspondencias <sup>1</sup>.»

---

comprar algum titulo de divida publica com o producto do meu trabalho. Já lá vão 18 annos. Occupando o logar de secretario do cantor da *Primavera*, vivia na intimidade d'aquella familia (Castilho).»

<sup>1</sup> *Passeios no estrangeiro*, pag. 56.

Na primeira folha d'um album, que pertenceu ao illustre romancista e fundador do *Jornal da Noite*, e que Eduardo Coelho adquiriu em 1880, deixou este a seguinte nota: «Este album pertenceu ao jornalista portuguez Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Comprei-o no leilão do seu espolio, em Lisboa, por ficar com uma memoria d'aquelle escriptor illustrado, de quem, em dias de pouca fortuna, estive para ser amanuense em Paris, a quem, em dias de mingua e abandono para elle, pude no *Diario de Noticias* proporcionar trabalho remunerador, e a quem vi morrer em Paris, abandonado de todos os affectos de familia, dos amigos, na escura casa da rua Joubert, que tão triste impressão me deixou.» Como collaborador do *Diario de Noticias*, Teixeira de Vasconcellos publicou, em 1870, varios artigos sobre instituições economicas, e a collecção

No prólogo das *Historias de Hoje*, diz-se alludindo-se a esta epocha da vida de Eduardo Coelho :

«Os modestos productos da sua penna iam abysmar-se n'esse golphão sem fundo, que alguém chamou o cemiterio das letras, o jornalismo diario, e o auctor lidava n'este trabalho improbo, muitas vezes util, mas sempre inglorio, dos artigos, das chronicas, das correspondencias diarias, tendo sido largos mezes corresponsente do *Nacional e Porto e Carta*, do Porto, do *Douro*, da Regua, da *Gazeta do Meio Dia*, de Evora, do *Conimbricense*, da *Razão*, de Valença, cinco annos <sup>1</sup> chronista e folhetinista do *Conservador*, e simultaneamente tres, redactor effectivo da *Chronica dos Theatros*, de que foi fundador com o sr. Eusebio Simões, mais de tres annos encarregado da secção noticiosa da *Revolução de Setembro*, e agora, nos ultimos doze annos, redactor do *Diario de Noticias*. Um capital immenso de trabalho irreproduzivel pela maior parte.»

---

de folhetins, que veiu a formar o volume *Papeis Velhos*. Foi pouco depois que elle fundou o *Jornal da Noite*, no qual, passados sete annos (abril de 1877), relembra, com agradecimento, a protecção que Eduardo Coelho lhe dispensara, «quando as eventualidades publicas o haviam condemnado a um ostracismo momentaneo, e de nenhuma sorte merecido, com o qual padecia uma familia inteira.»

«As minhas relações com Antonio Augusto, escreveu Eduardo Coelho no capitulo dos *Passeios no Estrangeiro* consagrado á morte do insigne jornalista, datam da *Revolução de Setembro*, e estreitaram-se na redacção da *Gazeta de Portugal*, notavel folha politica e litteraria de que elle foi fundador, como o fôra do *Arauto*, e de que tinha a responsabilidade, como editor, Brito Aranha, um dos seus collaboradores mais uteis.»

Em sessão da Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes, em março de 1881, Eduardo Coelho propunha, e era unanimemente approvado, que se obtivessem, por subscrição, meios para ser collocada, pela associação, e em nome dos escriptores portuguezes, uma lapide sobre a sepultura de Teixeira de Vasconcellos, cujo corpo ficára em Paris, numa campa rasa do cemiterio Montmartre.

<sup>1</sup> Ha erro. O *Conservador* durou pouco mais de 3 annos.

Não foi, todavia, unicamente nestas folhas que Eduardo Coelho collaborou com effectividade. Em quasi todas as que ha trinta annos se publicavam em Lisboa, e particularmente nas de indole litteraria ou scientifica, se encontram escriptos firmados pelo seu nome.

Especialisarei, por serem dos primeiros e mais antigos periodicos para que escreveu <sup>1</sup>, o *Jornal para todos*, pequena revista illustrada, que começou a publicar-se em Lisboa, em 24 de setembro de 1859, e de que parece ter elle sido, até o n.º 15, o director e redactor principal <sup>2</sup>; o *Archivo Universal* <sup>3</sup>, uma das melhores publicações

<sup>1</sup> Na sessão solemne, celebrada, em 12 de janeiro de 1890, em homenagem a Eduardo Coelho, pela Associação Typographica Lisbonense e artes correlativas, um dos seus mais distinctos socios, o sr. José Antonio Dias, leu um bello artigo, intitulado *Trabalho e ocio*, escripto por aquelle finado jornalista, e inserto no periodico *A Federação* (folha industrial dedicada ás classes operarias) n.º 36, de julho de 1857. Como notou o sr. Dias, foi este um dos primeiros artigos que Eduardo Coelho escreveu para a imprensa operaria, pela qual sempre manifestou especial predileção.

<sup>2</sup> Esta folha, que a principio se imprimia e tinha os escriptorios na calçada do Combro n.º 83, passou depois para a travessa do Alcaide n.º 7 B. Depois d'esta mudança é que julgo ter Eduardo Coelho abandonado a redacção effectiva da revista, em que collaboraram Mendes Leal (Antonio), Eduardo Vidal, Innocencio da Silva, Eduardo Garrido, P. Caldas, Costa e Silva, e outros.

<sup>3</sup> N'esta revista, que até abril de 1860 se imprimiu na *Typographia Universal* da rua dos Calafates n.º 110 (a actual typographia do *Diario de Noticias*) publicou Eduardo Coelho um pequeno romance original — *O Barqueiro do Mondego* —, dedicado a José Maria Pereira Rodrigues. O *Archivo Universal* era, a esse tempo, dirigido por Carlos José Barreiros, J. F. Silveira da Motta, e Rodrigo Paganino.

d'aquella epocha, e que desde o n.º 17 do seu 2.º anno (1860) o incluiu na lista dos seus collaboradores effectivos, entre os quaes figuravam Herculano, Castilho, O. Marreca, Corvo, Latino Coelho e Rebello da Silva; e o *Monitor Portuguez*, que em 1863 começou a publicar-se semanalmente em Lisboa, cujo proprietario era José Cesar de Noronha, e que teve como collaboradores, entre outros, Manuel de Roussado e Julio Cesar Machado, incumbindo-se Eduardo Coelho da *revista litteraria*.

A sua mais longa e assidua collaboração foi, porém, na *Chronica dos Theatros*<sup>1</sup>, periodico quinzenal, que principiou em 1 de setembro de 1861, e de que foi director e quasi exclusivo redactor, durante o primeiro anno, cargo em que lhe succedeu José Maria Pereira Rodrigues; no *Conser-*

---

<sup>1</sup> Impressa na *Typographia Universal*, da rua dos Calafates 110, onde a principio tinha os escriptorios, mais tarde passaram estes para a rua da Prata, 178, 3.º Creio ter sido a primeira folha que Eduardo Coelho ostensivamente dirigiu. Na *Introdução* dizia este: «Sabemos que vamos arcar com as difficuldades que fazem succumbir não poucos periodicos do genero do que damos á estampa. Temos presentes a *Atalaya nacional dos theatros*; a *Sentinella do palco*, a *Galeria theatral*, o *Espectador*, a *Revista dos theatros*, *Revista dos espectaculos* e *Revista de Lisboa*, etc., dos quaes sobretudo estes dois ultimos, redigidos por pennas muito auctorizadas, e creados com todos os elementos de vida, acabaram deixando vivas recordações nos dominios da critica; mas... contamos sobrepujar todos quantos obstaculos se nos oppoñham.» Abandonando a direcção da *Chronica*, quando esta ia entrar na sua 3.ª serie (1 de setembro de 1862), Eduardo Coelho não deixou comtudo de continuar a collaborar n'esse periodico, onde ficaram d'elle alguns folhetins, e muitos artigos de boa critica theatral.

vador <sup>1</sup>, folha politica e noticiosa que começou a publicar-se em Lisboa, em 21 de janeiro de 1862, e de que elle foi, como já acima fica dito, folhetinista e chronista durante alguns annos; e conjunctamente na *Revolução de Setembro*, onde, ainda bastante depois da fundação do *Diario de Noticias*, permaneceu como noticiarista, cargo de que Antonio Rodrigues Sampaio insistia em não o querer exonerar, mesmo quando Eduardo Coelho lhe expunha a impossibilidade de o exercer, e a necessidade de se fazer substituir definitivamente <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> D'este jornal, que tambem era impresso na *Typographia Universal* da rua dos Calafates, n.º 110, onde tinha os escriptorios, foi gerente Antonio Ferreira de Simas Junior, que já o havia sido do periodico a *Lei*, e que veio a ser o administrador do *Diario de Noticias* até 3 de fevereiro de 1890, em que falleceu. O *Conservador* era folha de opposição ao gabinete do duque de Loulé. Eduardo Coelho, sem nunca se envolver na politica do periodico, limitou-se, como chronista, a ser a expressão exacta d'essa entidade, que elle proprio descrevia no 1.º numero do jornal, especie de «judeu errante, que anda, sem cessar, dia e noite, de rua em rua, de casa em casa, de club em club», colhendo elementos para a sua chronica; e a procurar, como folhetinista, «não, ter graça, dizia elle, mas cahir em graça.» O *Conservador* veio a suspender a publicação em 28 de fevereiro de 1865, com o n.º 922. Foram seus redactores principaes D. Antonio Correia de Lacerda (já fallecido), e o sr. Paulo Eduardo Pacheco, que é hoje general de artilheria.

<sup>2</sup> «Ahi se tornou notavel a sua collaboração, pela maneira como Eduardo Coelho redigia as locaes, procurando imprimir-lhes a fôrma litteraria e elegante que Silva Tullio dava ás noticias que escrevia na *Patria* e no *Correio Mercantil*» (*Novidades*, de 15 de maio de 1889.) Aos fallecidos Vieira da Silva, e Luiz da Silva Coutinho, editor e director typographico da *Revolução*, deveu elle a sua entrada para chronista effectivo do jornal, que então era de Mendes Leite e José Estevão.

As relações de Eduardo Coelho com o sr. Pinheiro Chagas, estreitadas mais tarde até á intimidade, datam do tempo, em que ainda aquelle era simples noticiarista do *Conservador*, e tiveram começo num facto, que o illustre romancista e director do *Correio da Manhã* lembrava em 1889, num bello artigo <sup>1</sup> consagrado á morte do seu antigo companheiro e amigo:

«Dias depois da morte de D. Pedro v, conta o sr. Pinheiro Chagas, começou Antonio Feliciano de Castilho a compôr a poesia (*No transitio de D. Pedro v*) que lhe fôra pedida pelo director da *Revista Contemporanea*, Ernesto Biester.»

«Ora, quando a poesia appareceu, eu, que andava procurando todas as occasiões de confiar a minha prosa e os meus versos á letra redonda, entendi que era optimo o en-sejo para applaudir publicamente o grande poeta, e quiz publicar um folhetim em honra da famosa poesia. Como publical-o, porém? Não conhecia um unico jornalista, e ao mesmo tempo não queria que fôsse o proprio Castilho quem me franqueasse os aditos da publicidade. Um amigo meu, João Cesario de Lacerda, tinha a dita ineffavel de ser amigo particular do noticiarista do *Conservador*. O noticiarista, informado por elle da pretensão do desconhecido, que desejava publicar a sua primeira critica debaixo do véo do anonymo, prestou-se generosamente a conceder a esse modesto joven as honras do folhetim, que elle mesmo prefaciaria. Confundido por tão generoso offerecimento, entreguei a minha prosa e a minha calligraphia — ó compositores do *Paiz*, consagrae a homenagem da vossa fervida sympathia aos compositores do *Conservador* em janeiro de 1862! foram os primeiros que se viram a braços com a minha letra! — ao corpo typographico d'esse jornal <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> No jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro (*Diario de Noticias*, n.º 8:460, de 28 de julho de 1889.)

<sup>2</sup> O artigo intitulava-se — *A poesia do sr. Castilho á morte d'el-rei* — e encontra-se no n.º 2 do *Conservador*, de 22 de janeiro de 1862.



«Sabem, porém, como se chamava esse noticiarista, que assim me abria as portas da imprensa, e prefaciava com phrases amaveis uma prosa que não sei como diabo elle entendeu? Chamava-se Eduardo Coelho, e foi elle que eu acompanhei ha oito dias á ultima morada.»

Apezar de, na collaboração do *Conservador*, se manter escrupulosamente alheio a controversias politicas, limitando-se á parte litteraria e noticiosa do jornal, houve quem na imprensa de Lisboa insinuasse, como menos correcto, o facto de elle redigir, ao mesmo tempo, as secções noticiosas de dois periodicos da capital.

Eduardo Coelho immediatamente sahio a campo, levantando a affronta, e abrindo d'este modo devassa publica aos seus actos :

«O encarregado d'esta secção, escrevia elle na *chronica* do *Conservador*, em 21 d'agosto de 1863, espera dever ao cavalheirismo de todos aquelles que o julgarem cabido em contradicção de idéas ou principios, ou réo d'algum acto impróprio d'um caracter leal e honesto, que tem só por patrimonio o trabalho honroso, o obsequio de formularem claras as suas accusações, a fim de que elle possa defender-se de qualquer injustiça que se lhe faça.»

A este appello corresponderam espontaneamente duzentos dos mais considerados negociantes, empregados publicos, escriptores e artistas de Lisboa, que na *Gazeta de Portugal*, e no *Conservador*, accudiram a prestar homenagem ás qualidades de character e de espirito de Eduardo Coelho, ácerca de quem ô seu proprio detractor, o fallecido jornalista e deputado Eduardo Tavares, se via forçado, em respeito á verdade, a fazer a declaração seguinte <sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> *Commercio de Lisboa* de 22 de novembro de 1863.

«Empreguei, como represalia, expressões offensivas do character, aliás immaculado, do sr. Eduardo Coelho, que muito espontaneamente me apraz retirar, dando assim um testemunho sincero da profunda convicção em que estou da sua probidade.»

Outro testemunho, não menos eloquente, havia-lh'o anteriormente dado a classe typographica, no documento em seguida transcripto, assignado por 103 typographos, entre os quaes figuravam os nomes do fallecido Silva e Albuquerque e do sr. P. W. Brito Aranha, e que, sendo primeiramente publicado na *Gazeta de Portugal*, de 12 de outubro de 1863, a redacção politica do *Conservador*, no dia immediato, se apressava a reproduzir :

«Os abaixo assignados, membros da classe typographica, tendo conhecimento de que a reputação do seu antigo collega, e hoje escriptor, o sr. Eduardo Coelho, foi desfavoravelmente avaliada em um dos jornaes diarios, que se publicam na capital, lamentam profundamente tão desagradavel acontecimento, e dão aqui testemunho solemne e espontaneo, pelo conhecimento que têm do mesmo senhor, da sua probidade, intelligencia e confraternidade, qualidades estas que o tornam digno da estima dos seus collegas typographicos. Lisboa, 9 de outubro de 1863.»

Foi durante este periodo de 7 annos, isto é, de 1858 a 1865, que Eduardo Coelho mais se entregou aos trabalhos dramaticos, tanto da sua predilecção, não me constando que, depois da fundação do *Diario de Noticias*, tivesse escripto para o theatro obra de vulto <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Só conheço tres pequenos trabalhos posteriores a 1864: a opereta *Amor aos bofetões*, representada em varios theatros de Lisboa e da provincia; a poesia comica *Amor e rheumatismo*, escripta em 1872, a pedido da viscondessa de

A especial aptidão por elle revelada para o genero, corresponderam as boas graças do publico, e as da *censura*, que, por intermedio dos mais notaveis criticos dramaticos da epocha, lhe approvava e animava as tentativas. E assim era que Lopes de Mendonça, em 6 de julho de 1858, dando o seu voto de approvação ao primeiro ensaio dramatico de Eduardo Coelho, escrevia :

«Está (a comedia *Um numorado exemplar*) correctamente escripta, desenha com verdade o viver e o sentir dos populares typos que reproduz, revela engenho, e está concebida com um intuito de moralidade, fim a que se deve encaminhar toda a fabula dramatica.»

E, no anno seguinte, os censores José da Silva Mendes Leal, Ernesto Biester e o mesmo Lopes de Mendonça, approvavam e recommendavam uma outra comedia de Eduardo Coelho, o *Amor conjugal*, como digna de ser representada no theatro normal, visto «o auctor d'esta producção revelar uma vocação feliz, e uma cultura de espirito, muito superior ao vulgo das peças apresentadas á censura.»

É difficil fazer a enumeração completa do que elle chamou as suas *tentativas dramaticas*, como não é facil tambem enumerar todos os livros que publicou anteriormente a 1865, alguns dos quaes, ha muito, desapareceram totalmente do mercado <sup>1</sup>.

---

Trancoso, e a esta offerecida; e uma scena comica *A Trapeira*, escripta por Eduardo Coelho, em 1887, para sua filha mais velha, que a desempenhou no pequeno theatro da propria casa do auctor. A primeira e a segunda foram publicadas; a terceira ficou inedita.

<sup>1</sup> Para se fazer idéa d'esta difficuldade, bastará notar que, apesar da resenha das obras de Eduardo Coelho, que figura no *Diccionario Bibliographico*, t. 12.º, pag. 304, ter

Da sua obra litteraria, anterior á fundação do *Diario de Noticias*, sobrelevam, porém, tres livros: *A vida d'um principe*, romance historico, que tomou por assumpto a desastrosa morte do principe D. Affonso, filho unico de D. João II, na margem do Tejo, juncto a Santarem, em 12 de julho de 1491; os *Primeiros versos*, volume de 100 paginas, publicado em 1861; e o drama *Opressão e liberdade*, que data do mesmo tempo, mas que só foi publicado dez annos mais tarde.

Os *Primeiros versos* abrem por estas melancolicas quadras — *No ermo* — amostra do tom geral do livro:

Agora que perpassa o somno sobre as palpebras  
Da lassa humanidade, em ti me escondo, ó ermo ;  
Em teu silencio grave eu busco o allivio unico  
Que sobre a terra encontra um coração enfermo.

Enfermo, porque a vida, em penas crudelissimas  
Lhe vae trocando a esp'rança, a crença, a fé, o amor ;  
Delicias, que entrevira, em maguas só convertem-se ;  
Prazeres, que sonhára, expiram junto á dôr.

N'aurora da existencia, a sorte, em vis supplicios  
Trocou-me afagos mil, que o berço me offertou ;  
Um turbilhão social, em seus ingratos impetos,  
Creança, por meu mal ! do lar me arrebatou !

Sem guia errando, a sós, por esse mundo túrbido,  
Rasgarem-me senti o coração no seio ;  
Curvei-me á impiedade, e sei que uma aura gélida,  
Em vez do antigo ardor, de frio enchel-o veio.

---

sido organisada sobre os esclarecimentos por aquelle mesmo prestados ao erudito e consciencioso investigador, sr. Brito Aranha, tal resenha está deficientissima, faltando-lhe proximamente metade dos trabalhos litterarios que nella deviam ter cabimento.

Os outros dois livros, a que alludi, foram pela critica recebidos com justos louvores, e á *Vida de um principe*, encarecida, ao tempo do seu apparecimento, por Silva Tullio, Julio Cesar Machado e Ernesto Biester, que, na *Revista Contemporanea*, lhe consagrou palavras de favoravel acolhimento, deveu Eduardo Coelho o tornar-se conhecido d'uma classe mais escolhida de leitores.

«Conheço por outras obras historicas do talentoso escriptor, dizia ha annos o sr. Pinheiro Chagas, referindo-se ao drama *Oppressão e liberdade*, a consciencia, o escrupulo de investigação com que estuda as epochas de que se occupa.»

«N'essa gentil composição, onde se respira o mais vivo patriotismo, o auctor soube tirar das scenas historicas optimos effeitos dramaticos. . . Mas o que nem todos apreciam, e que é comtudo um dos predicados mais apreciaveis dos romances ou dramas historicos de Eduardo Coelho, é a fidelidade com que estuda a epocha e os personagens, nas suas idéas, no seu modo de falar, no meio em que vivem.»

Não me deterei a apreciar os escriptos de Eduardo Coelho, no periodo que decorre até fins de 1864 <sup>1</sup>. A sua obra capital ia então ser encetada corajosamente, e foi a ella que d'ahi em diante consagrou toda a energia da sua actividade, e todo o poder da sua fecunda intelligencia.

---

<sup>1</sup> Por este tempo, Eduardo Coelho e o dr. J. Cesario de Lacerda, planearam uma publicação mensal, que deveria sair em folhetos, e intitular-se: *Os homens do nosso tempo*. «Eduardo Coelho começou a trabalhar na biographia e apreciação de José Estevão, e o dr. J. Cesario de Lacerda na biographia de Garrett. Cada folheto devia conter a biographia e apreciação dos trabalhos de um homem notavel d'aquella epocha.» (Biographia de Eduardo Coelho, pelo sr. João de Mendonça, no *Occidente*, n.º 376, de 1 de junho de 1889.)

Dentro em pouco ia principiar para Eduardo Coelho uma nova vida. Quando chronista do *Conservador*, escrevera elle estes periodos, que podiam definir 17 annos da sua existencia, desde que chegara a Lisboa, em 1848, até ao começo da prosperidade do seu jornal:

•Eu aqui tenho experimentado de tudo : os sorrisos da ventura e as lagrimas da desgraça ; o remanso e a paz da alma, e a agitação das grandes luctas intimas ; os suaves clarões da esperança, e as procellosas trevas do desalento ; os gratos enlevos do amor, e as cruciantes dôres da traição.

•E só, abandonado, abordoando-me ao trabalho, e socorrendo-me á justiça dos homens de consciencia, se não tenho sahido heroe da lucta, ao menos não depuz as armas no campo, nem recuei perante o perigo.»

Poucos annos depois de escriptas estas palavras, Eduardo Coelho podia affirmar que, sem abandonar um momento os principios que severamente se impuzera, sem depor as armas no campo, nem recuar perante o perigo, sahira emfim heroe da lucta. Porque nenhuma outra lucta, em verdade, houve para elle mais tenaz, mais persistente, mais cortada de riscos e de contrariedades, do que a da implantação do seu jornal, que havia de dar-lhe, com os commodos d'uma legitima fortuna, os louros d'uma gloria honrada.

1865

## O Diario de Noticias

### I

Tendo-se familiarisado com os trabalhos jornalísticos, na assidua collaboração das folhas periodicas de ha 30 annos, Eduardo Coelho foi quem, em Portugal, primeiro e mais perspicazmente do que qualquer outro, previu o largo futuro duma empreza de indole inteiramente nova entre nós, como seria a de um jornal noticioso, genuinamente imparcial e independente, cujo preço estivesse ao alcance de todas as bolsas, e cujo programma e cujos processos se assemelhassem aos de alguns periodicos estrangeiros de sua particular predilecção.

Tornara-se-lhe esta idéa a preocupação de todos os instantes, o objecto de todos os seus planos, o thema favorito das suas conversações, como elle proprio escreveu, traçando em 1885 a biographia do sr. Visconde de S. Marçal <sup>1</sup> ao historiar por estas palavras a fundação do seu *Diario* :

«O auctor d'este esboceto, que em 1864 redigia os noticiarios da *Revolução de Setembro e Conservador*, e as cor-

---

<sup>1</sup> *Diario Illustrado* de 4 de setembro de 1885, e *Diario de Noticias* n.º 7:051, de 6 dos mesmos mez e anno.

responsencias de tres jornaes da provincia, tinha a mais profunda crença no exito d'um jornal do genero da *Correspondencia de España* e do *Petit Journal*, de que muito fallava, e de que já havia dois annos tentára a publicação, por assignatura, com o titulo de *Boletim Noticioso*, jornal de noticias e annuncios a 10 réis.

«Havia 5 annos que lidava nessa idéa, que chegou a qualificar de *monomania*.

«Sendo assiduo redactor do *Conservador*, encontrou-se muitas vezes a fallar na idéa do jornal com Thomaz Quintino, o qual, nutrindo egual fé, se lhe associou para a realisarem, na melhor opportunidade, o que fizeram no dia acima indicado (29 de dezembro de 1864) <sup>1.</sup>»

Muitos julgavam o emprehendimento arriscado, emquanto outros absolutamente descreiam da sua proficuidade; e quem bem conheça o nosso meio, a estreiteza de vistas dos nossos industriaes, e a timidez, até certo ponto justificada, da maioria dos editores portuguezes, sem difficuldade calculará quantos obstaculos se oppoem á realisação desse projecto, em que Eduardo Coelho confiava com uma fé, que se não mallogrou, e quão poderoso auxilio em tal conjunctura lhe prestaria o já então proprietario da *Typographia Universal*, que á nova publicação ligava para sempre o seu honrado nome.

Concorrendo, pois, um com o seu trabalho infatigavel, e outro com as forças do seu então modesto capital, era finalmente lançado á publicidade, entre a natural anciedade dos seus fundadores, a indifferença de um publico sem o habito da leitura, e os desdens dos magnos sacerdotes da litteratura e do jornalismo, no dia 29 de dezem-

---

<sup>1</sup> O n.º 1 do *Diario de Noticias* tem a data de 1 de janeiro de 1865, domingo. Precederam-no, porém, os dois *numeros-programmas* de 29 e 30 de dezembro de 1864.







bro de 1864, o numero-programma do *Diario de Noticias*.

Ahi, a empresa explicava d'esta fórma a indole e a missão da nova folha :

«O *Diario de Noticias* — o seu titulo o está dizendo — será uma compilação cuidadosa de todas as noticias do dia, de todos os paizes e de todas as especialidades, um noticiario universal. Em estylo facil e com a maior concisão, informará o leitor de todas as occorrencias interessantes, assim de Portugal como das demais nações, reproduzindo á ultima hora, todas as novidades politicas, scientificas, artisticas, litterarias, commerciaes, industriaes, agricolas, criminaes e estatisticas, etc. Eliminando o artigo de fundo, não discute politica, nem sustenta polemica. Registra com a possivel verdade todos os acontecimentos, deixando ao leitor, quaesquer que sejam os seus principios e opiniões, o commental-os a seu sabor. Escripto em linguagem decente e urbana, as suas columnas são absolutamente vedadas á exposição dos actos da vida particular dos cidadãos, ás injurias, ás allusões deshonestas e reconvenções insidiosas. E pois um jornal de todos e para todos — para pobres e ricos de ambos os sexos e de todas as condições, classes e partidos.

Todos os paizes ilustrados possuem publicações deste genero, e nomeadamente a Inglaterra, a França, a Belgica, e ainda a nossa visinha Hespanha, publicações que têm attrahido consideravel numero de sympathias, leitores e subscriptores.

A idéa não é, pois, original nossa, senão imitada ou traduzida, como melhor quizerem, para preencher uma notavel lacuna do nosso jornalismo. E os meios de publicação que a empresa do *Diario de Noticias* adopta, embora pareçam singulares, são tambem uma copia fiel do que se usa nesses paizes, onde se comprehendem e exploram todos os meios de publicidade.

O programma do *Diario de Noticias* está posto em acção no seu 1.º numero. A empresa não faz senão uma promessa, e é que buscará corresponder á confiança publica, e ser grata ao favor com que espera vêr acolhida a sua idéa, operando gradualmente todos os melhoramentos que a experiencia lhe fôr aconselhando.»

Este programma, simples como agora parece, importava comtudo, por si só, uma completa inovação de principios na imprensa portugueza.

Estavamos, em verdade, ha um quarto de seculo, pouco mais adiantados do que se estava em França, no tempo da Restauração, no tempo do jornalismo essencialmente doutrinario, em que eram tão grandes os artigos, como pequenas eram as tiragens. Porque ainda effectivamente não havia chegado Girardin, o grande revolucionario da imprensa franceza, e com elle o periodo em que a litteratura e as noticias deviam começar a preponderar nos periodicos, cedendo a politica, a pouco e pouco, o passo á *reportagem* e á *chronica*.

É certo que nem todos reconhecem nesta evolução um verdadeiro progresso, e que, bem ao contrario, muitos lhe attribuem o que vulgarmente se chama «a crescente decadencia do jornalismo»; mas não é menos certo tambem, e não é menos justamente, a meu ver, que outros filiam essa mesma decadencia, por um lado, na exploração da imprensa pelo desenfreado *affarismo* da politica e da finança, que a escravizam a interesses pessoas, nem sempre escrupulosos, e por outro, no desbocamento das polemicas jornalisticas, nessa frequente inobservancia d'uma simples regra de bom viver, por Henri Maret definida nestes justissimos termos—o não escrever cada um aquillo apenas que seja capaz de dizer cara a cara, e de viva voz.

É factó, porém, que, do mesmo modo que no jornalismo politico e de combate, em Portugal, se perpetuou um nome — Antonio Rodrigues Sampaio — ligado a duas folhas notabilissimas — O

*Espectro e a Revolução de Setembro*; do mesmo modo que no jornalismo litterario avulta a memoria do escriptor que entre nós o creou, e mais brilhantemente o desenvolveu — Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos; assim tambem do jornalismo popular e noticioso, imparcial e morigerado, inoffensivo na propaganda e incolor em politica, ha de ficar, distincto entre todos, um modelo no genero — o *Diario de Noticias* — e um nome — o de Eduardo Coelho — que difficilmente se confundirá com o de qualquer outro.

\*  
\* \* \*

A feliz idéa que presidira á criação do jornal, não menos que o modo pratico como se lhe dava realisação, a prodigiosa actividade desenvolvida para em nada se faltar aos pesados compromissos contrahidos, sem demora determinaram um tal crescendo de accitação e de sympathia, que, no fim do primeiro anno de publicação, tinha-se a tiragem do *Diario* elevado, de 5:000, como fôra a principio, a 9:600 exemplares por dia.

Todos procuravam esse «grande jornalsinho», como Bulhão Pato lhe chamava, todos o liam, desde os membros da familia real, que não tardaram a inscrever-se na lista dos seus assignantes, até o mais humilde homem do povo. E se realmente, em pouco mais de um anno, a tiragem quasi duplicava, triplicando o numero dos seus annunciantes e vendedores, simultaneamente tambem fôra elevado ao dobro o maior formato do *Diario* <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Passados os primeiros 5 annos, em fins de 1869, dos

Como era de prever, uma tão rápida prosperidade despertou immediatamente invejas, creando inimisades entre os officiaes do mesmo officio; e á guerra, que desde logo se lhe moveu, alliou-se a exploração pouco escrupulosa de interesseiros especuladores <sup>1</sup>.

50:000 exemplares de jornaes, diariamente publicados em Lisboa, nem menos de 17:000, ou quasi uma terça parte, eram do *Diario de Noticias*.

O seguinte quadro comparativo, em que se tomaram para termos de confronto os annos de 1865 e de 1885, eloquentemente mostrará quanto o *Diario* progrediu durante esses seus primeiros 20 annos:

|  | 1865     | 1885       |
|--|----------|------------|
| Tiragem diaria (média).....  | 7:300    | 26:000     |
| » » (minima).....  | 5:000    | 26:000     |
| » » (maxima).....  | 9:600    | 26:000     |
| Numero maximo de columnas...   | 16       | 44         |
| Numero maximo de linhas (aproximado).....                                    | 1:520    | 11:220     |
| Numero maximo de letras (aproximado).....                                    | 40:000   | 260:000    |
| Numero de annuncios (durante o anno).....                                    | 14:402   | 178:078    |
| Média de annuncios por numero do <i>Diario</i> .....                         | 48       | 490        |
| Minimo de annuncios.....   | 4        | 201        |
| Maximo »   | 141      | 686        |
| Numeros do <i>Diario</i> publicados durante o anno.....                      | 297      | 362        |
| Importancia em réis, das subscrições e esmolas entregues durante o anno..... | 196\$560 | 5:558\$360 |

<sup>1</sup> Eduardo Coelho, num folhetim em verso, do *Diario* n.º 3:381, de 18 de julho de 1875, com o titulo a *Raposa e o Corvo*, parodia a conhecida fabula de Lafontaine, fazendo a si proprio, e ao seu jornal, uma conceituosa applicação da parodia. Conta a historia d'um corvo, que andara «para arranjar um triste queijo — a lidar a vida inteira — lutando com o negro fado, — soffrendo muita canscira»;

Nem uns nem outros olhavam a processos. Mez e meio depois da fundação do *Diario de Noticias*, uma folha de Lisboa tomava, como titulo supplementar, o de *Jornal de Noticias*, facilmente confundivel com aquelle, adoptando identico programma, formato semelhante, e semelhante fórma de venda.

Simultaneamente, propalavam-se contra o *Diario* falsidades de toda a ordem, por parte dos que pretendiam viver á sombra dos seus credits, e desconceitual-o na opinião do publico; e a perseguição chegava a ponto de se pensar em constituir uma liga de todas as administrações dos principaes periodicos de Lisboa, com o fim de publi-

---

d'um corvo que, «pequenito, abandonado — sem pae, sem mãe a seu lado — curtiu muita fome e frio — muito desdem e desprezo — do resto do povo alado.» «... Eis quando — premio das tribulações — arranja um cheiroso queijo — fresco, brando, luzidio. — Foi p'ra ver da bicharia — o comico desvario. — Ante o ramoso poleiro — vac passando a romaria, — desfila o longo cortejo.» «E como o corvo cioso — d'um bem que tanto custou, — se mostrou attencioso, — mas o queijo não largou, — um côro ao longe soou: — «Pifio, rolha, ruim peça! — falso, vil, malsim, poltrão! — que esse teu queijo apodreça, — ou que t'o rôam os ratos! — que morras de indigestão! — que o soffrer te dê mil tractos — impafio paparrotão!» — Não se lembram das rapiñas, — nem dos bichos parasitas, — das mil aves exquisitas, — que o sangue das outras sugam, — das carnicceiras mofinas — garra adunca e rouca voz, — que a nenhuma o pranto enxugam, — e só pensam «Venha a nós!» — Nada, o busilis, a coisa — está no corvo, coitado, — que a ninguém tira um bocado, — que em mesa alheia não poisa — e um minuto não repouisa — p'ra ter o seu queijo honrado. — Só este é o invejado...» «Mas o corvo tinha lido — a historia d'um seu avô», — que «morria, dava o cavaco — por ouvir certas cantigas...» «Esse largara o seu queijo — ás lérias d'uma raposa...» «Essa historia de familia — foi-lhe aviso salutar.»

carem uma folha igual ao *Diario de Noticias*, destinada a distribuição gratuita, e cujo intuito seria aniquilal-o de vez.

Mallogrou-se o plano, denunciado pelo correspondente, em Lisboa, do *Diario Mercantil*, do Porto, e pela imprensa das provincias legitimamente qualificado de «injusta falta de camaradagem», mas não terminaram as aggressões ao *Diario*, nem finidou a perseguição desleal que se lhe movia.

Em 27 de março de 1866, a empresa prevenia os seus leitores do apparecimento de uma outra folha (*As Noticias*) «da mesma indole, e de titulo que, pela semelhança, parecia escolhido de proposito para se confundir com o do *Diario*», e no dia seguinte noticiava que, não só diversas pessoas haviam sido enganadas, mas até lhe haviam faltado vendedores, que a empresa do outro periodico conseguira assalariar, para irem dar morras ao *Diario de Noticias*, em frente das janellas dos escriptorios.

O *Diario* não deixava comtudo de progredir, rompendo corajosamente por entre os que lhe queriam, a todo o transe, impedir a marcha; e, conhecendo bem o intento dos seus inimigos, dizia, em 17 de junho d'aquelle anno:

«O nosso crime é termos fundado um jornal baratissimo para o povo, e que tem a fortuna de possuir consideravel numero de amigos, leitores e annunciantes. *Isto de ter inimigos é uma honrada desgraca*, diz o padre Vieira. Os inimigos veem na proporção dos amigos e dos bens; mas felizmente para nós, na razão de 3 por cento, que é o juro dos papeis de credito <sup>1</sup>.»

---

<sup>1</sup> Por diferentes vezes, e sob diversos pretextos, tem sido renovada a guerra ao *Diario de Noticias*. Em 1881, uma folha da capital iniciava contra elle uma campanha



Depois de uma renhida campanha, em que ficou vencido, mas não convencido, Antonio Augusto de Aguiar, alludindo aos obstaculos que o haviam contrariado no seu nobre empenho de melhorar as condições do porto de Lisboa, affirmava, numa conferencia publica, que os homens de governo se parecem, em muito, com os artistas de theatro; uns e outros, ao mesmo tempo que são victoriados pelo publico, são de ordinario deprimidos, nos bastidores, pelos seus collegas na arte.

O que se dá com os homens de governo, dá-se com todos os que se collocam numa evidencia honrosa.

Eduardo Coelho experimentou-o como poucos; e não foi certamente do publico que partiu essa guerra sem treguas, de que sahii, sem duvida, largamente victorioso, mas de que lhe resultaram amarguras e desgostos, que muito concorreram para que tão breve se lhe consumisse a vida. Porque o publico havia-o comprehendido desde logo; e d'essa prompta comprehensão, d'essa perfeita correspondencia entre a indole do jornal, e o gosto e o entendimento dos seus leitores, proveiu a popularidade que o cercou, e a prosperidade, que

---

de descredito, uma verdadeira *guerra santa*, como lhe chamava o correspondente d'um jornal do Porto, o *Dez de Março*, condemnando-a nos seguintes termos: «É preciso sermos justos. Não acho muito exemplar esta autopsia feita na imprensa a um collega que tem sido sempre o primeiro a dar provas de boa camaradagem, e a quem todos os jornalistas, mais ou menos, devem testemunhos irrecusaveis de cordialidade e sympathia.» E poderia acrescentar que poucos lhos deveriam em tão subido numero, como o jornal e o jornalista por quem o *Diario* era accusado de ser «um dos mais poderosos agentes da corrupção publica!»

serviu de justa recompensa a tantos sacrificios e dissabores <sup>1</sup>.

Se a fortuna do empreendimento estava, em grande parte, na bondade intrinseca da idéa, não menos essencialmente o estava também na maneira como esta viesse a ser posta em pratica <sup>2</sup>. E o programma do *Diario de Noticias*, consubstanciando, ao tempo em que foi concebido, a razão de ser do jornal, não explicaria ainda agora o porquê da sua longa e desafogada existencia, se como tão raro succede a programmas de qualquer natureza, resistindo a todos os contratempos, a todos os ataques, a todas as suggestões, não tivesse, até hoje, sido cumprido com uma pontualidade e um escrupulo verdadeiramente admiraveis.

\*

\* \* \*

Voltaire, nos seus *Conselhos a um jornalista*, havia dicto que o meio unico de um periodico

---

<sup>1</sup> «Na redacção do *Diario de Noticias* ha um ponto em que Eduardo Coelho revela para nós o tino jornalístico — a perfeita equação entre o jornal e o publico que o lê. Daqui, parte da popularidade do *Diario*; o resto deve-o ao seu serviço de informações.» Biographia de Eduardo Coelho no *Diario de Portugal* de 1 de fevereiro de 1880, n.º 664, transcripta no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. 12.º pag. 304.

<sup>2</sup> «Muitos houve que pensaram na fundação do jornal noticioso, e ao verem a prosperidade do *Diario de Noticias* ainda hoje pensam que lhes caberia igual fortuna, se tivessem realiado a sua idéa. Puro engano. A idéa era o menos, a perseverança, o tacto, a prudencia para a realisar e manter sem alteração era o essencial, e para isso nem todos teriam as condições de espirito de Eduardo Coelho.» Artigo de *Ruy-Barbo* (o sr. Alfredo Ribeiro) no jornal satyrico o *Pimpão*, n.º 661, de 19 de maio de 1889.

ainda poder vingar, entre a alluvião de publicações que já no seu tempo enchiam a França, se resumia em duas palavras — ser imparcial.

Ninguem o foi mais e melhor do que Eduardo Coelho; e nenhum jornal, tanto como o *Diario de Noticias*, soube compenetrar-se d'aquella maxima sensatissima.

Muitas folhas, de Portugal e do estrangeiro, a teem inscripto nos seus programmas, como a norma de proceder mais adequada para conquistar leitores. Pouquissimas, porém, se lhe teem sabido conservar fieis, e ainda ha 11 annos apenas, em 1880, um jornal que então começava a imprimir-se em Paris, e que, por uma notavel coincidência, parecia ter copiado quasi textualmente, nalguns pontos, o programma com que o *Diario de Noticias*, 16 annos antes, apparecera em publico, explicava, por estas palavras, os intuitos que presidiam á sua criação:

«Decidido a manter completa independencia, sem se prender a nenhum partido, escrevendo simplesmente a historia, e traduzindo, mais do que a sua propria opinião, a opinião dos outros, pertence a todos, sendo unicamente de si mesmo. É por isto que procurará tornar-se uma criação verdadeiramente nova, entre os jornaes que systematicamente reflectem um partido, um grupo até de tal ou tal partido, quando não succede ser uma determinada individualidade, que aspira, mais ou menos, a ser tida em consideração.»

O *Grand Journal*, que assim se dirigia ao publico francez, considerava, pois, uma *criação verdadeiramente nova* ainda em 1880, e entre os centenaes de folhas que diariamente se imprimem em França, a independencia e a imparcialidade, que apregoava aos seus leitores, e que são, na

realidade, tão facéis de prometter, quanto difficeis de observar sem desvios.

Propondo-se portanto, segundo o seu programma, a *registar com a possível verdade todos os acontecimentos*, e procedendo inalteravelmente nesta conformidade, o *Diario de Noticias* havia descoberto um dos mais efficazes segredos da sua boa fortuna.

Era igualmente uma das suas promessas o *eliminar o artigo de fundo, não discutindo politica, nem sustentando polemica*.

O artigo de fundo, como se sabe, é o que geralmente define a attitude do jornal na politica, marcando o lugar d'este nas fileiras partidarias. Por isso mesmo, é nelle tambem que as paixões resfolgam com mais ardor, é nelle que mais se accentuam as incompatibilidades pessoaes, e mais avultam os antagonismos de facção.

Ora, ao tempo em que o programma do *Diario* promettia a eliminação do artigo de fundo politico, não havia — como ainda hoje é raro — folha que d'elle não fizesse a sua principal arma de combate, e conjunctamente o seu melhor processo de captivar proselytos.

A abstenção da polemica jornalística era, por assim dizer, um corollario da suppressão do artigo editorial politico, onde tal polemica mais larga e mais azedamente se expandia; e estas duas innovações tão salutaes davam, desde logo, ao *Diario* uma situação *sui generis*, definindo-lhe a attitude, e particularisando-lhe o character.

Em 1868, Mendes Leal, dissertando ácerca dos deveres da imprensa, dizia que esta não argumentava, invectivava; não discutia, exprobava; não se contentava de theorias, e só se alimentava

de diffamações, pospondo o acto, para só curar da pessoa <sup>1</sup>.

Claro é que este proceder, bem distante do ideal d'uma imprensa independente e cordata, havia de necessariamente conduzir a esses funestos resultados, que Benjamin Constant apontava, alludindo ao jornalismo francez do seu tempo: não ficar, num paiz de muitos milhões de habitantes, um nome sem macula, uma acção illibada de calúnia, uma memoria pura, uma verdade tranquilisadora, um unico principio consolador.

Proscrevendo tambem das suas columnas a *exposição dos actos da vida particular dos cidadãos, as injurias, as allusões deshonestas e reconvenções insidiosas*, preceituando a correccção d'uma *linguagem decente e urbana*, o *Diario de Noticias* apartava-se ainda com vantagem do caminho trilhado pelos periodicos da epocha.

Nem todos, é certo, o comprehendiam assim, e um dos defeitos que pretendiam encontrar no novo jornal, era precisamente o eximir-se a discussões e evitar polemicas. Defendendo-se, porém, d'esta imputação, o *Diario* respondia:

«Conhecemos quanto é mais facil que a linguagem composta, a phraseologia desgrenhada; menos difficil o estylo caustico que o emolliente; menos obrigada a praxes a paixão desenfreada que a aspiração regrada pela luz serena do entendimento, claro ou obscuro.» (N.º 2:731, de 7 de setembro de 1873).

«Não nos furtamos a entrar em qualquer conversação urbana, decorosa e util; ao que nós fugimos systematicamente é ás polemicas desvairadas, insultuosas e inuteis, que offendem ás vezes a moral e o bom senso, aborrecem os leitores, e são uma das causas principaes da decaden-

<sup>1</sup> *A America*, n.º 9: — *Dos deveres da imprensa.*

cia da imprensa politica, e da indifferença com que, segundo já vimos escripto, o publico a olha por vezes; a essas e a tudo quanto n'esse genero se filia, negamos desde muito absolutamente as nossas columnas, fechando-lhe até as portas da administração, embora com damno dos legitimos interesses da empresa.» (N.º 4:538, de 23 de setembro de 1878).

Não implicavam comtudo estas normas, que invariavelmente tem sido mantidas, o silencio ou a abstenção do *Diario* nas questões de principios, de ordem publica, ou de utilidade geral. Attestam-no o modo como sempre calorosamente pugnou por tudo o que se relacionasse com a liberdade individual e de imprensa — elle que, pela especial natureza do seu programma, menos do que qualquer outro estava sujeito a exorbitar; com o respeito e a inviolabilidade das pessoas; com a autonomia do paiz, os melhoramentos de interesse commum, com todas as grandes e patrioticas manifestações da vitalidade nacional. Provam-no, entre outros factos, a sua infatigavel campanha contra as machinações, que ha 25 annos promoviam a chamada *união iberica*, os seus esforços para a commemoração do tricentenario de Camões, para a realisação do inquerito industrial, da exposição agricola, e ainda mais recentemente das obras do porto de Lisboa, que, como todos reconheceram, desde o ministro que as propoz, até á classe commercial, a quem ellas mais directamente interessavam, á propaganda constante e pertinaz do *Diario* deveram o ser mais promptamente decretadas.

O inteiro desprendimento de tudo que não fosse o cumprimento fiel do programma que se impozera, sem ligações pessoasas, politicas ou financeiras, que compromettessem a critica dos factos, ou

pervertessem a apreciação das pessoas, creavam ao jornal uma singular posição de liberdade e de desassombro, que por isso mesmo lhe imprimia uma superior auctoridade moral <sup>1</sup>.

Francklin, escrevendo a Hopkinson, e applaudindo-o por se não envolver em questões pessoais, dizia-lhe que a vergonha e o escandalo que ellas provocavam, levavam-no a arrepear-se seriamente de emprestar um periodico a quem quer que fosse, antes de meudamente o haver examinado. Tal

---

<sup>1</sup> Em carta dirigida a Eduardo Coelho, em 13 de setembro de 1868, e que precedia o folhetim *Duas facadas* (*Diario de Noticias* n.º 1:117, de 1 de outubro), romance original de Teixeira de Vasconcellos, dizia este: «Folguei muito de que a minha prosa desataviada e chã fôsse vulgarisada na folha mais lida em Portugal, e mais protegida até hoje pelas classes populares. Assim a doutrina da minha narrativa terá grande publicidade, e passará entre o povo reforçada com a auctoridade moral do *Diario de Noticias*, cuja seriedade em todos os assumptos v. tem sabido manter com louvavel discernimento e grande benevolencia.»

Estes predicados fizeram com que o *Diario*, em 1880, fôsse, pela commissão executiva da imprensa de Lisboa para a celebração do tricentenário de Camões, escolhido, na sessão de 8 de abril, para seu *orgão official*, como o foi ainda, desde outubro d'aquelle anno, da Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes, e como foi tambem, e embora officiosamente, o orgão do congresso das associações portuguezas, das commissões nomeadas para a realisação do inquerito industrial de 1881, do centenario do Marquez de Pombal, em 1882, das exposições agricola de 1884 e agricola e industrial de 1888, — numa palavra, de todas as obras philantropicas, e de todos os commettimentos de interesse nacional.

Do diploma de cooperação conferido ao *Diario* pela commissão executiva da exposição agricola de 1884, na tapada da Ajuda, consta o seguinte: «A commissão executiva confere um diploma especial honorifico ao «*Diario de Noticias*» de Lisboa, pelos relevantissimos serviços prestados á agricultura portugueza por occasião da exposição.»

não succederia decerto com a nova folha, que embora com prejuizo de interesses, vedava as suas columnas aos proprios communicados de responsabilidade alheia, desde que envolvessem quaesquer allusões offensivas ou deprimentes.

No n.º 189 do *Diario*, prevenia a empreza de que não admittia «*casos da vida particular ou publicações infamantes, quer para o corpo de redacção, quer para a secção dos annuncios*», não se tomando conhecimento de cartas anonymas; e, no n.º 273, ainda accrescentava:

«Bom conselho ao povo, respeito a todos os cidadãos, acatamento aos poderes constituidos, amor ao progresso, á patria e á religião santa de nossos maiores, e profundo acatamento ao foro da consciencia alheia e ao inviolavel lar do cidadão, eis os preccitos do nosso decalogo. Não faremos nunca da imprensa — foco de luz creadora — instrumento de terror, pelourinho de diffamação, agente de paixões ruins.»

E os 27 annos de vida do *Diario de Noticias* ahi estão attestando, como uma eloquente lição, o respeito com que estes moralisadores principios tem sido inalteravelmente observados.

Escreveu Littré que cada povo tem o jornalismo que merece, e é hoje materia corrente que a imprensa tem conseguido elevar-se á altura d'um verdadeiro *poder do estado* — do primeiro talvez, a acceitar-se a doutrina d'um illustre jornalista francez de que é ella que faz e desfaz todos os demais poderes <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Um nosso insigne jurisconsulto e parlamentar distinctissimo, antigo professor e ministro de estado, a quem se devem os mais notaveis livros de jurisprudencia que nestes ultimos 20 annos têm visto a luz publica em Portugal, escrevendo, em 1885, a Eduardo Coelho, chamava-lhe



Quando, pois, o nivel do senso nacional entre nós attingir um mais alto gráo, quando a opinião publica, dirigida por um mais são criterio, accentuar, com um caracter de generalidade, a sua predilecção pela imprensa genuinamente independente, e verdadeiramente imparcial, então, talvez, ha de melhor apreciar-se a proficuidade da lição que os esforços dos fundadores do *Diario* em si continham, e ha de fazer-se-lhes justiça inteira — essa justiça que até aqui tantas vezes lhes tem sido negada.

\*  
\*   \*   \*

«Se o povo não lia, era porque não tinha leituras accessiveis ás suas limitadas posses, escrevia-se no *Diario de Noticias*, em fins de março de 1865. Com tres mezes de existencia apenas, esta folha é hoje adquirida diariamente por mais de 6:000 pessoas de todas as classes e sexos, desde o paço dos nossos reis, até a humilde morada do pobre.»

Subordinando-se exclusivamente a um fim scientifico, litterario ou artistico — mais geralmente politico — os periodicos da epocha não attentavam em que, estranha á politica, e, pela sua limitada instrucção, pouco interessada pela alta sciencia ou pela alta litteratura, havia no paiz uma classe, de todas a mais numerosa, cuja curiosidade se satisfazia com as noticias de interesse geral,

---

o «*poder occulto por excellencia*», alludindo a esse «*quinto poder do estado, que não precisa de estar reconhecido na constituição, e que, talvez por isso, governa mais do que os restantes quatro poderes reunidos.*»

quanto possível exactas e não desfiguradas pela paixão de quem as transmittisse, e cujo gosto pela leitura não podia evidentemente ser cultivado por meio de publicações muito acima dos seus recursos pecuniarios e intellectuaes. Podia-o, e devia-o ser, comtudo, por meio de escriptos, singelos na forma, facilmente assimilaveis, claros na idéa, e tanto pelo que respeitava aos factos que occurriam, como á diffusão dos conhecimentos geraes indispensaveis á vida, sempre interessantes, sempre praticos, sempre adequados a illustrarem e a prenderem sem esforço a attenção de quem lia.

Ora os jornaes mais considerados de ha 27 annos não satisfaziam manifestamente a este *desideratum*, porque a politica absorvia tudo; e era com verdade que o *Diario de Noticias*, invertendo totalmente estes habitos, dizia, ao encetar o 13.<sup>o</sup> anno da sua publicação :

«Implantando n'este paiz uma publicação nova, de um character especial, destinada principalmente ás classes a quem se não proporcionavam leituras faceis e modicissimas, que, despertando-lhes, pelas novidades quotidianas, os estímulos da curiosidade, as chamassem ao amor do estudo, ao convívio do jornalismo, de que andavam alheadas, e illustrando-as com as copiosas noções do saber que nestes mil nadas de todos os dias se vão, sem esforço, introduzindo no espirito das multidões — á empreza pareceu-lhe que fazia uma obra digna da cooperação e do applauso dos homens justos e imparciaes.»

Reproduzindo, pois, com absoluta imparcialidade, sob o titulo — *Echo dos jornaes* —, e em lugar das pouco edificantes verrinas jornalisticas, a «*opinião das differentes folhas politicas ácerca dos negocios publicos*»; substituindo os longos communicados injuriosos pelas simples *correspondencias*, *noticiosas* de grande parte das terras do paiz;

applaudindo sem reserva todos os actos meritorios, sem olhar a individuos, e nem sequer a justos resentimentos pessoases; o *Diario* offerencia ainda aos seus leitores, em vez do classico e geralmente irritante artigo de fundo politico, não só artigos puramente doutrinarios e impessoaes, mas tambem um corpo de boa sciência pratica, successivamente publicado sob a denominação de *Instrucção Popular, Lições ao Povo, Sciencia para Todos, Conselhos ás Familias, Educação Domestica*, etc. <sup>1</sup>.

Em 1 de janeiro de 1871, notava a empreza:

«Contamos na nossa folha mais de 1:500 artigos de historia patria e universal, geographia e chronologia, a reproducção de quasi todos os factos do annuario historico, artigos biographicos e bibliographicos, boa parte da-historia sagrada, a historia de quasi todos os heroes do christianismo, um compendio de economia social, outro de hygiene popular, outro de chimica, artigos de physica e medicina, e muitos outros que completam a idéa fundamental do nosso programma.»

Como elemento educador, os esforços do *Diario*

---

<sup>1</sup> O bello livro do sr. Luciano Cordeiro, *A Sciencia dos pequeninos*, foi a reproducção de uma serie de artigos primitivamente publicados no *Diario de Noticias*. Os editores, em nome do sr. Luciano Cordeiro, diziam no prefacio: «O que possa haver de bom, de util e de louvavel no facto da publicação d'este escripto, e na propria idéa da sua elaboração, manda-nos o auctor dizer, sem reservas nem hesitações, que pertence completamente ao sr. Eduardo Coelho. Foi elle quem suscitou a idéa inicial, quem convidou a estudal-a e a traduzil-a, o auctor, quem lhe deu a primeira consagração da publicidade no *Diario de Noticias*. Foi elle ainda um dos que mais instaram pela presente edição ampliada e correcta, segundo as exigencias da nova fórma.»

de *Noticias* teem portanto um valor incalculavel.

Ao fechar o seu primeiro anno de existencia, 36 jornaes da provincia reconheciam, em termos de caloroso incitamento, os altos serviços devidos pela instrucção popular a essa empreza, que mal começava, e na ultima semana d'aquelle anno, o *Diario*, transcrevendo o officio d'um regedor de parochia, que era um modelo de ignorancia crassa, definia d'este modo os fins a que mirava:

«Sabem para que são os 9:600 exemplares do *Diario de Noticias*? São para que d'aqui a 9:600 dias não haja em nenhuma freguezia rural do paiz nenhum regedor que escreva ao seu administrador participações do jacz da que abaixo se lê.»

Este fim veiu a ser amplamente realisado; e quando, em vez de 9:600 leitores, o *Diario* conseguira ser lido por 26:000 pessoas, Eduardo Coelho merecia bem as palavras de Antonio Augusto de Aguiar, na carta a que me referi na introducção d'este livro — palavras a que a incontrovertida auctoridade de homens como Herculano, Castilho e D. Antonio da Costa dava, por seu lado, uma plena e honrosa confirmação; merecia bem que o considerassem como *valendo só á sua parte por muitas escolas*, tantos foram os conhecimentos uteis que diffundi, e tantas as boas e salutaes lições, que fez fructificar.

Nos *Assumptos do dia*, secção que devia corresponder á dos artigos de fundo politicos das outras folhas, acham-se tractados todos os problemas que interessam o bem estar do povo.

Não se procurem alli nem catilinarias contra certos governos, nem adulações a determinados governantes. O que nelles se encontra é a defeza ardente de todas as providencias tendentes á pro-

tecção das classes laboriosas e da infancia abandonada, á reorganisação do trabalho operario, ao derramamento da instrucção, á creação de asylos, de albergues e de creches, de escolas e de lyceus, á educação profissional da mulher; é a condemnação das desigualdades do recrutamento, das imperfeições dos tribunaes, da emigração desordenada e aventureira, — é tudo, emfim, o que respeita ás questões vitaes do paiz, á sua regeneração colonial, ao engrandecimento dos seus portos, ao largo desenvolvimento da sua industria e da sua agricultura.

Assim, sem se envolver em politica, o *Diario de Noticias* adoptava, comtudo, como nelle se escrevia em 1885, «*uma boa politica na sua significação pratica, fazendo muitas vezes avultar, pela força da sua mesma isenção, os assumptos de interesse nacional.*»

É verdade que, como elle proprio confessava, d'entre os que não conseguiam descobrir-lhe qualquer parcialidade, «*uns achavam-n'o amarello, outros roxo, este azul, est'outro verde, aquelle encarnado, aquell'outro violeta. . . todas as côres do iris, e suas derivadas*»; e assim ora o intitulavam «*folha official de Prim* (embora do proprio caudillo hespanhol Eduardo Coelho recebesse, por mais de uma vez, cartas de protesto contra algumas asseverações do *Diario*), ora sectaria de Narvaez, agora ministerial, logo opposição, ás vezes folha do paço da Ajuda, e até já periodico miguelista, umas vezes jornal atheu, outras reaccionario, outras protestante, e tudo quanto lhes apraz para honra d'elles, não menos que para galardão nosso.» (*Diario de Noticias*, n.º 852, de 13 de novembro de 1867).

E o proprio *Diario* fornece mais de uma prova edificante da injustiça com que o arguiam de pertencer a um ou outro partido politico.

«Dizia ante-hontem um papel, que nos ama tanto como á verdade : «O *Diario de Noticias* está ao serviço do partido historico». Lê-se no *Campião das Provincias*, folha opposicionista : «O *Diario de Noticias*, que está ao lado do governo prestando-lhe o seu apoio, etc.» *Nota de um collaborador paciente* : Deixem-se de intrigas, e verão que o tal *Diario* está onde sempre esteve, e onde o seu programma inalteravel o manda estar.» (*Diario de Noticias*, n.º 3:469, de 15 de outubro de 1875).

Tendo noticiado a proxima deposição de um ministerio, que effectivamente caía dias depois, succedeu o que era de prever :

«Para os adversarios do governo, nós eramos a folha *sempre bem informada* ; para os seus amigos, soffremos o desdouro da informação ser qualificada de *menos leal*, e *falsa e insidiosa*. São ossos do officio, e habitos da terra.» (*Diario de Noticias* n.º 5:670, de 13 de novembro de 1881.)

O motivo comtudo por que de tão diversas maneiras o apreciavam, dizia-lho um seu assignante, servindo-se d'um conceituoso e conhecido adagio popular :— era porque «a melhor fructa é sempre a mais picada dos passaros», e esta pittoresca explicação definia só de per si, e melhor do que as mais largas e desenvolvidas considerações, o porquê das picadas com que quotidianamente o feriam sem piedade.

\*  
\* \*

A' missão civilisadora que o *Diario de Noticias* se impuzera, e que mais se accentuava com uma

propaganda activissima em favor da criação de institutos de ensino, de associações tendentes a divulgar o gosto pelas sciencias, pelas letras e pelas artes, outras propagandas se alliavam, não menos generosas, e sustentadas com um ardor e uma dedicação, que nunca o povo lhe agradecerá sufficientemente.

Póde bem dizer-se que não tem havido uma reforma unica, uma unica iniciativa proveitosa, neste ultimo quarto de seculo, que tendesse a melhorar a situação do operario, ou a estimular e a desenvolver a aptidão do artista, que naquella folha não encontrasse palávras de incitamento, e em Eduardo Coelho um apostolo tão fervoroso como infatigavel.

Data do primeiro numero do jornal, a primeira supplica em favor dos pobres, para quem se pediam alli casas baratas — generosa e humanitaria aspiração de que o *Diario* dezenas de vezes se tornou echo.

Se attentarmos no resultado das solicitações que diariamente elle tem dirigido á philantropia publica, não será tambem exageração affirmar que poucos estabelecimentos de caridade terão obtido tão importantes recursos pára valer a um tão crescido numero de infelizes. E ainda que outros titulos elle não pudesse apresentar á gratidão das classes menos afortunadas, aquelle bastaria para o engrandecer no conceito geral.

« *Um dos mais nobres deveres da nossa missão é promover o allivio dos que padecem* »; lia-se no *Diario de Noticias*, poucos mezes depois da sua fundação; e logo nesse mesimo anno de 1865, quando ainda elle mal podia dar para se sustentar, distribuia pelos pobres 200,5000 réis appro-

ximadamente, importancia esta que quadruplicava passados apenas dois annos, em 1867, ascendendo as esmolas recebidas em 1870 á quantia de 1:217\$490 réis, com que foram soccorridas 1:116 pessoas ou familias, e subindo a cêrca de 12:000\$000 réis o producto total das que foram distribuidas nos primeiros dez annos da existencia do *Diario*, isto é, até 1875. E, se compararmos essas duas datas — 1865 e 1875 — com a de 1885, ver-se-ha a que extraordinario desenvolvimento chegou essa protecção aos desvalidos da fortuna. Neste anno, o *Diario* conseguiu, por meio de pedidos e de subscripções, e sem contar com o poderoso auxilio prestado a todas as festas ou diversões de caridade, uma importancia superior a 5:550\$000 réis <sup>1</sup>.

Foi em janeiro de 1868, anno em que as esmolas recebidas se elevaram quasi ao dobro das que distribuira em 1867, ou fossem 1:350\$890 réis, que o *Diario de Noticias* montou um serviço

---

<sup>1</sup> «Desde os primeiros dias da existencia d'esta publicação, que nós adoptamos o costume de solicitar esmolas para os pobres, seguindo o exemplo que já estava estabelecido por um dos jornaes mais antigos, buscando assim contribuir para alliviar as desgraças de muitos infelizes que nestes grandes centros de população luctam com a miseria, dando ao mesmo tempo occasião ás pessoas bemfazejas a satisfazerem as aspirações da sua caridade. E com effeito durante os 20 annos decorridos da existencia do *Diario de Noticias*, temos podido recolher do publico, que tão largamente tem escutado as nossas preces, para numerosissimos infortunios, algumas dezenas de contos de réis, que tem suavizado muitas dôres moraes, dado o pão a muitos famintos, consolado muita desgraça. A nossa conta corrente da caixa das esmolas do *Diario de Noticias* está impressa dia a dia nas nossas columnas.» *Diario de Noticias* n.º 6:888, de 26 de março de 1885.



regular de recepção e distribuição de donativos <sup>1</sup>, para o que tinha em seu poder, logo no principio d'esse anno, 1:200 attestados de pessoas que pediam allivio para a sua miseria.

Claro é que no computo acima feito d'estes auxilios prestados pelo *Diario de Noticias*, não se incluye a sua efficaz interferencia em todas as obras philantropicas, que desde a sua fundação se teem realisado em Portugal, e mais particularmente em Lisboa, e que na sua publicidade teem sempre encontrado um dos mais seguros elementos de bom exito.

Bastará lembrar que, pór occasião das inundações de Murcia, tendo-se aberto na imprensa uma subscrição para a compra do jornal (numero unico) *Paris-Murcia*, cuja venda reverteria em favor das victimas de taes inundações, dos 7:000 exemplares subscriptos, 4:700, ou mais de dois terços, foram-no, em 20 dias, por intermedio exclusivo do *Diario de Noticias*.

Com justiça, pois, Vieira da Silva, o convicto apostolo do principio associativo e o defensor estrenuo das classes laboriosas, em mais de uma carta dirigida a Eduardo Coelho, chamava ao *Diario de Noticias* «*echo de toda a obra boa que por esta terra se faz*», exprimindo o seu sincero empenho de que o jornal vivesse e prosperasse, visto que d'elle indispensavelmente precisavam todos os necessitados, todos os desvalidos da sorte; como

---

<sup>1</sup> Este serviço tem estado, desde essa data até o presente, a cargo d'um dos mais antigos empregados da Typographia Universal, e seu gerente, o sr. Luiz Herculano Cesar, que de tal encargo se tem desempenhado com um zelo e dedicação inexcusaveis.

repetidas vezes as associações operarias da capital lh'o significaram tambem, ao agradecer-lhe serviços relevantissimos, pelo popular periodico prestados com tanta dedicação como desinteresse.

E com egual justiça, portanto, á semelhança do modo como Paulo de Cassagnac, por occasião da morte de Villemessant, encarecia os serviços, que em França prestára o jornal o *Figaro* — pelo ardente polemista vivamente recominendado á gratidão dos seus compatriotas — o *Diario de Noticias*, por direito de legitima e honrosa conquista, pôde afoitamente ser apontado ao reconhecimento publico, como tendo sido, entre nós, o verdadeiro «instrumento directo da caridade, o intermediario por excellencia entre os que teem posses, e os que só teem privações.»

## II

A' innovação dos principios estatuidos no seu programma, e a que me tenho referido, o *Diario de Noticias* alliava a do preço e da fôrma de venda, a d'um systema perfeitamente organizado de informações ou *reportagem*, e, com o tempo, a do prodigioso desenvolvimento' dado ao annuncio, como indispensavel intercessor nas transacções de toda a especie.

Alludindo á fundação do jornal francez *La Presse*, creado por Émile de Girardin em 1 de julho de 1836, Émile Mermet escreve :

«Emquanto todos os jornaes de Paris se pagavam de 80 a 120 francos por anno, o preço (da nova folha) fixou-se em 40 francos. Foi uma revolução na imprensa franceza.

O exito justificou o systema : ao fim de dois annos, *La Presse* contava perto de 40:000 assignantes.»

Até o apparecimento do *Diario de Noticias*, os jornaes custavam geralmente a 30 e a 40 réis <sup>1</sup>, sendo totalmente desconhecido o systema de venda avulsa de periodicos nas ruas.

<sup>1</sup> Começou a publicar-se em Lisboa, em 1 d'abril de 1843, um jornal, *O Cinco réis*, de 4 paginas em pequeno formato, e que pouco viveu. Tambem se haviam creado em Lisboa, em 1826, o *Periodico dos Pobres*, e em 1827 o *Periodico para os Pobres*, ambos de pequeno formato, e do custo de 10 réis. O 2.<sup>o</sup> pouco durou; o 1.<sup>o</sup>, augmentando o formato, dobrou o preço. Julgo ter havido tambem, ha proxima-mente 50 annos, uma outra folha, *O Dez réis*, na qual se via gravada uma moeda deste valor.

O primeiro periodico que entre nós se vendeu ao preço de 10 réis; e alguns numeros ainda por menos, a 4, 5, 6 e 8 réis, parece haver sido tambem a primeira *gazeta* que se crê ter existido em Portugal, embora já antes d'ella houvesse os chamados *papeis volantes*, *relações* ou *noticias* avulsas, que todavia não apresentavam, quanto á sua publicação, a periodicidade que caracteriza o jornalismo. Data de novembro de 1641 o primeiro numero d'essa *Gazeta*, em que se relatam as novas todas que ouve nesta côrte e que vieram de varias partes no mes de novembro de 1641. (Com todas as licenças necessarias, e privilegio real. Em Lisboa. Na officina de Lourenço de Auveres.) Era mensal, tinha 4, 6 ou 8 paginas de quarto, contendo geralmente noticias do estrangeiro relativas á politica portugueza, e principalmente á guerra da Hespanha com a Italia, Allemanha e Flandres, e durou até 1647. Não offerencia comtudo paridade com qual-quer dos jornaes que hoje se publicam no paiz, nem sequer no preço, se attendermos á grande differença, quanto ao valor do dinheiro, entre aquella epocha e a actual.

O *fac-simile* desta curiosa *gazeta*, acompanhado duma interessantissima *Noticia*, em francez, ácerca d'ella e do periodo rudimentar da imprensa periodica em Portugal, foi por Eduardo Coelho apresentado ao Congresso litterario internacional, de que era membro, e que em 1880 se reuniu em Lisboa.

Era de tal modo baixo o preço de 10 réis fixado ao *Diario*, mesmo comparado com o de periodicos analogos do estrangeiro, que em dezembro de 1865 a empresa fazia notar essa sensível differença :

«Póde affirmar-se desassombradamente (e a digna imprensa da provincia tem reconhecido esta verdade) que o *Diario de Noticias* é hoje o jornal mais barato do seu genero na Europa : a *Correspondencia de España* extrae 60:000 exemplares por dia ; é um tanto mais pequena que o *Diario de Noticias*, e custa approximadamente 20 réis ; o *Petit Journal*, de Paris, é bastante mais pequeno, extrae diariamente 242:500 exemplares, e custa egualmente 10 réis ; em caso identico estão *Las Noticias* e *Les Nouvelles* <sup>1</sup>.»

Ao mesmo tempo, portanto, que se facilitava,

---

<sup>1</sup> No seu livro *Passeios na Provincia*, pag. 167, escrevia Eduardo Coelho em 1873 : «Temos por vezes de estar a realisar o quasi milagre economico de vender a 7 reaes jornaes, de que só o papel nos custa 6 reaes e meio».

Em 1 de janeiro de 1882, a empresa dizia ao publico :

«Este numero do *Diario de Noticias* inaugura o 18.º anno d'esta publicação, principiada nos dois *numeros-programas* de 29 e 30 de dezembro de 1864. Cada um desses numeros abrangia 16 columnas com 1:520 linhas. A folha que hoje damos tem 44 columnas com 11:220 linhas, quer dizer, é 7 vezes maior do que a folha inicial. A média dos numeros que mensalmente se publicavam era 24 ; hoje é 30, e o preço da assignatura não augmentou. Os annuncios que outr'ora inseriamos com a publicidade de 5:000 exemplares, custavam 20 réis cada linha, e hoje custam o mesmo preço, numa publicidade 5 vezes maior, e cujos effeitos todos reconhecem.»

O preço da *assignatura* longe, porém, de augmentar, foi reduzido, a partir de 1 de julho de 1876, baixando para os assignantes das provincias, de 1\$075 réis, como fôra até alli, a 930 réis por trimestre. Motivára esta redução a lei de 15 de fevereiro de 1876, que diminuira a importancia dos portes de correio, para os jornaes.

pela exiguidade do custo, a aquisição d'um jornal accessivel a todos, com essa mesma facilidade se promovia a divulgação do gosto pela leitura. Deixava esta de ser apanagio dos abastados, para ficar ao alcance de todas as classes, e creava-se uma industria, cuja importancia poucos então poderiam prever, mas de que actualmente vivem milhares de individuos no paiz — a dos vendedores ambulantes de jornaes <sup>1</sup>.

É certo que, muito antes do terremoto de 1755, já se apregoavam e vendiam nas ruas e praças de Lisboa os chamados *papeis volantes*, com que o povo entretinha a sua natural curiosidade, e que a irmandade dos chamados *cegos papelistas* datava de 1604.

O fallecido e illustre academico Silva Tullio, alludindo á industria dos *cegos papelistas*, timidos predecessores dos modernos *rapazes dos jornaes*, affirmava humoristicamente que ella constituia um monopolio, como o tabaco e o sabão <sup>2</sup>. E, em verdade, na parochial de S. Jorge havia uma irmandade de cegos, privilegiada e denominada do Menino Jesus, na qual apenas eram admittidos doze irmãos com vista, que serviam de auxiliares e de guias aos que não viam.

«Eram estes, refere aquelle escriptor, os que

<sup>1</sup> Em 1891 figuravam nos respectivos livros de matricula do governo civil, segundo uma nota que tenho presente, os nomes de 9:750 vendedores ambulantes de jornaes.

<sup>2</sup> *Introducção bibliologica ao primeiro Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias*, em 1865. Neste trabalho, onde o seu auctor allude a algumas «antigualhas importantes para a historia da imprensa em Portugal», annunciava Silva Tullio a publicação da sua *Historia do Jornalismo em Portugal*, que não chegou a terminar, e de que supponho se distribuiram os prospectos.

com o seu moço ou o seu cão, apregoavam os *papeis noticiosos* pelas ruas, e tinham armarios ou tendas de livros usados, com os folhetos novos a *cavallo em barbantes.*»

Tal industria parece ter tido seus *atravessadores*, e contra estes se queixaram os cegos ao Marquez de Pombal, que os attendeu, passando-se «uma provisão regia, datada de 4 de março de 1751, pela qual foi confirmado o privilegio que tinha a irmandade dos cegos, de só elles poderem apregoar e vender pelas ruas, livrinhos, folhinhas, *gazetas, relações, supplementos*, e outros *papeis avulsos impressos*, e que o corregedor passasse mandado geral para que se fizesse tomadia em todos os livros e papeis que fossem vendidos por quem não pertencesse á irmandade dos cegos.»

Como é evidente, porém, o *cego papelista* em pouco podia comparar-se ao actual vendedor de jornaes, para quem o desembaraço, a desenvoltura e a ligeireza, de que absolutamente eram incapazes os desventurados irmãos da privilegiada irmandade do Menino Jesus, constituem o melhor processo de fazer negocio, e a condição *sine qua non* para com proveito exercerem a sua modesta, e para muitos lucrativa industria.

Ao encetar o terceiro mez do seu primeiro anno, lia-se no *Diario de Noticias* o seguinte :

«A nossa folha creou uma nova industria que vae servir de sustentação a muita gente. Já hoje, apesar da estúpida resistencia que tem encontrado da parte da gente desempregada, que antes quer viver sem pão e esmolando, do que empregar-se no modo de vida honroso de vender pelas ruas um periodico, como se vendem outros generos e artigos, que dão muito menos lucro, se occupam em vendel-o 30 rapazes, que colhem uma percentagem diaria de 200, 300 e 400 réis.

O vendedor diligente não vende menos de 100 exemplares cada dia, pelo que tira um lucro certo de 200 réis, levando os jornaes á commissão, ou 300 réis, vendendo por conta propria. A exemplo do que se usa em Hespanha e França, são admittidos para a venda todos os individuos de qualquer idade, e de um e outro sexo. Como se vê, esta industria pôde ser proveitosa a todos os individuos que não teem occupação, nem meios de subsistencia, não só da cidade e seus arredores, como de fóra <sup>1</sup>.»

O numero dos vendedores do *Diario de Noticias* subia a 100, logo em meados de 1865, não sendo já bastantes para as exigencias da venda ; e pôde dizer-se, sem exagero, que dos centenares de vendedores de jornaes, que em grande parte se sustentam d'essa industria, e que dia e noite enxameiam nas ruas da capital, pouquissimos, ou nenhuns, haverá que da venda do *Diario*, mais ou menos, não auferam lucros.

Tão importante é hoje esta classe, que, desde março de 1887, se organisou em associação (a *Associação de soccorros mutuos e escolar dos Vendedores de Jornaes*) á semelhança do que, ha mais

---

<sup>1</sup> A titulo de curiosidade, transcrevo do *Diario de Noticias* n.º 3:510, de 26 de novembro de 1875, a seguinte local : «Manuel Antonio (vendedor do *Diario*) ao ausentar-se, vendera por 100\$000 réis a um collega o direito de servir os seus freguezes, e agora readquiriu esse direito por 200\$000 réis. Estas cedencias de venda, são muito vulgares entre a classe. Dos rapazes, hoje homens, que primeiro se habituaram a vender os jornaes pela rua, quando este *Diario*, depois de vencer todos os obstaculos d'uma iniciação, estabeleceu essa industria, ainda hoje vendem o *Diario de Noticias* em Lisboa e arredores, a freguezes certos e antigos, mais de 50. Muitos d'estes estão casados, e chefes de familia, e quasi todos teem adquirido nas suas terras, pequenas propriedades : uma casinha, uma courela, um barco de pesca, algumas barracas para banhos, pois os mais activos e economicos são ovarinos.»

de 20 annos, fizeram os vendedores de jornaes em Londres, os quaes escolheram então para seu presidente o romancista Carlos Dickens, como os de Lisboa tambem escolheram para seu presidente honorario a Eduardo Coelho, a quem sempre deveram, do mesmo modo que á empresa do *Diario de Noticias*, a mais generosa e desvelada protecção <sup>1</sup>.

Como era natural, o vendedor de jornaes, que subitamente apparecera nas ruas de Lisboa, adquiriu notoriedade e conquistou sympathias. Recrutado principalmente entre uma das classes que mais amor consagram ao trabalho, e que tambem pelos seus costumes mais distinctamente accentuam o seu character, tornou-se uma verdadeira celebridade da rua, não se demorando os theatros a explorarem-na como tal, e actores eminentes,

---

<sup>1</sup> D'isto dão testemunho os *Relatorios* da Associação, em um dos quaes, o de 1889, ao consagrar palavras de sentida saudade á memoria do presidente honorario, Eduardo Coelho, se lê o seguinte: «A vida d'esta associação, apesar do pequeno numero de associados, continúa sendo prospera, mercê da generosa offerta do subsidio mensal que nos é dado pela empresa do *Diario de Noticias*, unico jornal que nos tem favorecido. Por isso esta direcção entende ser do seu dever relembrar sempre este facto.»

Este subsidio, que figura nas contas da associação, do alludido anno, por mais de um terço da receita total, foi concedido desde 1887, «accedendo ao convite da commissão fundadora da *Associação dos Vendedores de Jornaes*, (dizia Eduardo Coelho na carta que, em nome da empresa do *Diario*, dirigiu á mesma commissão), classe a que a mesma empresa determinou a existencia social, creando a venda avulso de jornaes em grande quantidade, e como uma industria definida», e «tanto que os seus fins sejam meramente de socorro mutuo dos seus associados, e de illustração, na conformidade das leis vigentes.»



como Valle e Antonio Pedro, a reproduzirem nos palcos esse typo tão pittoresco, e, naquelle tempo, tão novo.

O garoto pobresinho,  
Que não tem para comer,  
Deixando de ser vadio,  
Vae o *Diario* vender:

Sustenta a triste familia,  
Aprende a ser cidadão,  
E neste tracto co'as letras,  
Colhe seu gráo d'instrucção.

Estas quadras d'um chistoso folhetim em verso de J. Ignacio d'Araujo, mostravam que nem a propria consagração dos poetas faltava a essa nova classe de pequenos industriaes, cuja creação em Portugal ficou sendo uma das mais legitimas glorias da empreza do *Diario de Noticias* <sup>1</sup>.

\*  
\* \* \*

A importancia dada ao serviço de informações, ou de *reportagem*, deve-se ainda ao *Diario de Noticias*, que o implantou no paiz, onde então constituiu uma quasi completa novidade.

Consideravam-n'os os jornalistas de ha trinta annos elemento secundario na factura d'um periodico, concedendo-lhe escassamente duas ou tres acanhadas columnas. Sabe-se, comtudo, a que elevado

---

<sup>1</sup> Um dos primeiros vendedores do *Diario*, que, subindo successivamente postos no jornal, é hoje um dos seus redactores, e o seu editor responsavel, foi o sr. João Baptista Borges, desde creança educado, e tractado como filho, por Eduardo Coelho, a cuja protecção correspondeu sempre com uma amisade sincera e lealissima.

gráo de perfeição esse serviço tem chegado em todos os paizes civilisados, porque de ninguem é ignorado que fabulosas sommas com elle dispendem as mais importantes folhas do mundo, que pagam, a peso de ouro, a primazia d'uma novidade <sup>1</sup>.

Do que eram todavia em Portugal as folhas noticiosas, no seculo passado, e do que ellas ainda foram até meados do seculo actual, traça-nos o seguinte curioso esboço, o erudito investigador Silva Tullio <sup>2</sup>:

«Todos estes papeis eram escaços de noticias do reino; e se falavam de casamentos, obitos ou despachos, era só de gente graúda.

Para se conhecer o que era o *noticiario* d'aquelles tempos, basta a transcripção que vamos fazer.

O terremoto de 1755 succedeu a um sabbado. N'esse tempo a *Gazeta* saía ás quintas feiras. Na immediata á espantosa catastrophe, a folha publicou-se pontualmente, e no fim dizia o seguinte:

Lisboa, 6 de novembro de 1755. O dia primeiro do corrente ficará memoravel a todos os seculos, pelos terremotos e incendios que arruinaram uma grande parte d'esta cidade; mas tem havido a felicidade de se acharem nas ruinas os cofres da fazenda real e da maior parte dos particulares.»

Mais nada!

Hoje, quando arde um predio da baixa, e morre algum

---

<sup>1</sup> É conhecido o facto do *Times* haver posto á venda nas ruas de Londres o texto definitivo d'um tractado, á mesma hora a que os plenipotenciarios reunidos em Berlim o estavam assignando; e foi ainda ao *Times* que os telegrammas do Cabo ácerca da morte do principe imperial Napoleão, publicados em um só numero, deviam ter custado mais de 50:000 francos, ou sejam approximadamente 9:000,000 réis, o que não é facto pouco vulgar no grande jornal londrino. (Émile Mermet — *La publicité en France*, 1880.)

<sup>2</sup> Cit. *Introdução ao 1.º Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias*, em 1865.

bombeiro, no dia seguinte o noticiario de todos os jornaes é uma Eneida (mal comparado), é como se ardesse Troya! Não se lê outra coisa; é um acontecimento memoravel.

Arrazou-se quasi toda Lisboa; morreram sessenta mil almas; estão fumegando os seus melhores templos e palacios incendiados; ainda os gritos de misericordia estão ferindo os ares; o terror paira ainda sobre a cidade; e a *Gazeta* de 1755 cifra todo este quadro em seis linhas de noticiario!

Estaria ainda assombrado o redactor, pelos abalos e pavores da medonha catastrophe a ponto de não atinar com o que havia de dizer?

Não; porque passados mais oito dias, escrevia elle com o mesmo laconismo, ou antes, com egual seccura e frieza parvoa:

«Lisboa, 13 de novembro de 1755. Entre os horrorosos effeitos do terremoto, que se sentiu n'esta cidade no primeiro de novembro, experimentou ruina a grande torre chamada do *Tombo*, em que se guardava o archivo real do reino, o qual se anda restaurando das ruinas da mesma torre, e se anda arrumando; e muitos edificios tiveram a mesma infelicidade.»

Eis o que era um noticiario no tempo do terremoto!»

Assim se conservaram as coisas até a instituição da liberdade de imprensa em 1820.

•N'esse anno, continúa Silva Tullio, houve logo um chuveirão de periodicos, todos politicos, mas que tambem davam suas noticias, posto que fugitivas, e nem sempre.

O mesmo se pôde dizer dos jornaes que saíram á luz depois da restauração de 1833, se exceptuarmos o *Periodico dos Pobres do Porto*, que foi mui copioso de noticias, dadas em folhetim epistolar, mas quasi sempre satyricamente, embora com muita graça e originalidade.

Foi a *Revista Universal Lisbonense*, redigida pelo sr. A. F. de Castilho desde 1841 até 1845, a que entre nós creou o verdadeiro, o genuino, o proveitoso noticiario. Foi o primeiro jornal que abriu uma secção especial e exclusiva para as noticias.

Se nunca se haviam colligido com tanta abundancia, tambem jámais houvera quem as redigisse com tão enfeitado e maravilhoso artificio!

«Philosophia, arte, elocução, pureza de linguagem, opu-

lencia de phrase, poesia, moção dos affectos, riso, prantos, chistes, epigrammas, tudo emfim quanto póde fazer a escripta para arrebatat a alma, e commover o coração, tudo se acha nos diversissimos paineis que formam a galeria de noticias dos primeiros quatro volumes da *Revista*.

Está alli uma selecta modelo neste genero de composição litteraria, que é tão difficil, por isso tão raro.»

O que Silva Tullio apontava como sendo as principaes e mais apreciaveis qualidades da *Revista*, a *philosophia*, a *opulencia de phrase*, o *enfeitado e maravilhoso artificio* do estylo, foi, em grande parte sem duvida, o que mais concorreu para que ella não lograsse ser accepta pela maioria do publico. Porque a limitadissima instrucção d'este não era effectivamente de molde a saborear e a avaliar o superior merecimento de escriptos, que se não mantinham em perfeita equação com o gosto e a comprehensão da generalidade dos leitores.

Concluindo aquella resenha historica do noticia-rio em Portugal, tão interessante por mais de um motivo, Silva Tullio acrescentava :

«Com o exemplo da *Revista*, foram os jornaes alargando o campo das noticias, até que se tornou pratinho obrigado para os leitores. E tanto que em 1851 tivemos de inventar a palavra *noticiario* para titulo de uma das secções da *Semana*, porque o de *noticias diversas, chronicas, locaes*, e outros que se usavam não eram bem expressivos. O termo vingou, porque foi geralmente adoptado pelos jornaes, e já passou para o dictionario da lingua.

O noticia-rio é hoje o melhor visco para engaiolar assignantes. E por isso os jornaes são obrigados a ter passarinhos de noticias, que andem á caça das mais reconditas, e que venham ainda quentes, porque esta volateria não é como a perdiz, que se póde levar á bocca com a mão no nariz.

Tal industria é já antiga em França, e ainda mais na Inglaterra; em Portugal, porém, é modernissima.»

Quem effectivamente primeiro teve entre nós a intuição da extraordinaria importancia a que estava destinada a missão do noticiarista, ou *reporter*, até alli despresada, e tida em tão pouca consideração, foi a nascente empresa do *Diario de Noticias*, que, conforme o seu primitivo sub-titulo promettia, desde logo se tornou um verdadeiro *noticario universal*.

Assinalando esta ancia de saber, esta curiosidade insaciavel, que é uma das characteristics do espirito moderno, Thiers, ao discutir-se na camara franceza a lei da imprensa, proferia, ha 23 annos, estas notaveis palavras :

«Para satisfazer uma necessidade sempre crescente da instrucção, é-nos preciso um livro de todos os dias, feito todos os dias; que digo? duas vezes ao dia; não por um homem depois de meditar 30 annos sobre a sua obra, mas por um grande numero de homens, separados uns dos outros, falando de tudo, da guerra, da paz, das pessoas e das cousas; livro diario escripto em face dos acontecimentos, sobre as informações transmittidas de todos os pontos do globo pelo vapor, impresso de noite pelo vapor, conduzido de manhã pelo vapor, e atravessando as distancias com a velocidade dos elementos.»

Todos hoje teem comprehendido a verdade d'estas affirmações; e os milhares de periodicos que actualmente se publicam no mundo, são outras tantas folhas d'esse colossal *livro de todos os dias*, que tudo divulga e de tudo dá conta, e ao qual a electricidade, bem mais veloz ainda do que o vapor, presta o auxilio da sua rapidez prodigiosa.

Para conseguir o *desideratum*, que a si mesma se impuzera, claro é que a empresa do *Diario de Noticias* precisava de montar um serviço de informações, quanto possivel perfeito. Foi, portanto, o proprio redactor Eduardo Coelho quem deu o exem-

plo, constituindo-se em guia e modelo dos *reporters* mais activos e mais perspicazes. E de tal maneira o fez, que ainda até hoje nenhum outro o excedeu na presteza admiravel com que tudo sabia, e de tudo colhia informações minuciosas, na pasmosa exactidão com que reproduzia quanto ouvira, ou fôsse um simples dito, colhido, de passagem, numa conversação de homens de espirito, ou o discurso mais longo, ou a mais longa e enredada e fatigante discussão publica.

Com razão, pois, era apontada como uma das mais salientes e notaveis qualidades do finado jornalista, esta a que me refiro, e que o tornou o *chronista* de mais recursos da imprensa portugueza.

«Quando assistia a uma cerimonia em que se pronunciavam discursos, escreveu o sr. Pinheiro Chagas no artigo, a que já alludi, do jornal o *Paiz*, do Rio de Janeiro, a um acontecimento qualquer de mil episodios que elle tivesse rapidamente de narrar, ninguem sabia como elle apanhar os toques principaes dos discursos pronunciados, encontrar entre as mil peripecias que se passavam diante dos seus olhos, aquellas que deviam dar ao publico a sensação mais exacta. Muitas vezes estive ao seu lado, nessas occasiões, e maravilhave-me a precisão rigorosa dos largos telegrammas que enviava para o *Diario de Noticias*.»

Não era todavia tão facil como á primeira vista pode parecer, esta arte, em que elle era mestre sem equal. Isto de dar noticias, dizia um espirituoso folhetinista, requer uma sciencia especial. «Ha noticiaristas perigosissimos, e noticias, que o publical-as é pura calamidade. É preciso, pois, que a curiosidade dê o braço á prudencia, e que

a justiça ande a par da sisudeza. Nem a satyra que envenena, nem a maledicencia que mata, nem a politica que intriga, nem a polemica que incommoda.»

Se a importancia dada ao noticiario era uma das maiores novidades que o jornal apresentava, não o eram menos os principios a que esse noticiario se subordinava.

Assim, por exemplo, no tocante a informações policiaes, escrevia-se no n.º 92 do *Diario*:

«Sendo ás vezes em extremo doloroso para alguns cidadãos o verem os seus nomes reproduzidos por extenso em noticias de casos policiaes, resultado muitas vezes de incidentes inevitaveis, a redacção do *Diario de Noticias* resolveu, d'ora em diante, pôr apenas as iniciaes dos individuos que figurarem em casos de minima importancia, e nisto introduz no jornalismo portuguez mais um illustrado uso seguido ha muito pelas principaes folhas estrangeiras. A publicação era muitas vezes estímulo e correctivo, mas outras dava um resultado mui diverso e precario.»

Sucedeu, todavia, que, emquanto uns condemnavam esta innovação, atacavam outros o *Diario* com fundamento na publicidade que dava a factos, que entendiam não dever chegar, por tal via, ao conhecimento do publico. Aquelles achavam que dizia de menos, emquanto estes o accusavam por falar de mais.

Em sua defeza, porém, a empresa adduzia argumentos de razão e exemplos de auctoridade. Aos primeiros dos seus accusadores, respondia indirectamente nestes termos:

«Conhecemos uma folha barata que foi muito aggredda até por ter adoptado o systema de designar apenas por iniciaes, como se faz nas folhas estrangeiras, os operarios e pessoas do povo presos por insignificantes delictos, a

fim de não ficarem prejudicados, visto que não tinham certos elementos de defeza e desaffronta de que dispõem sempre as pessoas gradas. Chamaram-lhe por isto, á tal folha, uma folha que defende os *malandros*, porque, para certas pessoas, das taes em quem parece não abundar o senso moral, um pobre, um maltrapilho, é, *ipso facto*, um homem de maus costumes.»

Aos segundos, que o aggrediam por pretendidas demasias de publicidade, recordava-lhes estes salutaes principios :

«Nos Estados Unidos, na Inglaterra, em França, na Italia, e até na Allemanha, os jornaes fazem registro diario, e muitas vezes apparatuso, de todos os crimes, ainda os mais horriveis; a publicidade, disse um pensador, é o juiz por excellencia de todos os erros e crimes; de todas as idéas falsas e de todas as acções condemnaveis; ha uma consciencia geral que condemna e repudia tudo o que é falso, odioso e repugnante, um justo criterio no espirito das multidões que julga em ultima instancia quanto se faz e escreve. Esconder as podridões, os vicios e as infamias não é remedial-as. Seria o mesmo que tapar uma chaga em que layrasse a gangrena. A publicidade é a verdade, a luz, a instrucção; a não publicidade é a treva, o obscurantismo, a ignorancia. Thévenard escreveu uma nobre aspiração e uma grande verdade: um dia virá, disse elle, em que a publicidade será o unico e o mais cruel castigo destinado ás más acções e ás más doutrinas.»

\*  
\* \*

«No nosso seculo, e neste momento, diz escriptosamente um escriptor e advogado francez, não basta possuir-se o *savoir faire*; é tambem indispensavel o *faire savoir*». «O *nosce te ipsum* de Socrates teve a sua epocha; o progresso moderno substituiu-o por este axioma — *torna-te conhecido*.»

Para verificarmos, por um dos mais frisantes



exemplos, o que ha de verdade nestas palavras, bastará, pelo que respeita a Portugal, lançar os olhos para a secção de annuncios de qualquer folha da actualidade, por mais modesta que seja. Decerto se nos apresentará mais abundante e mais ampla, do que o era, ha 30 annos, a dos mais importantes periodicos do paiz.

Então, alguns, muito poucos, estabelecimentos davam timidamente conta dos productos que tinham para vender; um ou outro annuncio de lei-lão procurava attrahir a attenção dos leitores; e o resto consistia, quasi exclusivamente, em publicações judiciaes, que a lei exigia para validade dos processos, e nos annuncios gratuitos de publicações offerecidas á redacção da folha, que d'esse modo retribuia a offerta.

A isto se reduzia todo o systema de divulgação e de *réclame* á data do apparecimento do *Diario de Noticias*.

«Para com a publicidade, ainda ha 20 annos (escrevia Julio Cesar Machado, em 1874) ninguem entre nós sabia por onde entrar nem sair. Quando um homem precisava fazer um annuncio, tinha uma lida diante de si; e pedia logo uma carta de recommendação para um redactor... Havia o *Gratis*<sup>1</sup>; mas custava um tostão por linha, era im-

---

<sup>1</sup> O *Gratis* foi um dos primeiros, senão o primeiro jornal exclusivamente de annuncios publicado em Portugal. Data de 9 de novembro de 1836.

Houvera no Porto o *Periodico dos annuncios*, em cujo 1.º numero de 19 de outubro de 1827, se lia o seguinte: «Quem pretender publicar uma noticia qualquer não tem mais do que escrevella e entregalla ao redactor, que immediatamente lha faz publicar, sem que nisso faça despezas alguma.» Mas esta folha, que custava 20 réis, dava

presso em papel pardo, e ninguem o lia: tres prendas!».

tambem artigo de fundo, que a censura mutilava sem piedade, e uma ou outra noticia, que não era propriamente annuncio.

O *Gratis* distribuia-se gratuitamente nos logares mais publicos, e affixava-se nas esquinas, custando 40 réis a linha do annuncio.

Em supplemento ao seu n.º 8, os proprietarios do *Gratis* queixavam-se de que alguem lhes usurpára a idéa que presidira á creação da folha, e que era uma innovação no paiz. «Nem o proprio plano e ordenação d'ella (os annuncios era ordenados por classes: *Publicações litterarias, Theatros, Vendas, Leilões, Industria, Offerecimentos, Peditorios*, etc.) escreviam elles, nos quiz deixar intactos, como bem verá quem confrontar o nosso *Gratis* com o *Corretor de Lisboa, gratis*, que este é o nome que á sua obra deu o contrafactor da nossa.»

Em desforra, o *Gratis* tornou-se durante alguns dias, *jornal gratuito de annuncios gratuitos*. Breve, porém, tendo recebido numa semana 1:347 annuncios (menos do dobro do que o *Diario de Noticias* tem publicado em um só dia) «a Sociedade editora do *Gratis*, reconhecendo que não cabia nas forças humanas publicar regularmente todos os annuncios gratuitos que lhe remettiam», decidiu que o preço das inserções fosse sempre o mesmo que adoptasse o *Corretor* (30 réis por linha). Supplantado, porém, este seu rival, o *Gratis* annunciava que *reduzia* (sic) de 30 a 40 réis o preço da linha de annuncio!

A partir de 4 de janeiro de 1837, tambem começou a ter assignantes, que pagavam a *gratuidade* da folha, á razão de 100 réis por mez, e com o tempo chegou a dar aos leitores *noticias, variedades, parte official e commercial*. Os annuncios raro excediam uma duzia por cada numero.

No seu pensamento inicial tem-se inspirado muitas outras publicações, das quaes nenhuma ainda conseguiu viver e radicar-se na acceitação publica.

O *Gratis* acabou quando mais pomposamente se intitulava *jornal de annuncios e do commercio*, reduzido a 2 paginas que, embora se annunciassem diarias, saíam com intervallos de 5, 6 e 7 dias.

Effectivamente, não se faz agora idéa perfeita, ao vêr nas folhas diarias columnas e columnas de pedidos, de recommendações, de participações e avisos de toda a especie, de convites e solicitações para mil diversos fins, ao vêr a offerta e a procura reveladas numa infinidade de manifestações, e revestindo uma extraordinaria variedade de fórmãs, vendo como a vida dum povo, no que tem de mais movimentado e muitas vezes no que deveria ter de mais intimo, se assoalha e se publica, em prosa e em verso, na secção nunciatoria dos periodicos, não se faz idéa, repito, do acanhamento quasi pueril com que ha 25 annos se annunciava, e se fazia o que presentemente se chama *réclame*. É preciso correr as folhas d'aquella epocha para bem se apreciar a differença.

O annuncio era tido por uma ostentação immodesta, e quem d'elle usasse, por mais laconico e parcimonioso que fosse em seus dizeres, passava, aos olhos de quem lia, por um charlatão, ou, se era negociante, por um homem sem freguezia e sem credito — sem o credito e sem a freguezia que hoje, independentemente do annuncio, só com muita difficuldade se obteem.

Julio Cesar Machado explicava chistosamente aquella repugnancia, quando em 1871 consagrava aos annuncios um folhetim do *Diario*.

«Annunciac, annunciac! escrevia elle. Sempre d'ahi se tira alguma cousa. Não o entendiam assim nossos paes, timidos, modestos, calados, vivendo em paz, na sombra, á capucha; vivendo como morreram, sem fama, sem ostentação, e o que é mais, sem precisarem d'isso, porque nesse tempo não havia que temer concorrência, bastava uma taboleta á porta para conservar viva a lembrança dos freguezes, e impedir algum abelhudo de ir estabelecer-se de frente a vender fazenda igual. Estava tudo em Portugal

repartido em classes, ninguem deitava os bracinhos de fóra para se fazer esperto. Tinha cada qual os seus freguezes, que não lhe faziam infidelidades, que por cousa alguma iriam a outro estabelecimento, e d'elles ia vivendo, e com elles se contentava.»

E acrescentava, exhortando o publico a que annunciasse :

«Ó annuncio! ó vida das sociedades! ó tu que vales mais do que a paixão e do que o estylo! Tu que és rapido, variado, axiomatico — toda a gente precisa de ti! . . .

«No annuncio não ha periphrases nem palavrório inutil. Obedece a tres condições: ser claro, moral, e constante; já toda a gente o usa, já toda a gente o quer, já não se póde passar sem elle <sup>1</sup>.»

---

<sup>1</sup> Uma das mais completas apologias do annuncio é a que Lebey publicou no jornal *La Presse*, de 3 de outubro de 1848, e que E. Mermet reproduz no seu *Guia*, que mais de uma vez tem auxiliado este trabalho. Eis alguns dos mais notaveis periodos do artigo de Lebey:

«O annuncio é o meio de fazer chegar a noticia d'um facto ao conhecimento do maior numero possível de industrias. É o intermediario mais natural, mais modesto, mais intelligente e mais economico entre a producção e o consumo.

«O annuncio participa simultaneamente da taboleta, do cartaz, do prospecto e do *commis-voyageur*, ou melhor, é o resumo d'estas quatro fórmãs de publicidade.»

«O annuncio, diz o dr. Bureaud-Riaffrey, é pelos inglezes considerado tão util num jornal, como propriamente a parte politica, e ainda mais indispensavel do que esta. A politica é dominio privilegiado d'alguns; o annuncio é do dominio de todos.»

«Os annuncios correspondem a todas as necessidades da vida; é no jornal que se procura o meio de as satisfazer.

«O *Times* é na realidade a feira permanente de Londres. . . Para achar empregados, ou para ser empregado vae-se á feira: a feira é o annuncio; o annuncio, numa palavra, é a expressão real da vida social, porque representa todas as necessidades, todas as industrias, todas as profissões, todas as artes.»

O apparecimento do *Diario de Noticias* marca, pois, em Portugal o começo do desenvolvimento decisivo do annuncio como intermediario poderoso da maior parte dos negocios, e condição indispensavel para o bom exito da maior parte das empresas <sup>1</sup>. E póde sem duvida dizer-se que é a elle que o *Diario* deve o seu character mais particularmente local, o haver-se tornado o jornal, por excellencia, de Lisboa, visto que é effectivamente na capital, a cujos habitantes melhores e mais immediatos serviços presta, que tem maior numero de leitores, de vendedores e de assignantes.

Referindo-se, no seu estylo faceto, á rapida acceitação do annuncio, desde que apparecera o

<sup>1</sup> O *Diario de Noticias* teve, na propagação do annuncio, um auxiliar valiosissimo — Luiz Maria Pereira de Braun Peixoto, nome hoje talvez quasi esquecido, mas que é justiça recordar aqui.

«Quando o *Diario de Noticias* appareceu (lia-se neste jornal, em 30 de maio de 1878) e que, com elle, começou a desenvolver-se a publicidade pelo annuncio, Braun Peixoto dedicou-se a favorecer e auxiliar essa corrente, creando a sua Agencia (a *Agencia Primitiva de Annuncios*, com a qual o *Diario* tinha um contracto especial).»

No *Diario* n.º 4:431, de 13 de junho de 1878, J. Cesar Machado, dedicando um folhetim á morte do *Peixoto dos annuncios*, escrevia: «N'esse estado exactamente estava o annuncio em Portugal. A *Revolução de Setembro* annunciava ha 20 annos o dr. Nilo, e a *Nação* uns carneiros merinos que vendia um tal Alegria; mas o annuncio estava magnetizado, e o Peixoto é que labutou, girou, insistiu, voltou, instou, até fazer entrar bem nas cabeças dos portuguezes a idéa de que o annuncio é indispensavel, e que ninguem adivinha nem póde saber as cousas sem lhas dizem. Conseguiu-o. Esse é o seu titulo e o seu triumpho. Sujeitou-se, como um judeu, á humildade laboriosa; e venceu pelo unico segredo honroso dos triumphos humanos, a paciencia no trabalho.»

*Diario*, um dos mais prestimosos collaboradores que este teve nos seus primeiros annos, o sr. Marianno Froes, escrevia em 1867 :

«O annuncio é com certeza uma das maiores maravilhas que os homens teem inventado, para proveito da humanidade.

«A litteratura vae levar grande volta; vão-se operar espantosas reformas nas secretarias do jornalismo; o poeta, o romancista, o folhetinista, o noticiarista descerão dos carrapitos das secções litteraria, noticiosa e politica do jornal, e tomarão logar na pagina de annuncios... Haverá poetas a vintem a linha, folhetinistas a pataco a dicta, e fazedores de romance a tres vintens a sobredicta. O annuncio terá interesse, lances dramaticos, peripecias comicas, e estylo...»

Tudo isso elle tem effectivamente hoje, e o que Marianno Froes, por méro humorismo, vaticinava ha 24 annos, veiu a realisar-se plenamente, quando o annuncio, por interesse proprio, passou a revestir todas as fórmãs e todos os estylos litterarios.

A extrema barateza concorria, ao mesmo tempo, para que todos o podessem aproveitar. Notava-se este factõ no proprio *Diario*, em 1870, comparando-se o preço de 20 réis, que a empresa fixára a cada linha, e que ainda hoje conserva, com o que os jornaes estrangeiros de grande publicidade lhe estabeleciam, e que excedia 240 e 260 réis <sup>1</sup>; e numa representação contra o imposto

---

<sup>1</sup> «Depois dos jornaes inglezes, as folhas européas que mais annuncios publicam são os jornaes populares de Vienna de Austria. Seguem-se-lhe immediatamente os jornaes populares portuguezes. Temos já contado 4:000 annuncios num numero do *Times*, 1:000 no *Tagblatt*, de Vienna; cá já chegámos a 600 (e posteriormente á data em que isto se escrevia, em 4 de julho de 1891, o *Diario* inseriu nas suas 4 paginas, 908 annuncios, elevadissima cifra que

sobre os annuncios, dirigida em 26 de maio de 1869 ao parlamento, e na camara dos deputados apresentada pelo illustre estadista o sr. conselheiro Carlos Bento da Silva, a empreza fundamentava a sua exposiçãõ nas considerações seguintes :

«Em nenhuma parte da Europa, e talvez poderiamos dizer do mundo, o jornal e o annuncio teem sido reduzidos a tão extrema barateza como em Portugal.

«Inserir uma linha de annuncio por 20 réis, isto é, pela duodecima parte do que custa em Inglaterra, oitava ou sexta do que custa em França, sexta ou quarta do que custa em Hespanha, numa folha de grande formato, que, vendendo-se por pouco mais de 5 réis (aos revendedores) propague esse annuncio em 10, 15 e 17 mil exemplares, é chamar ao illustrador tracto da imprensa todas as classes, ainda as mais desprovidas de fortuna, alliando á mira do justo premio que deve ter o trabalho honrado do homem laborioso, a aspiraçãõ da utilidade publica.»

### O primeiro numero do *Diario de Noticias* inse-

não tem attingido, e de que nem sequer se tem aproximado, nenhum outro jornal do paiz). Mas Londres tem 4.000:000 de habitantes; Vienna 600:000; Lisboa 250:000. Relativamente, a publicidade cá é superior; e o preço de cada linha em Londres é 240 réis, em Vienna 80 réis, e em Lisboa 20 réis.» (*Diario de Noticias* n.º 4:896, de 24 de setembro de 1879).

No anno seguinte áquelle em que estes factos se faziam notar, o *Figaro*, de 14 de janeiro de 1880, publicava o seguinte aviso: «Partindo d'este indiscutivel principio, de que o valor do annuncio está na razão directa do numero de exemplares e da qualidade dos leitores, decidimo-nos a elevar os preços, ao mesmo tempo que verificavamos, o augmento de tiragem do *Figaro*. Os annuncios propriamente ditos, que, até o presente, eram tarifados a 3 francos a linha, sobem, a partir do começo deste anno, a 4 francos.» Simultaneamente, os *réclames* fixavam-se em 7 francos e meio, e a chamada *petite gazette* a 12 francos a linha. Por isto se poderá avaliar em que reduzido preço se conserva o annuncio em Portugal.

ria apenas 4 annuncios. Mas esta cifra tão rapidamente augmentou que, logo ao quarto mez, a empreza via-se obrigada a prometter uma ampliação de formato para o jornal, e, no fim do primeiro anno, haviam-n'ó procurado nem menos de 14:402 annuncios, ou seja, em média, 48 por dia.

Esta média approximava-se de 135, no segundo anno, em que a totalidade dos annuncios ascendeu a 40:263, e, apesar d'este numero ser elevadissimo para aquella epocha, foi assim successivamente augmentando, a ponto de, em 1885, subir a perto de 180:000, ou approximadamente doze vezes mais do que 20 annos antes, mantendo-se, d'então até hoje, uma constante progressão crescente <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Na ultima *Conta geral da administração financeira do estado na metropole*, publicada no corrente anno, e relativa á gerencia do anno economico de 1889-1890, é que, pela primeira vez, figura, escripturada em separado, a verba do *sello de annuncios nos jornaes e publicações*, creado pelo decreto de 26 de novembro de 1885, art. 88.º e seg. — decreto que começou a vigorar em 1 de janeiro de 1886, e que sujeitava ao sello de 10 réis cada annuncio publicado em qualquer periodico, incluindo o *Diario do Governo*, ou em livro, folheto, cartaz, ou por outra qualquer fórma (n.º 317 da respectiva tabella).

A verba do sello de annuncios escripturada no anno economico de 1889-1890 é de 5:815\$873 réis, que na citada *Conta Geral* vem decomposta e especificada por districtos administrativos. O districto de Lisboa concorreu com 3:425\$830 réis; e o do Porto com 849\$716 réis.

Destes algarismos, confrontados com a cifra dos annuncios publicados no *Diario de Noticias* durante o referido anno economico, isto é, durante os ultimos 6 mezes de 1889, e os primeiros 6 mezes de 1890, cifra que ascendeu a 182:428, vê-se que o *Diario*, só de per si, concorreu com 1:824\$280 réis, ou seja muito mais de metade do



A prosperidade que estes algarismos accusavam, era realmente de molde a suscitar invejas, que muito naturalmente se tem revelado em accusações gratuitas, como a de que o *Diario* se deixa tyrannisar pelo annuncio, ou mais claramente, pelo ganho que d'elle advem á empreza.

Numa folha da capital, que, em parte, tambem sempre se tem sustentado dos annuncios, alguem houve que, sem mesmo guardar o anonymo, arguiu em 1878 os jornaes baratos, de serem um elemento de decadencia, por viverem do interesse do *réclame* e do annuncio.

Não ficou sem resposta a accusação; e o *Diario*, a quem mais directamente ella ia ferir, objectava-lhe no seu n.º 4:533, de 28 de setembro d'aquelle anno:

«Abstrahindo do erro historico que tal affirmção envolve, porque o que chama a tyrannia do *réclame* e do annuncio já existia na imprensa antes dos jornaes baratos, que nada mais fizeram do que alargar os dominios da sua publicidade, e sem deixar de notar que de *réclames* interesseiros e tyrannicos está cheia a vida, em todas as relações sociaes, e que principalmente na nossa politica existe o *réclame* permanente, mais deslavado ás vezes, e mais pernicioso que os das modistas, dos medicos, dos fabricantes de elixires e dos dulcamaras de todas as especies, observaremos que não ficará mal acompanhada a imprensa portugueza nessa decadencia, pois tem a seu lado e do mesmo modo *escravisados* pelo *réclame* e pelo annuncio os primeiros jornaes do mundo: ocioso é mencionar o *New York Herald*, o *Times*, o *Daily Telegraph*, o *Figaro*, o *Commercio* do Rio de Janeiro e outros. Não são esses

---

rendimento dos annuncios em todos os periodicos e publicações do districto de Lisboa; mais do dobro, relativamente ao do Porto; e quasi uma terça parte d'aquelle mesmo rendimento em todos os 17 districtos da metropole.

instrumentos industriaes que escravizam, e abatem, e agrihoam a imprensa. Se são exaggerados e falsos, teem sempre o grande correctivo do exame publico.

«Os annuncios amorosos, que não foram introduzidos na imprensa pelos jornaes baratos, são pratica antiga numa das mais importantes folhas inglezas, nalgumas francezas, uma grande folha italiana dá-lhes livre curso; e em França ha até um jornal exclusivamente dedicado a essa especie; o amor não deixava de existir sem elles, nem nos parece que elles augmentem a corrupção social, ou que a sua ausencia a possa corrigir.»

O *Diario de Noticias*, porém, não deixava apenas ao *exame publico* a correcção dos desmandos: era a propria empreza que sujeitava escrupulosamente a inserção dos annuncios a restricções apertadas, no intuito de cortar abusos de qualquer ordem.

Recordarei apenas uma prescripção que, desde o seu começo, o *Diario* voluntariamente se impôz, e a que já tive occasião de referir-me — a de «não admittir casos da vida particular ou publicações infamantes, quer para o corpo do jornal, quer para a secção dos annuncios».

Além d'isto, a empreza perseguia sem tregoa os auctores de annuncios falsos, ou que fossem apresentados por supposta pessoa, tendendo a desconceituar quem quer que fôsse, e no *Diario* n.º 830, de 17 de outubro de 1867, lia-se a seguinte prevenção:

«O *Diario de Noticias*, não desejando por esse modo, ainda que indirecto, contribuir para a realisação de contractos de tal natureza, que são punidos pela lei, deixará d'ora avante de publicar qualquer annuncio que offereça dinheiro para a acquisição de qualquer emprego publico; assim como se recusa todos os dias a fazer muitas publicações pagas e que offendem os principios em que assenta o seu invariavel programma, ou tendem a prejudicar no

conceito publico qualquer individuo ou corporação. Sacrifica assim uma parte dos seus interesses, mas cumpre o que julga ser do seu dever.»

Ainda, por um excesso de escrupulo, que muitas das mais consideradas folhas do estrangeiro nunca tiveram, quando, em 1868, foi entregue na administração do *Diario* um annuncio de convite ás senhoras que quizessem casar — annuncios aliás correntes e vulgarissimos nos periodicos de outros paizes — a empresa rogava ao annunciante «que se dignasse garantir a honestidade das suas intenções perante uma auctoridade administrativa, a fim de que essa garantia lhe removesse os seus justos escrupulos.»

Preferia ao que se vê, peccar por demasiado melindre, a tornar-se connivente num facto, que se lhe afigurou poder ser-lhe imputado como menos correcto <sup>1</sup>.

O publico, a quem o *Diario* quotidianamente prestava valiosos serviços, sem de nenhum modo lhe fazer sombra, foi quem sempre comprehendeu as vantagens que o jornal lhe offercia, e practicamente o compensou da guerra que lhe tem movido essa *inveja raladora*, a que Eduardo Coelho tantas vezes, e com tão perfeito conhecimento de causa, se refere nos seus escriptos.

Os inglezes chamam *medium* á folha que melhor consegue tornar-se o medianeiro entre a oferta e a procura. Os 200:000 annuncios que an-

---

<sup>1</sup> Bertin Ainé, antigo proprietario do *Journal des Débats*, julgou-se obrigado a reembolsar um assignante do preço duma fazenda, comprada em virtude d'um annuncio que naquelle periodico fôra publicado, e que não correspondia em qualidade, ao custo e aos elogios com que o annunciante a recommendara.

nualmente procuram o *Diario de Noticias*, provam-lhe que é elle o *medium*, por excellencia, da capital, e são tambem o mais eloquente e significativo testemunho da sympathia que inspira, e da larga acceitação que mantem.

## III

De todos os factores que tenho enunciado — do preço do jornal, que punha este ao alcance até dos menos abastados; da fôrma de venda, que a ninguem o deixava passar despercebido; do modo como era redigido, e que fazia com que a todos interessasse e fosse comprehensivel a sua leitura; e do annuncio, emfim, que tornava uma quasi necessidade a sua consulta — d'estes quatro elementos proveiu a popularidade que promptamente acolheu o *Diario*.

Lê-o o pobre, lê-o o rico,  
Lê-o o velho, lê-o o moço,  
Pois é tão indispensavel  
Como o pão para o almoço.

Isto escrevia J. Ignacio de Araujo, numas chistosas quadras dedicadas aos vendedores do *Diario*; e em outro folhetim, igualmente humoristico, intitulado *Necessidade das noticias*, acrescentava:

Curiosos neste mundo,  
Mais ou menos, todos são.  
Novidades e noticias  
Sempre tem acceitação.

E por isso, se a verdade  
Um jornal não atropella  
Nas noticias que apresenta,  
Vende-se como canella.

Se bons *artigos de fundo*  
Muita gente passa em claro,  
Lê com certeza os annuncios,  
E escapar-lhe um só é raro.

Sob esta fórma faceta, exprimia-se realmente uma verdade, que os factos se teem encarregado de demonstrar á evidencia.

Para essa popularidade vieram ainda, porém, concorrer poderosamente as publicações de sensação, a que foram de preferencia destinadas as columnas do folhetim. Em França, a experiencia mostra, principalmente pelo que respeita aos jornaes populares, que o romance, pela indifferença ou pelo interesse com que é acolhido, determina nas tiragens fluctuações de 10:000 a 30:000 exemplares por dia.

O extraordinario exito que desde logo obteve o jornal de Émile de Girardin, *La Presse*, deveu-o este, não só ao reduzido preço por que se vendia, mas tambem ao modo como era redigido, e aos attractivos do romance-folhetim, habilmente explorado. O mesmo succedeu com o *Petit Journal*; e a *Resurreição do Rocambole*, o famoso romance de Ponson du Terrail, que fez epocha em toda a Europa, elevou, em poucas semanas, de 80:000 a 230:000 exemplares, a tiragem diaria, que ainda cresceu com a publicação do romance *os Thugs*, de cuja traducção o *Diario de Noticias*, em 1866, egualmente se aproveitou, com o mais lisongeiro resultado.

Além das traducções dos romances estrangei-

ros de maior sensação, o *Diario* proporcionava tambem aos seus leitores romances originaes, d'um interesse notavel, como foi em 1870 o *Mysterio da Estrada de Cintra*, modelo no genero, e que é ainda hoje justamente considerado um dos mais bellos e imaginosos trabalhos de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. «Foi esse livro, escrevia Camillo Castello Branco, em carta dirigida ao editor sr. A. M. Pereira, em principios de 1886, que iniciou a refórma das milicias litterarias indigenas, a tropa fandanga, de que eu fui cabo de esquadra. A evolução do estylo data d'ahi... O *Mysterio* ha de ficar assinalado no desenvolvimento das bellas cousas que estavam embryonarias no vocabulario marasmado durante dois seculos» <sup>1</sup>.

No anno seguinte, o *Diario* contava entre os seus folhetinistas habituaes, os srs. Pinheiro Chagas, um dos seus mais antigos collaboradores, e o unico que ainda felizmente vive dos quatro illustres escriptores que cooperaram no primeiro *Brinde* pela empreza distribuido aos seus assignantes, Bulhão Pato, Luiz Augusto Palmeirim, e Julio Cesar Machado, que se conservou como folhetinista effectivo até pouco antes da sua desgraçada morte, em principios de 1890.

<sup>1</sup> «Ha 14 annos, em uma bella manhã, Lisboa estremeceu de terror ao ler no folhetim do nosso jornal a historia pavorosa duma emboscada de que fôra victima na vespera o doutor. . . A policia investigou, a população sobresaltouse, houve até quem deixasse de ir para Cintra receiando nova emboscada de mascarados na charneca, até que os folhetins dos dias immediatos deixaram transparecer a verdade: era tudo um romance, admiravelmente imaginado e admiravelmente escripto.» *Diario de Noticias* n.º 6:797, de 23 de dezembro de 1884.

Além destes, cumpre ainda especialisar, como sendo dos que mais serviços prestaram ao jornal, principalmente nos seus primeiros annos, collaborando nelle com assiduidade, e concorrendo valiosamente para lhe dar interesse e attrahir leitores, os srs. Camillo Marianno Froes e Manuel de Roussado (hoje barão de Roussado), dois dos mais espirituosos e festejados folhetinistas daquella epocha, Francisco Leite Bastos, que, no genero litterario a que se dedicou, deu mostras duma inventiva fecundissima, Luiz de Araujo, o popularrissimo poeta, Bernardino Martins, e Oliveira Pires (Arnaldo de Oliveira) <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Seria muito longa a lista completa dos collaboradores do *Diario* e do *Brinde* annualmente distribuido aos assinantes. Especialisarei entre outros: Camillo Castello Branco, José da Silva Mendes Leal, Ricardo Guimarães (Visconde de Benalcanfor), Rebello da Silva, Antonio Feliciano de Castilho, José Silvestre Ribeiro, Ramos Coelho, Costa Cascaes, D. Antonio da Costa, Visconde de Ouguel-la, Thomaz Ribeiro, Gomes Leal, Gomes de Amorim, Rodrigo Augusto Pequito, Candido de Figueiredo, José Estevão de Moraes Sarmiento, G. Vasconcellos Abreu, Marianno Pina, Fialho de Almeida, Alberto Pimentel, J. I. de Araujo, Moura Cabral, Almeida de Eça, Gervasio Lobato, M. Bulhões, Jayme de Séguier, Silva Tullio, Eugenio de Castilho, marquez de Sousa Holstein, Tavares de Macedo, Ferreira de Mesquita, Andrade Ferreira, Ernesto Marecos, Quirino Chaves, Aristides Abranches, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, Caíel, Guerra Junqueiro, Luiz de Campos, Teixeira de Aragão, Teixeira de Vasconcellos, Silveira da Motta, Osorio de Vasconcellos, Paulo Midosi, Eduardo Vidal, Cesario Verde, Luciano Cordeiro, Adolpho Coelho, Antonio Ennes, J. Batalha Reis, Theophilo Braga, Teixeira Bastos, Christovão Ayres, Emygdio Navarro, Fernando Leal, Coelho de Carvalho, Cesario de Lacerda, Alfredo Ribeiro, Pedro Vidoeira, Pinto de Campos, Carlos Ribeiro, Augusto de Castilho, Visconde de Fi-

O *Diario de Noticias*, de que, por vezes, tanto tem desdenhado a litteratura de alto cothurno, abria comtudo sempre francamente as suas columnas a quantos escriptores de merito o procurassem, tendo sido elle que, pela sua larga publicidade, em Portugal melhor e mais facilmente ajudou a crear fama a muitos dos principaes vultos litterarios da geração moderna. E ao mesmo tempo que, tanto na propria folha, como nos *Brin-des* annuaes, que, desde principio, a empresa distribue aos seus assignantes, têm collaborado poetas como Guerra Junqueiro e João de Deus, Gomes Leal e Cesario Verde, Thomaz Ribeiro e Bulhão Pato, prosadores como Rebello da Silva e Camillo Castello Branco, Mendes Leal e D. Antonio da Costa, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, homens de sciencia como Theophilo Braga e Adolpho Coelho, Silvestre Ribeiro e Teixeira de Aragão, Antonio Augusto de Aguiar e Carlos Ribeiro, nunca deixaram de ser acolhidos com sympathia os que pretendiam começar a sua carreira litteraria, escolhendo sempre a empresa, pelo que respeitava á redacção effectiva do jornal, quem melhor e mais fielmente soubesse cumprir o programma que se impuzera <sup>1</sup>. E com tão

---

ganieri, dr. Antonio Gil, dr. Baldy, Virgilio Machado, J. J. da Silva Amado, Miguel Carlos Correia Paes, Castro Monteiro, Luiz de Mello Breyner, Jayme Victor, Guimarães Fonseca, Cunha Vianna, Vieira da Silva, Carlos Pinto de Almeida, D. Maria Ribeiro de Sá, D. Guiomar Torre-zão, D. Amelia Cardia, Maria Rita Chiappe Cadet, dr. Alfredo Ansur, Claudio José Nunes, Marx de Sori, Carlos Testa, dr. J. da Silva Mattos, Coutinho Garrido, Freitas Jacome, condes da Cunha, de Rio Maior e de Bomfim, Costa Pereira, Alfredo Sarmiento, Sousa Telles, etc.

<sup>1</sup> Em abril de 1865 lia-se no *Diario de Noticias* n.º 96



bom tacto essa escolha tem sido feita, que ainda actualmente a maioria da redacção do *Diario* é

«o pessoal do *Diario de Noticias*, incluindo vendedores, distribuidores, agentes, informadores, compositores e colaboradores effectivos, conta hoje 120 pessoas. O pessoal da redacção e administração acha-se assim distribuido : secretario da redacção, Manuel José da Cruz (fallecido em 1 de junho de 1866, e que foi um dos melhores amigos do jornal, e de Eduardo Coelho) ; politica estrangeira, F. D. d'Almeida e Araujo ; assumptos religiosos, F. A. da Costa Pereira ; folhetinistas effectivos, Camillo Marianno Froes, Bernardino Martins e F. Leite Bastos ; assumptos varios, Santos Nazareth, Pereira ; administração : gerente, A. Ferreira de Simas (fallecido em 3 de fevereiro de 1890, e que foi um prestante auxiliar dos fundadores do *Diario de Noticias*, quando este atravessou a mais difficil quadra da sua existencia) ; ajudante, G. A. Rodrigues ; proprietario administrador, Thomaz Quintino Antunes ; proprietario redactor, Eduardo Coelho ; colaboradores : Marx Sori, Isidoro Sabino Ferreira, Francisco Palha, Eduardo Garrido, Pedro Videira, J. Bonança, Joaquim Andrade Ferreira, A. C. Gouveia, Ernesto Biester, A. Ribeiro, F. A. Coelho, Francisco Serra, Rangel de Lima, José Maria Andrade Ferreira, dr. M. M. de Carvalho, o rev. G. L. d'Almeida e Araujo ; correspondentes : Coimbra, A. Coelho ; Porto, A. R. Tavares ; Madeira, A. C. Freitas ; Brasil, A. G. Coelho.» A Manuel José Palermo da Cruz succedeu, no cargo de secretario da redacção, Senna Freitas, a quem, por sua vez, succedeu em 1868 o irmão de Eduardo Coelho, Adriano Gaspar Coelho, até fins de 1872, em que falleceu. Silva e Albuquerque, o benemerito fundador do *Gremio Popular*, foi, até á sua morte em abril de 1879, revisor e collaborador do *Diario*.

O pessoal superior do *Diario de Noticias*, que actualmente presta ao jornal os serviços da sua muita intelligencia e dedicação, continuando escrupulosamente as tradições legadas pelo seu fallecido director, é assim constituido : redactor principal, o sr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha, o continuador de Innocencio Francisco da Silva na obra monumental do *Diccionario Bibliographico Portuguez* ; redactores effectivos, sr. Albino de Sousa Pimen-

constituída pelos mais antigos companheiros de trabalho de Eduardo Coelho, e que ainda até hoje também, decorridos como são 27 annos, não alteraram nem transgrediram nos seus escriptos os preceitos que presidiram á fundação do periodico.

\*

\* \*

O *Diario de Noticias* havia desde o seu apparecimento impressionado o publico, marcando epocha no jornalismo contemporaneo.

Quando creou o *Petit Journal*, o seu fundador de tal modo encheu de exemplares d'aquella folha as ruas de Paris, que quasi não podia ella deixar de ser lida por quem passava, não havendo, em poucos dias, na capital da França, quem, ao menos de nome, a não conhecesse bem. O mesmo conseguiu a empreza do *Diario*, por meio do preço que os seus vendedores soltavam pelas ruas de Lisboa.

tel, João de Mendonça, João Baptista Borges (tambem editor responsavel do jornal), Eduardo Coelho Junior; administrador, o sr. João Pereira; chefe da revisão, o sr. Diogo Martins Gomes; encarregado do serviço das esmolos, o gerente da Typographia Universal, sr. Luiz Herculano Cesar.

Coadjuva o corpo de redacção o sr. dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo, poeta e prosador distinctissimo, que succedeu a Eduardo Coelho na secção dos *Assumptos do Dia*, pelo illustre escriptor redigida com superior criterio e grande elevação de conceitos; contando-se actualmente na lista dos collaboradores effectivos do *Diario*, entre outros, os srs. Luciano Cordeiro, José Estevão de Moraes Sarmiento, Ramalho Ortigão, Alberto Pimentel (folhetinista quinzenal), Zephyrino Brandão, Joaquim Pessoa, Adrião de Seixas, Emygdio da Silva, e o dedicado correspondente no Porto, o sr. Silva Bravo.

As atenções fixaram-se nessa ruidosa publicação, e a sympathia que despertou, e a prompta popularidade que obteve, levaram outras publicações a imitar-lhe o exemplo, e muitas empresas e industriaes a servir-se do nome do *Diario* como proficuo meio de *réclame*.

Nos theatros, nos concertos publicos, o titulo do *Diario de Noticias* erá aproveitado para designar comedias ou composições musicaes, que buscavam facil acceitação; e nos estabelecimentos commerciaes do mesmo modo o applicavam a generos ou a manufacturas, a que convinha dar um character de novidade, que facilitasse a venda. E decerto não seria dos menos interessantes capitulos deste trabalho, a historia dessas manifestações de apreço, que eram sem duvida, na sua mesma futilidade, uma das mais frisantes demonstrações do interesse com que se acolhia tudo o que respeitasse á nova folha, e até o que apenas della houvesse emprestado o nome. E assim foi que esse jornal, entrando definitivamente nos costumes e nas sympathias do publico, via, passados 21 annos da sua fundação, o seu titulo inscripto na rua em que montára os escriptorios, e que, muito antes do municipio como tal oficialmente a designar, já era mais commumente conhecida pela denominação de *rua do Diario de Noticias* <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Pelo edital de 31 de dezembro de 1885, publicado no *Diario do Governo* n.º 7, de 11 de janeiro de 1886, o presidente da camara municipal de Lisboa (então o sr. José Gregorio da Rosa Araujo) fazia saber «que esta camara, usando da attribuição que lhe confere o n.º 28.º do art. 103.º do *Codigo administrativo*, deliberou na sessão de hoje o seguinte: Que a rua dos Calafates, na área do 3.º bairro, desta cidade, passe a denominar-se *Rua do Diario de Noticias*.»

Já alludi a alguns periodicos que, logo no começo, tentaram usurpar-lhe a popularidade e os interesses, por meio de illegitimas imitações, que ao mesmo tempo constituíam uma perfeita burla para os leitores. Effectivamente, numerosas publicações, do mesmo ou de diverso genero, mas obedecendo nos seus processos de divulgação, e na sua organização economica, a principios identicos aos do *Diario de Noticias*, o seguiram sem demora; e algumas folhas, especialmente das ilhas adjacentes e do Brazil, lhe adoptaram inclusivamente o titulo <sup>1</sup>.

O *Diario* dava conta, com verdadeiro prazer, dos progressos que a sua iniciativa ía determinando, e os seus imitadores, desde que o não agredissem injustamente, longe de lhe excitarem invejas, eram por elle acolhidos com affectuosa estima.

Em janeiro de 1867, no seu n.º 623 lia-se o seguinte :

«A inauguração d'este periodico, é força confessal-o, foi como que um inicio de civilização e progresso. Todas as classes o saudaram como tal, e numerosissimas publicações firmadas no principio economico que presidia á sua criação, vieram dar-lhe outros tantos applausos.»

E já anteriormente se alludia nestes termos ao movimento jornalístico que o *Diario* originára :

---

<sup>1</sup> Tenho conhecimento das seguintes oito folhas, denominadas *Diario de Noticias* : de Ponta Delgada (fundado em 1869 por A. Climaco dos Reis) ; outro, illustrado, fundado na mesma cidade em 1880, e propriedade da firma Rangel Lopes & C.<sup>a</sup> ; o do Funchal, fundado em 1876 ; o do Rio de Janeiro, o da Bahia, o de Pernambuco, e o de Santos, no Brazil; e ainda o do Porto, cuja publicação se annunciava em fins de 1873.

«A civilisadora idéa do *Diario de Noticias* vae fazendo numerosos proselytos no jornalismo. Tres mezes após a publicação do nosso primeiro numero, appareceu no Porto o *Jornal de Noticias*, folha que nos fez a honra de seguir em tudo o nosso programma. Ha pouco n'aquella mesma cidade, o periodico *Restauração* transformou-se em folha noticiosa, e agora (maio de 1865) apparece em Braga o *Noticiarista*, que saúda e festeja e segue o nosso programma.»

Em 16 de março de 1866, ainda se acrescentava :

«Acabamos de receber o prospecto do *Diario Popular*, jornal noticioso, artistico e não politico, que verá a luz publica logo que tenha sufficiente numero de assignantes. Custa o preço do *Diario de Noticias*, e segue de perto o seu programma. Está tambem annunciado para breve outro jornal da mesma indole, e com os mesmos intuitos, intitulado *As Noticias*, e promete-se a reaparição do *Jornal de Noticias*, que já tem tres numeros publicados. Fallase ainda em mais dois jornaes, um do formato e preço do nosso, mas com secção politica e caricaturas na quarta pagina, e outro com o mesmo programma do *Diario de Noticias*. São, pois, 6 folhas identicas á nossa que se annunciam ; com 3 que já houve em Lisboa depois da apparição d'este *Diario*, são 9, e com 2 que existem no Porto, e 1 em Braga, são 12. Doze jornaes d'esta especialidade que o *Diario de Noticias* faz apparecer na arena jornalística, e que são outros tantos titulos de gloria para a idéa que inaugurámos n'esta terra.»

Este numero tinha subido a 21, até fins de 1870, havendo sido creados no continente, até 1875, isto é, durante os primeiros dez annos do *Diario*, nem menos de 33 periodicos, do custo de 10 réis, e sendo hoje uma excepção o vender-se qualquer folha diaria mais cara do que aquelle preço.

Não admirava, porém, que assim succedesse, desde que a prosperidade de alguns dos jornaes

que mais de perto e melhor souberam imitar o *Diario de Noticias*, fôra tão rapida, que no Rio de Janeiro, por exemplo, a *Gazeta de Noticias*, que adoptára e seguira programma identico ao do *Diario*, apenas com alguns mezes de existencia, alcançava tiragem superior á de algumas das mais importantes folhas do imperio, naquella epocha.

Ao mesmo tempo, fomentando e desenvolvendo o gosto pela leitura, o proprio *Diario*, longe de prejudicar quem se dedicava á vida das letras, concorria para que tanto os livros, como as publicações de toda a especie, tivessem uma procura e uma venda cada vez maiores. Assignalava elle este facto em 1 de janeiro de 1873:

«O numero das edições tem augmentado ultimamente de anno para anno, como se fôra mister que a eloquencia dos algarismos viesse provar d'uma maneira tão positiva e irrefutavel, que no paiz, o jornal, em vez de haver produzido a monstruosidade absurda de matar o livro, bem ao contrario lhe trouxe elementos de vida, creando, além de novos leitores, mais vasto mercado a esse commercio.»

E mais tarde, em 1878, Eduardo Coelho, num folhetim do seu jornal, escrevia:

«Se se comparar este periodo com o de ha 15 annos, ha de reconhecer-se que se desenvolveu prodigiosamente o gosto pela leitura, e se se estudarem as causas á luz d'um criterio desprevenido e justo, ha de encontrar-se entre ellas, como efficiente claramente determinada, a criação do jornalismo popular, factor importantissimo d'este movimento litterario.»

Os numeros são, na verdade, a mais cabal confirmação d'estas palavras.

Na *Representação* enviada á commissão central directora do inquerito industrial pela *Associação*

*Typographica Lisbonense*, representação<sup>1</sup> elaborada por uma commissão especial, e datada de 16 de outubro de 1881, torna-se frisante, pelo que respeita ao districto de Lisboa, o atrazo em que estava, antes da criação do *Diario de Noticias*, e o quanto depois deste se desenvolveu, a industria typographica.

Em 20 annos, augmentaram de 6 a 54 os prélos mechanicos e motores a vapor, augmentando tambem extraordinariamente o consumo do papel, e o dos typos e vinhetas fundidos na Imprensa Nacional.

Este desenvolvimento attribue-o a mencionada representação, redigida por homens particularmente competentes, á criação das folhas periodicas baratas, e designadamente do *Diario de Noticias*.

«É fóra de duvida (escreve-se n'aquelle interessante trabalho) que, a despeito de quaesquer inconvenientes que possam notar-se, a fundação do *Diario de Noticias*, e de muitos outros jornaes da mesma indole, e igualmente accessiveis ás classes menos favorecidas da fortuna, representa um extraordinario, e acaso ainda não bem apreciado serviço a essas claães, concorrendo por modo energico e efficaz para a vulgarisação de conhecimentos uteis, acostumando o povo a interessar-se pelas cousas publicas, cooperando, na sua fórmula singela e despretenciosa, para lhe orientar o espirito n'uma direcção mais pratica e mais consoante as idéas modernas.

«Como natural consequencia das condições notadas, augmentou em larga escala o nosso movimento bibliographico, e a circulação da imprensa noticiosa, litteraria e politica, elevou-se a um algarismo relativamente enorme, pois que se conta ás dezenas de milhares de exemplares.»

---

<sup>1</sup> *Inquerito industrial*, 1.<sup>a</sup> parte, pag. 293.

Nada melhor para o provar do que esse documento, firmado e desenvolvido sobre os mais positivos dados numericos.

Acrescentarei ainda que, publicando-se em Lisboa, em janeiro de 1865, quando se fundou o *Diario de Noticias*, perto de 40 folhas de varias naturezas e fins, á data daquella representação a cifra acima indicada pôde dizer-se que duplicára na capital, crescendo o movimento jornalístico parallelamente em todo o resto do paiz, e calculando-se em proximamente 200 os periodicos que se imprimiam em Portugal e nas colonias.

## IV

«Fructo exclusivo do trabalho honrado de dois homens laboriosos», como Eduardo Coelho escrevia, ao começar o anno de 1870, o *Diario de Noticias* viveu e prosperou, principalmente devido á perfeita uniformidade de vontades e de esforços d'aquelles dois homens, que o fundaram.

A monographia do *Diario*, que a largos traços tenho esboçado, completar-se-ha, portanto, com as notas biographicas d'aquelle dos seus fundadores e proprietarios, em quem actualmente se concentra a superior e zelosissima direcção da folha, e que é ao mesmo tempo tambem o proprietario de um dos melhores e mais acreditados estabelecimentos typographicos de Lisboa, a *Typographia Universal*, onde o jornal tem sido, desde o seu principio, invariavelmente impresso.

«A biographia dos homens que chegam a revelar-se na sociedade pelo producto exclusivo do seu



trabalho, escrevia Eduardo Coelho, em 1885, num affectuoso artigo consagrado ao seu socio e honradissimo cooperador de 30 annos, se abstrahirmos das luctas obscuras, dos sacrificios ignorados, dos soffrimentos que muitas vezes um justo sentimento de dignidade lhes não permite publicar, e que elles, vencedores corajosos, convertem no intimo em outros tantos laureis do seu triumpho, escreve-se com as simples datas da sua vida, e com a méra indicação das principaes phases da sua carreira, sem outros encarecimentos, nem outros artificios. »

São estas indicações que constam, em relação aos mais salientes factos da vida do sr. Visconde de S. Marçal, Thomaz Quintino Antunes, do documento que em seguida transcrevo, e que, além de encerrar interessantes esclarecimentos para a historia da typographia em Lisboa, neste ultimo meio seculo, é, por si só, a eloquente prova da modestia e da simplicidade de character do seu illustre signatario, que, alludindo mais insistentemente a acontecimentos da sua existencia de trabalhador e de artista, cuidadosamente evitou a narração de quaesquer outros, que podessem fazer supôr a quem menos intimamente o conhecesse, o vaidoso intuito de enumerar serviços, de ostentar merecimentos, ou de alardear galardões, por mais bem cabidos que estes hajam sido.

Eis a carta, que á dedicada e sempre obsequiosa amisade do sr. Visconde de S. Marçal deve o auctor d'este livro :

... Sr. Dr. Alfredo da Cunha.

Peço-me o meu bom amigo que lhe dê algumas notas para a minha biographia. Francamente, e sem sombra, sequer, de

modestia, acho que a minha individualidade tem tão pouca importancia, que não vale a pena de que ninguem se occupe d'ella. A quem podem interessar os pormenores de uma vida obscura, consumida no recondito das officinas, e no meio do ruido dos instrumentos do trabalho? A ninguem por certo. No entretanto, por obediencia á sua annisade, ali vão, a traços largos, os apontamentos d'aquillo de que posso recordar-me, dos quaes o meu querido amigo aproveitará o que entender.

Sou natural de Lisboa. Filho de gente humilde, devo tam sómente á observancia constante dos sãos principios em que meus honrados paes me educaram, e á tenacidade dos meus proprios esforços, a consideração e estima que em todos os tempos me tem dispensado os homens mais conspicuos de todas as parcialidades, e de todas as gerarchias sociaes com quem tenho mais ou menos convivido. A isto devo tambem a fortuna de poder passar cômmodamente os restos de uma vida de lucta e de trábhalho.

Desde muito novo que uma paixão irresistivel me chamava para a arte typographica.

A 4 d'abril de 1834, tendo apenas 14 annos de idade, entrei para a Imprensa Nacional, de que então era administrador Rodrigo da Fonseca Magalhães. A direcção do estabelecimento estava a cargo de Manuel Antonio Ferreira Portugal, homem grosseiro e irascivel, que mal conhecia os processos typographicos, e que não tinha outros merecimentos senão o ter servido, como soldado, no batalhão dos Voluntarios da Rainha, durante a guerra da restauração constitucional. Orgulhoso e vingativo, tudo lhe servia de pretexto para tratar os empregados como uma horda de escravos, sem mesmo poupar os que, por seus longos serviços, e pela sua avançada idade, tinham incontestavel direito a serem tratados com a maior consideração.

Os pobres aprendizes eram por elle escandalosamente explorados de todos os modos. Além de os empregar em toda

a casta de serviços, de que se lembrava, sem mesmo exceptuar os mais estranhos á typographia, gratificava-os do modo que vae vêr-se.

Imprimia-se por aquelle tempo na Imprensa Nacional um jornal politico intitulado a *Revista*, que saia tres vezes por semana, de que era proprietario e redactor, Rodrigo da Fonseca, e administrador o dito Portugal. Na composição d'êste jornal costumava empregar os aprendizes, e pelas tres noites inteiras de trabalho dava-lhes 120 réis, um pataco cada uma ! Um dia faltando-lhe o distribuidor, teve o descoco de me encarregar de fazer a entrega da folha. Já farto de o aturar, e achando improprio aquelle serviço, recusei-me a fazel-o, sob pretexto de que não conhecia as ruas de Lisboa.

Bastou isto para aquelle energumeno me tomar de ponta, tratando-me de modo que se tornou impossivel continuar alli por mais tempo, e resolvi-me a sair.

N'aquella epocha publicava-se em Lisboa a *Guarda Avançada*, um dos primeiros jornaes politicos que appareceram depois da restauração, de que eram redactores os irmãos Castilhos, Antonio, José e Augusto, conego da Sé. Este jornal imprimia-se na typographia de Romão Rodrigues Costa, successor do antigo e bem conhecido Simão Thadeu Ferreira, um dos mais considerados impressores do seculo passado. N'esta casa achei prompta collocação, com o vencimento de 480 réis por dia.

Por intrigas, a que fui completamente estranho, o periodico, com todo o respectivo pessoal, veiu a mudar de officina. Por gratidão ao proprietario da casa, que sempre me havia tratado optimamente, não quiz acompanhar o rancho, e fiquei alli empregado na composição de diversas obras. Mais tarde, faltando o trabalho, tive de procural-o em outra parte, e facilmente o encontrei na typographia de Antonio Sebastião Coelho, onde se imprimia o *Independente*, folha diaria de que eram redactores e proprietarios Antonio Luiz do Seabra, hoje visconde, e Antonio de Oliveira Marreca.

Cessando a publicação d'este jornal, pude conseguir ser admittido na typographia da Academia Real das Sciencias, onde permaneci até agosto de 1840.

Preso, pelos acontecimentos politicos d'esse mez, esperava ser restituído ao meu logar, logo que saísse da cadeia. Contava para isso com a protecção dos principaes socios da Academia, a quem devia muitos favores, e muitas attenções, taes como D. Francisco de S. Luiz, Franzini, José Liberato, Wagnaghen, Costa e Sá, Macedo, Valente do Couto, etc. Nada, porém, pude conseguir por se oppôr tenazmente á minha entrada o guarda-mór da Academia, Manuel José Pires, uma boa alma que ha muito deve ter dado contas a Deus do bem que fez cá por este mundo.

N'esta epoca, a typographia atravessava uma crise medonha. Escacejava o trabalho por toda a parte, e o pouco que havia era pago por menos da terça parte do seu valor.

Foi a quadra mais desgraçada de toda a minha vida.

Por fortuna vagou por esta occasião o logar de director tecnico na typographia do *Portugal Velho*, e eu resolvi-me a diligenciar-o. O *Portugal Velho* era um jornal legitimista, redigido pelos homens mais respeitaveis d'aquelle partido, taes como Dr. Albino Abranches de Figueiredo, Alpoim Serrão, João de Lemos, Dr. Beirão, D. Sancho Manuel de Vilhena, Thomaz Cabral, Antonio Ribeiro Saraiva, mais conhecido pelo Saraiva d'Inglaterra, e muitos outros cavalheiros distinctissimos. A empreza do jornal pertencia a uma sociedade composta do Dr. Albino d'Abranches Freire de Figueiredo, Alpoim Serrão, Dr. Manuel José Fernandes Cicouro, e Dr. Alipio Freire de Abreu Castello Branco. O primeiro d'estes individuos era o redactor principal da folha, e o ultimo o gerente da empreza. Era pois a este cavalheiro que eu tinha de dirigir-me para sollicitar o logar que desejava. Procurei-o para esse fim, no seu escriptorio na rua dos Fanqueiros, onde me recebeu com a maior urbanidade, dizendo-me porém que sentia não poder satisfazer aos meus

desejos, porque a empresa do jornal tinha deliberado não admittir empregado algum que não fosse da sua communhão politica. Dias depois recebi uma carta d'este mesmo senhor em que me pedia que o procurasse com urgencia. Voltando n'essa mesma tarde ao seu escriptorio, disse-me que não obstante a deliberação que a empresa havia tomado de só admittir quem fosse da sua confiança politica, tinha obtido taes informações do meu caracter que não duvidava receber-me, pois sabia que apesar de serem differentes as minhas opiniões, era incapaz de revelar qualquer coisa que devesse ser objecto de segredo. Refiro este facto apenas por ser mui honroso para mim.

No dia seguinte entrava no exercicio do meu logar, conquistando dentro em pouco a estima de todos aquelles cavalheiros.

Tempo depois dissolveu-se a sociedade, ficando com a imprensa e com a propriedade do jornal o redactor principal Albino de Figueiredo.

D'ahi a mezes um incendio pavoroso, que rebentou alta noute, reduziu a cinzas a imprensa, salvando-se apenas uma insignificante parte do material. Albino de Figueiredo e o escripturario da administração, que occupavam o 4.º andar, escaparam de ser devorados pelas chammas, precipitando-se das janellas. Albino teve apenas ligeiras contusões. Menos feliz, o pobre escripturario quebrou a espinha, ficando para sempre completamente inutilizado.

Na presença de tão horrivel catastrophe, o Dr. Albino, cujas circumstancias eram já hem precarias, teve de appellar para a generosidade do seu partido, abrindo uma subscrição para poder reparar tamapho revez. Choveram os donativos, e dentro em pouco achava-se montada a nova officina, que tomou o nome de *Fenix*.

Os dias do *Portugal Velho* estavam, porém, contados. Dentro em pouco começavam a debandar os assignantes, e o jornal teve de suspender a sua publicação, ficando a typogra-

phia reduzida á impressão de uns insignificantes trabalhos que nem davam para o costeio da casa.

Por esta occasião, fui convidado pelo Dr. Holtreman para me encarregar da direcção da typographia da *Gazeta dos Tribunaes*, de que era proprietario, associado ao distincto jurisconsulto Antonio Gil.

A principio hesitei sobre se deveria ou não acceitar o encargo, mas o proprio dr. Albino me aconselhou e persuadiu que não perdesse tão bom ensejo de me collocar, por isso que alli não tinha nenhum futuro, e elle mesmo se via obrigado a procurar nova vida. Foi com a maior saudade que me apartei d'este cavalheiro, a quem devia repetidos favores, e que sempre me havia tratado com verdadeira e sincera amisade.

Vinte annos depois, por occasião da appareição do *Diario de Noticias*, ainda me deu provas d'essa amisade, mandando-me os parabens pela empreza, e enviando-me espontaneamente 50 assignaturas das pessoas mais qualificadas do districto de Leiria, onde então era governador civil.

Entrando no exercicio do meu novo cargo, de tal modo me entreguei ao cumprimento rigoroso das minhas obrigações, que dentro em pouco tinha alcançado a estima de ambos os proprietarios. Ao Dr. Antonio Gil, um dos melhores homens que tenho conhecido, devo-lhe mil attenções e innumeras finezas. Ao Dr. Holtreman devo-lhe, além de importantissimos favores, 46 annos de verdadeira, e nunca interrompida amisade, que tantos vão da epocha a que me estou referindo até a sua morte. Hoje honro-me ainda com a amisade de seu filho o Dr. Alfredo das Neves Holtreman, digno herdeiro do seu illustre nome, e da sua immensa e austera probidade.

Além de outras obras, imprimia-se então na typographia, da *Gazeta dos Tribunaes*, a *Revista Universal Lisbonense*, que era propriedade da casa, estando a redacção confiada a Antonio Feliciano de Castilho. Um anno depois, sendo convi-

dado para se encarregar da redacção de um jornal em S. Miguel, Castilho partiu para aquella ilha, despedindo-se da *Revista*. Substituiu-o José Maria da Silva Leal. Desde logo o jornal se resentiu da mudança da redacção, sendo necessario para o tornar mais interessante, contractar com Almeida Garrett a publicação, em capitulos, das *Viagens na minha terra*.

Ao cabo de dois annos a *Revista* passou a ser redigida por Sebastião José Ribeiro de Sá, que mais tarde adquiriu a sua propriedade, e montou uma imprensa, de que eu tomei a direcção, continuando a dirigir tambem a da *Gazeta dos Tribunaes*. Ribeiro de Sá era por este tempo o homem da moda, lembrado para todas as commissões importantes. Exerceu o logar de commissario regio na exposição de Londres, de secretario do fundo especial d'amortisação; membro da commissão das Pautas, commissario regio no theatro de D. Maria II, director da repartição de agricultura, commercio e industria no ministerio das Obras Publicas, e membro de muitas outras commissões de que não posso recordar-me. Dispondo de tamanha influencia, facil lhe foi obter para a typographia trabalhos importantes, taes como a impressão de inscripções, e muitas outras obras da Junta do Credito Publico, que deram grande credito á imprensa, e lucros avultadissimos, como nenhuma outra imprensa até hoje conseguiu realisar.

Mais tarde Ribeiro de Sá, associado com Luiz Augusto Rebello da Silva, adquiriu a propriedade da Typographia Universal, e alli reuniram as typographias que já possuíam — Ribeiro de Sá a da *Revista Universal*, e Rebello da Silva a da *Imprensa e Lei*. Ambos me convidaram para tomar a direcção do novo estabelecimento. Como a typographia da *Gazeta dos Tribunaes* já então se não occupava de outros trabalhos além do jornal, não carecia de director, e por isso, de accordo com o dr. Holtreman, acceitei o encargo. José Maria Correia Seabra, seu primo e amigo, que exercia alli o lo-

gar de guarda-livros, aceitou tambem o mesmo encargo no novo estabelecimento.

Mezes depois, Rebello da Silva, vendo que os lucros não correspondiam ao que havia phantasiado, desligou-se da sociedade, tomando a sua parte Albano da Silveira Pinto.

Durou pouco, infelizmente, esta nova sociedade. Envolvido em um desgraçado processo por que teve que responder nos tribunaes, demittido do logar que occupava, desconsiderado e falto de recursos, Ribeiro de Sá teve que abandonar a parte que tinha na empreza, e Albano da Silveira ficou sendo por esse facto o unico proprietario.

Este triste acontecimento foi a causa da morte prematura de Ribeiro de Sá. O seu enterro foi um desengano formal para os que acreditam n'essas glorias ephemerhas que a tanta gente fascinam. O homem que tanto figurara nas scenas do mundo, e que fizera importantes e valiosos serviços a tanta gente, desceu á sepultura acompanhado apenas de 4 pessoas : o duque d'Avila, conselheiro Nazareth, eu, e um agiota que o tinha ajudado a desgraçar ! No cemiterio disse-me o duque d'Avila chorando : onde estão os amigos de Ribeiro de Sá, que tanto o cortejavam ? Nem da classe industrial, cujos interesses elle sempre advogou com tanto ardor na imprensa, appareceu um só individuo ! É assim o mundo ! Seria injusto se não confessasse o muito que devo á memoria de Ribeiro de Sá, não só pela confiança illimitada que constantemente depositou em mim, como pela amizade de que sempre me deu inequivocas provas, chegando a instar commigo, muitas vezes, para que aceitasse um emprego, de que não quiz aproveitar-me, e de que nunca me arrependi, na repartição de agricultura, commercio e industria, de que então era director geral.

Com a saída forçada de Ribeiro de Sá tudo mudou de figura. Albano era um desequilibrado, sem uma idéa que não fôsse um disparate. Um dos seus primeiros planos foi montar uma fabrica de moagem n'um pequeno casinhoto que



havia junto á casa das machinas, com o fim, dizia elle, de aproveitar o motór nas horas vâgas da impressão ! Parecendo-lhe que eram desnecessarios cinco prélos manuaes que tinha a casa, vendeu os dois melhores, ficando com os que eram tudo quanto havia de mais detestavel. Com manifesto prejuizo dos operarios, e do andamento dos trabalhos, prohibiu os serões no inverno *para não encher a barriga á companhia do gaz !* Fazendo-se editor, parece que andava sempre cogitando o que havia de menos vendavel para imprimir em copiosas edições. Consultava-me sempre a respeito de todos os negocios, mas nunca acceitava os meus conselhos, fazendo sempre o que entendia. Por fim, como era de esperar, achou-se com a algibeira vazia, e casas e casas atulhadas de papel inutil para vender a pezo !

Tal era o estado em que as cousas se achavam quando Albano da Silveira me veio propôr a compra da typographia, que pouco depois realisei. Desde então tudo mudou de face. Os trabalhos começaram a affluir em tamanha escala, que o seu producto me habilitou em pouco tempo para poder reformar o material, adquirir novas machinas, e comprar o edificio que occupa a typographia, com os que lhe ficam contiguos.

Entre esses trabalhos contavam-se quatro jornaes diarios, sendo um d'elles o *Conservador*, que defendia a politica do conde de Thomar. Antonio Augusto Corrêa de Lacerda era o redactor principal: a parte noticiosa estava a cargo de Eduardo Coelho. Foi alli que pela primeira vez nos conhecemos, e travamos a mais cordeal e affectuosa amisade, que durou até á sua morte, e que ainda vivê na profunda saudade que consagro á sua honradissima memoria.

D'este convivio nasceu o plano de um jornal independente, noticioso e inoffensivo ; e em virtude d'elle, a 29 de dezembro de 1864, apparecia o 1.º numero do *Diario de Noticias*. O publico applaudiu a idéa, e desde logo lhe dispensou toda a sua valiosa protecção, contra a qual tem sido

sempre impotentes os tiros com que, em differentes epochas, tem tentado aggreddil-o a malevolencia e a inveja. Deve a isto o *Diario de Noticias* a sua constante prosperidade, que, ainda assim, não seria talvez tão completa se não fôsse a perfeita conformidade de vontades que sempre reinou entre mim e Eduardo Coelho, sem que, em tão longo espaço de tempo houvesse entre nós uma unica nota discordante.

Hoje que, infelizmente, a morte me arrebatou para sempre o amigo e companheiro lealissimo de tantos annos de lucta e de trabalho, durante os quaes vivemos como se fôramos verdadeiros irmãos, e me pôz sobre os hombros o pesado encargo de velar pela obra commum, que tantas fadigas e cuidados nos custou, emprego todos os meus esforços para lhe continuar os creditos que justamente sempre tem merecido.

Tenho acabado a tarefa a que me propuz, e aqui tem o meu bom amigo ligeiramente esboçados todos os passos da minha obscura carreira. Mas visto que me dispuz a fazer confissão geral, deixe que addicione ainda alguns pormenores que de proposito deixei para ultimo logar, a fim de não alterar a ordem dos factos.

Por um méro acaso desde creança que convivi sempre com gente affecta ao systema constitucional, e este convivio constante fez com que' muito cedo eu abraçasse essa ordem de idéas, com ardôr e enthusiasmo. Mais tarde o tracto intimo com muitos dos homens mais notaveis que haviam batalhado pela liberdade, ou soffrido os horrores do exilio e das prisões, avigorou em mim o culto d'essas convicções, que tem sido o ideal politico de toda a minha vida, e que, já agora, continuará a sel-o emquanto existir, apesar de ter reconhecido pela experiencia de tão largos annos quanto é susceptivel de se abusar d'elle.

Coherente com estes principios, e por inspiração d'elles, não podia deixar de interessar-me pelas coisas do meu paiz. Aos 17 annos alistei-me na guarda nacional, onde fui eleito

alferes pelos votos com que me honraram os meus camaradas, e onde servi até á dissolução d'aquella milicia.

Por occasião da supposta guerra com a Hespanha, sentei praça na chamada artilheria da carta, d'onde pouco depois fomos despedidos, com a maior semceremonia, eu, e todos os que eram reconhecidamente setembristas. Como tem acontecido a muita gente de boa fé, tambem esperdicei desinteressadamente nas luctas da politica partidaria muito tempo precioso que podia ter empregado em coisas uteis. Soffri por muitos annos grande copia de desgostos e de decepções, e só á força de repetidos desenganos me resolvi a abandonal-a para sempre, convencido d'aquelle axioma do velho C. da T. — que a politica se reduz a espertos que querem subir e a tolos que lhes servem de degráo.

De tudo quanto tenho feito nunca pedi recompensa de qualquer especie, nem n'isso pensei. As proprias distincções honorificas <sup>1</sup> que possuo, tambem não as pedi, devendo-as unicamente ás sollicitações de amigos dedicados.

VISCONDE DE S. MARÇAL.

Como complemento desta carta, e como justa homenagem, que ninguem melhor, e com mais perfeito conhecimento de causa, poderia render-lhe,

---

<sup>1</sup> Agraciado, por diploma de 30 de junho de 1869 (*D. do Gov. n.º 200, de 4 de setembro*) com a commenda da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, veiu a receber o titulo de Visconde de S. Marçal, por diploma de 20 de agosto de 1885 (*D. do Gov. n.º 189, de 26 de agosto*). Tambem os eleitores da capital mais de uma vez lhe testemunharam as suas sympathias e a sua confiança, sendo em 1878 eleito para a Junta Geral do Districto de Lisboa.

Depois de escriptas as precedentes linhas, mais uma vez a munificencia régia distinguio o illustre titular, elevando-o a Conde de S. Marçal, por diploma de 7 de novembro de 1891 (*D. do Gov. n.º 254, de 10 de novembro*).

resta-me lembrar o que Eduardo Coelho escrevia em 1885, ácerca do seu companheiro e amigo <sup>1</sup>:

«A sua vida social é só feita de labor e honra, passada largos annos na obscuridade da officina, de onde se elevam a irradiar luz esses fachos do jornalismo que esclarecem as multidões. Os brazões de que elle mais se tem sempre orgulhado, na modestia do seu tracto e na bondade do seu caracter, franco e lhano para todos, são os do trabalho, ainda hoje que o seu nobre esforço lhe permite descançar um pouco das fadigas incessantes de algumas dezenas de annos. Na sua biographia, de que traçámos um esboço no grande *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, em 1882, podem ler-se alguns factos, que eloquentemente dêmõstram quanto a sua actividade e honrada intelligencia está integrantemente ligada á historia do jornalismo portuguez.

«Thomaz Antunes tem vivido relacionado com os mais notaveis escriptores, jornalistas e homens publicos dos ultimos 50 annos, conservando a estima de todos elles <sup>2</sup>,

<sup>1</sup> *Diario de Noticias* n.º 7:051, de 6 de setembro.

<sup>2</sup> D'isto dão testemunho os seguintes periodos da honrosa carta que em 7 de março de 1870 o fallecido Visconde de Castilho dirigiu á *colônia da Typographia Universal*, por occasião d'um banquete industrial offerecido pelo proprietario da typographia ao pessoal d'esta: «Já lá vão 17 annos (a philantropia e o amor patrio d'este homem não datam de hoje), coadjuvado eu por alguns amigos illustrados e ardentemente devotos da instrução popular, dava um curso de leitura, escripta e arithmetica, na minha residencia do palacio Sarmiento, á Estrella, curso frequentado todas as noites por mais de 600 analphabetos, funcção a que assistia crescido numero de cavalheiros e damas que presencavam com assombro os resultados do novo methodo, tão humano, tão claro, tão alegre e attractivo, e tão menoscabado ainda hoje por quem tinha obrigação de o conhecer e proclamar como um principio de regeneração social. . . Entre os benfeitores (lembra-me no coração agradecido) figurava dum modo distincto Thomaz Quintino Antunes, que muita vez mandava imprimir á sua custa, e talvez compunha pela sua propria mão, pequenos folhetos e outros textos de leitura que alli se dis-

e é por isso um dos homens que mais intimamente conhecem muitos factos interessantes e ineditos da politica e da litteratura d'esse periodo, em que teve muitas vezes decisiva influencia.

«É um caracter franco e leal, um espirito culto, devotado a todos os progressos, e firme nos principios liberaes, em que foi educado no meio familiar e social.

«Hoje, recolhido á vida domestica, descança das fadigas de uma existencia laboriosissima, gosando o beneficio das economias do seu trabalho util e impolluto.»

\*

\* \*

Merece especial referencia neste trabalho a *Typographia Universal*, a que tantas recordações andam ligadas, sendo como é, uma das mais celebres e mais antigas da capital.

Será, pois, o artigo de Eduardo Coelho, de que aproveitei os precedentes trechos, que ainda nesta parte auxiliará o meu proposito.

«A typographia estava então quasi na sua phase primitiva. Fazia-se uso quasi exclusivo do velho prélo de madeira; dava-se a tinta com as antigas balas; a impressão era toda feita a braços; os jornaes tinham uma tiragem propriamente para a familia; cada exemplar servia a numerosos leitores, se os artigos excitavam interesse. Foi a imprensa do *Panorama*, que nesta epocha (1837) começou a publicar-se, a que introduziu em Lisboa o uso dos rolos. Apezar da limitada publicidade dos jornaes elles produziam bastante agitação nos espiritos, porque exprimiam a effervescencia do laborioso e agitado periodo de organi-

tribuiam por aquellas bancadas de rotos e descalços, que nem sequer sabiam ainda agradecer... Ajudou-o Deus muito melhor do que a mim. Com só 8 annos de esforços, de intelligencia e probidade, tem já consolidado a sua *Typographia Universal* e um *Diario* desejado e bemviudo em todas as familias e estimulo perpetuo de leitura; e eu, em cêrca de 20 annos, vejo ainda a escola primaria quasi em toda a parte sem luz, sem amor, sem attracção, desfrequentada, infructifera, quasi inutil.» (*Diario de Noticias*, n.º 1:549, de 10 de março de 1870.)

sação constitucional que decorreu de 1834 a 1851, e incendiavam com seus violentos artigos o animo da mocidade operaria, que tomou parte activa nas luctas partidarias.»

«O edificio (da *Typographia Universal*) pôde considerar-se um dos mais antigos laboratorios da idéa. Já em 1740 alli se imprimiam livros.

«Podia quasi ser em Lisboa o que é em Anvers o museu Plantin Moretus, a mais notavel typographia do principio do seculo xvi, de que o illustre municipio fez um monumento da cidade.

«Era typographia ao tempo da primeira invasão franceza. Foi alli a antiga officina Morando. Possuiu depois a typographia Eduardo de Faria.

«Quando passou ao actual dono, possuia o estabelecimento muito typo, diversos prélos eapparelhos, grande numero de utensilios typographicos, mas tudo deteriorado, e que o novo proprietario foi reformando a pouco e pouco, de modo a produzir a completa transformação que hoje alli se vê, e que faz desconhecer absolutamente a antiga *Typographia Universal*, porque Thomaz Antunes, havendo adquirido tambem o edificio em 1862, realisou nelle alterações radicaes. Assistimos a toda esta transformação, podendo mais uma vez certificar-nos da força prodigiosa do trabalho, regido pelos principios austeros da honra, e guiado pela intelligencia prática, pelo legitimo bom senso, que é o mais valioso de todos os patrimonios e o mais previdente piloto nas viagens perigosas do mundo social.

«No tempo em que começamos a frequentar este estabelecimento, publicavam-se ahi, o *Conservador*, cujo redactor litterario eramos, o *Paiz*, o *Jornal de Lisboa*, fundado por Barbosa Leão, o *Commercio de Lisboa*, por Eduardo Tavares, e o *Progresso e Ordem*, fundado por Jayme Anahory.

«Hoje (em 1885) a *Typographia Universal*, a que foi em tempo concedido o titulo de *imprensa da casa real* (em principios de 1870) por uns trabalhos excellentes que alli se fizeram, possui dois prélos mechanicos de reacção, tres machinas platinas inglezas, um prélo universal Marinoni, calandra, prensa hydraulica, machina de aparar papel, um excellente motor de vapor, e grande variedade de apparelhos e utensilios typographicos modernos, dando emprego quotidiano á media de 100 pessoas, isto é, havendo quadruplicado o seu movimento <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> O pessoal superior da *Typographia Universal*, cujo

«O unico jornal diario que ahi se imprime é o *Diario de Noticias*, que o illustre industrial, associado ao outro proprietario, iniciador e redactor dessa folha, com elle fundou em 29 de dezembro de 1864.»

A *Typographia Universal* adquiriu ainda posteriormente, não só dois novos motores a gaz, mas ainda uma magnifica machina rotativa Marinoni, que dá por hora a tiragem de 15:000 exemplares do *Diario de Noticias*, e na qual este, que desde então é stereotypado, começou a ser impresso, a partir de 20 de março de 1890.

zelo e intelligencia têm a melhor prova no facto de se achar, na sua quasi totalidade, ha longos annos ao serviço do estabelecimento, compõe-se, além do gerente da typographia, o sr. Luiz Herculano Cesar, a quem abaixo alludirei, dos seguintes empregados : directores technicos, da composição das obras, o sr. Julio Pereira Sande da Silva Coutinho, e da composição do *Diario de Noticias*, o sr. João Baptista dos Santos ; directores da impressão das obras, o sr. Camillo Martins Gomes, e da impressão e estereotypagem do *Diario de Noticias*, o sr. Candido Augusto da Costa.

O sr. Luiz Cesar, que entrou para a *Typographia Universal* em 30 d'abril de 1867, depois de ter estado 30 annos menos 3 mezes na typographia Morando, supponho ser actualmente o decano dos compositores typographicos da capital, pois que foi, como aprendiz de compositor, para a Impressão Regia (hoje Imprensa Nacional) ha 60 annos, em dezembro de 1831. Daqui sahiu para ir dirigir a officina da *Revista*, de que era redactor principal Rodrigo da Fonseca Magalhães. Pertenceu á guarda nacional, e, segundo elle proprio refere, entre muitos outros interessantes factos da nossa historia contemporanea, quando estava na Impressão Regia, foi quem recebeu de Joaquim Antonio de Aguiar a ordem para se sustar a composição da *Chronica Constitucional*, até que voltasse com o celebre decreto da extincção das ordens religiosas. O ministro partiu em seguida, eram 11 horas da noite, a levar o decreto á assignatura e ao conselho em Queluz, voltando a entregal-o de madrugada.

1865-1889

I

Houve quem comparasse Eduardo Coelho, como jornalista, a Millaud, o fundador do *Petit Journal*, e a Villemessant, o creador do *Figaro*.

Das qualidades de ambos elle effectivamente participava ; e se, principalmente com o segundo, a semelhança é, a muitos respeito, notavel, pelo que se refere, tanto ás innovações que introduziu no jornalismo portuguez, como aos vivos ataques que ellas lhe suscitaram, recorda Émile de Girardin, o poderoso athleta da imprensa franceza, que, para fundar o jornalismo barato e essencialmente noticioso, teve de sustentar uma lucta renhida, quasi feroz, contra os seus proprios collegas da capital da França.

É certo, porém, que particularmente com Villemessant os pontos de contacto são numerosos ; e quem vir como a imprensa franceza commemorou, unanime, a perda do fundador do *Figaro*, achará uma frisante analogia com as apreciações que á imprensa portugueza mereceu Eduardo Coelho, por occasião da sua morte.

Em França, apontaram uns como qualidade proeminente em Villemessant, a paixão do jornalis-



mo, o amor entranhado ao seu jornal, que era a grande obra da sua vida e a preocupação constante do seu espirito; encareceram-lhe outros os raros dotes de escriptor, pondo em relevo essa desprezenciosa maneira de escrever tal qual falava — de *falar com tinta*, como se exprimia Charles Laurent; e outros ainda renderam preito á generosidade do seu coração, a essa inexaurível generosidade que lhe deu o cognome de *esmole-mór da França*, e á qual os jornalistas d'aquelle paiz sobretudo deveram o vir a ser retribuidos condignamente, na proporção dos seus meritos e dos seus serviços.

Pois nem uma unica d'estas qualidades faltava a Eduardo Coelho — escriptor de estylo simples e de dicção clarissima, coração aberto a todas as acções generosas, entusiasticamente apaixonado, como jornalista, pela sua profissão e pela sua obra, e como patriota, pelos progressos e pelas legitimas glorias do seu paiz.

O *Diario de Noticias*, com o qual tão intimamente se consubstancia a sua actividade de mais de vinte annos, dá o subido quilate d'aquelles dotes eminentes. Sempre obedeceram elles em Eduardo Coelho a uma qualidade entre todas dominante — embora fôsse muita a sua intelligencia, e fôsse incomparavel a grandeza da sua alma — a um excepcional e superior bom senso, que inconfundivelmente marcava todas as suas acções, e que tanto mais se tornava digno de admiração e de apreço, quanto é infelizmente a sensatez bem menos commum do que o talento, e um criterio lucido, equilibrado e pratico, bem mais raro até do que as devotadas e humanitarias affirmações da virtude.

Póde sem duvida, pelo seu jornal apenas, aferir-se o grande valor da sua obra, tão vasta, tão complexa, tão gloriosamente realisada. Cumpro todavia especialisar factos do pleno dominio da historia, e em que, independentemente das qualidades do jornalista, ficaram brilhantemente assignalados os serviços e o prestimo do patriota e do homem de acção.

«Com a sua penna no seu jornal (escreveu o sr. Pinheiro Chagas) com a sua palavra nas reuniões, com o seu trabalho, com o seu dinheiro, nunca serviu senão a causa do bom, do justo, do honesto; nunca defendeu senão estes nobres sentimentos, que fazem pulsar com mais força o nosso coração de homens e de patriotas.»

É um exemplo a longa campanha durante annos sustentada nas columnas do *Diario*, quando vieram a lume os planos tendentes a promover a chamada *união ibérica*, tão calorosamente advogada pela imprensa hespanhola, e da qual — dizia com acerto Eduardo Coelho — parecia muito particularmente carecer a Hespanha para as suas prosperidades.

Causou a muitos estranheza o ardor com que se empenhou nessa lucta, tão acostumados estavam todos á moderação com que emittia as suas opiniões e formulava os seus votos.

Mas elle proprio dava a explicação d'essa attitude :

«Se na manifestação do nosso pensamento transparece ás vezes o fogo que o coração empresta á cabeça, é que nos assumptos que se referem á independencia e engrandecimento da terra do nosso berço, falla-nos sempre a cabeça e o coração.» *D. de Noticias* n.º 1:123).

«E' necessario acordar o patriotismo popular adorme-

cido, para que o povo disperte os poderes publicos, porque cada dia parece mais evidente que a patria corre perigo, e que não só a cubiça de estranhos a ameaça e pretende usurpar, mas até alguns degenerados filhos buscam pol-a em almoeda.» (*D. de Noticias*, n.º 1:099, de 10 de setembro de 1868.)

«Sigamos, pois, os passos aos apóstolos, aos agentes, aos caudilhos do iberismo. E entretanto vamo-nos preparando para as eventualidades. Se os poderes publicos dormirem, não dormirá o povo. *Não queremos ser ibericos*, é o grito que anda nos labios, no coração e na consciencia delle.» (*D. de Noticias*, n.º 1:102, de 13 de setembro de 1868.)

E definindo o que entendia dever ser a situação dos dois paizes, um para com o outro, escrevia mais tarde, em 13 de fevereiro de 1869, a proposito do decreto que validava em Hespanha os diplomas da universidade e escolas superiores portuguezas :

«Amisade franca e sincera, fraternidade intima entre os dois povos da península, cordiaes relações internacionaes, protecção mutua ao commercio, á industria, ás sciencias e artes dos dois paizes, para promover conjunctamente a prosperidade de ambos, mas dois reis, dois governos, duas bandeiras, duas historias, duas familias, duas nacionalidades, duas autonomias distinctas e separadas pela fronteira do direito.»

Estas idéas eram sustentadas no *Diario*, e fóra d'elle, com uma persistencia infatigavel, abrindo-se para ellas secções especiaes no jornal, como foi a dos *Assumptos do dia*, que data de fins de setembro de 1868 <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Teve origem nesta propaganda o bello romance historico de Eduardo Coelho — *Portugal captivo* — publicado primitivamente em folhetins do *Diario de Noticias*, em 1868, e reproduzido mais tarde, no *Brinde do mesmo Diario* de 1884, e em edição separada, em 1885.

«Não dedicamos só ao serviço d'essa causa sublime (lia-se no *Diario de Noticias* de 6 de outubro de 1868) o fraco concurso da nossa intelligencia, devotar-lhe-hemos, quando seja preciso, a nossa parca bolsa e o nosso braço.»

Recomeçados os manejos ibericos com a vinda para Lisboa do ministro de Hespanha, D. Angel Fernandez de los Rios, em meados de 1869, e insistindo-se em entregar a D. Fernando a corôa hespanhola, Eduardo Coelho outra vez se poz em campo, e tão efficazmente, que se lhe chegou a attribuir em grande parte o rompimento definitivo das negociações <sup>1</sup>.

Como era natural, esta attitude acarretou-lhe as mais absurdas accusações, sendo aggreddido por alguns dos seus collegas da imprensa «que, como elle proprio escrevia no prologo do *Portugal Captivo*, então se illudiam completamente no criterio dos acontecimentos, chegando a favorecer aberrantemente as tentativas que se faziam para approximar a solução a que se visava, e que em parte do jornalismo madrileno então era chamada — *a grande solução nacional*.» Insinuava-se além d'isto que o *Diario de Noticias* se achava ao serviço do duque de Montpensier, vindo mais tarde a attri-

---

<sup>1</sup> O livro de Fernandez de los Rios, *Mi mission en Portugal*, é um precioso documento para a historia do insuccesso de taes negociações, e a longa explosão do azedume do seu auctor contra os que lhe frustraram os planos. Eduardo Coelho escreveu, em folhetim do *Diario*, n.º 4:045, de 20 de maio de 1877, um *projecto de carta* áquelle diplomata infeliz, assignado por *Um apreciador obscuro*, e que veio a constituir, com outros artigos de Rodrigues Sampaio e dos srs. Pinheiro Chagas e Luciano Cordeiro, o livro — *União iberica* — editado naquelle mesmo anno pela empreza litteraria de Lisboa.

buir-se em grande parte ao seu director, «um momento constituido, por cerebros que obedeciam a singulares nevroses, arbitro dos destinos dos povos», a causa das desgraças da guerra franco-prussiana de 1870, e, como dizia um periodico d'aquelle tempo, «das angustias e dos desastres que a Hespanha tinha atravessado <sup>1</sup>.»

Mas como compensação d'estas despropositadas accusações, Eduardo Coelho recebia de eximios patriotas os mais levantados elogios, e Mendes Leal apressava-se a escrever-lhe de Madrid, felicitando-o calorosamente pela «discreta e patriotica conducta do seu jornal, conducta com a qual prestava um immenso serviço á patria.»

---

<sup>1</sup> Tenho presente um folheto da epocha — *Duas palavras sobre a candidatura de S. M. El-rei D. Fernando ao throno de Hespanha, por um portuguez (1870)* — do qual reproduzo os seguintes periodos destacados, que uns aos outros se commentam :

«Esses culpados das complicações externas são unica e exclusivamente aquelles que, por qualquer modo, fórma ou titulo, concorreram para que Sua Magestade El-rei o Senhor D. Fernando não accitasse a corôa de Hespanha, quando em 1869 lhe foi offerecida» (pag. 5).

«O *incolor* de Lisboa tinha outra missão, que era a de aterrar o povo portuguez com a candidatura Fernandista» (pag. 26).

«O effeito mais assolador era o do jornal *incolor*, porque sendo muito lido pelo povo, este, não sabendo distinguir entre a verdade e a falsidade partidaria, acreditava piamente as balivernias do tal *incolor*.» (pag. 28).

«Verdade é que, não obstante militarem na imprensa portugueza tantos talentos notaveis, jámais foi possivel encontrar uma apreciação exacta da candidatura do Senhor D. Fernando». (pag. 28).

\*  
\* \*

Apresentada pelo sr. Joaquim de Vasconcellos á sociedade de geographia de Lisboa, em 17 de maio de 1879, a primeira proposta para a celebração do tricentenario de Camões, e sendo suggerida a idéa de se nomear uma grande commissão para estudar e formular o programma da festa por parte do jornalismo de Lisboa, Eduardo Coelho desde logo indicou, e foi unanimemente approvado, que entre as manifestações com que a imprensa entendesse dever collectivamente celebrar o tricentenario, se incluísse a fundação, no dia 10 de junho de 1880, da *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes*, accrescentando ainda que podia informar que uma empreza jornalística (referia-se á do *Diario de Noticias*) determinára distribuir uma grande edição gratuita dos *Lusiadas*, como homenagem ao grande epico <sup>1</sup>.

Na primeira reunião da grande commissão da imprensa de Lisboa, em 8 de abril de 1880, Eduardo Coelho desenvolveu o programma da solemnidade da imprensa, no qual figurava, além da

---

<sup>1</sup> *Os Lusiadas, por Luiz de Camões, edição popular gratuita da empreza do «Diario de Noticias», commemorando o tricentenario da morte do poeta, especialmente dedicada aos assignantes e leitores habituaes do mencionado «Diario» — 30:000 exemplares — Reprodução critica sob a direcção de F. Adolpho Coelho, da segunda edição de 1572, feita durante a vida do poeta — 1880.*

Foi esta edição que serviu de modelo á que, em 6 de maio do anno seguinte de 1881, foi distribuida pela academia de Coimbra aos estudantes das escolas e asylos daquella cidade.

sessão solenne inaugural da associação dos jornalistas e escriptores portuguezes, o prestito solenne ao monumento de Camões; a grande romagem civica até a frente da casa da calçada de Santa Anna, ou o acompanhamento, em prestito, dos restos de Camões e dos de Vasco da Gama para o templo de Santa Maria de Belem; e finalmente a celebração da solemnidade religiosa no mesmo templo, conformé o alvitre do sr. Ramalho Ortigão, e o lançamento solenne na praia do Restello, da pedra fundamental da estatua do descobridor da India.

Eleito para a commissão executiva da imprensa, com os srs. Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas, Theophilo Braga, Luciano Cordeiro, Rodrigues da Costa, Magalhães Lima, Jayme Batalhá Reis, e o fallecido visconde de Jeromenha, coube-lhe o cargo de primeiro secretario, sendo o *Diario de Noticias* escolhido pela commissão «para seu órgão official em tudo que se referisse aos trabalhos de que estava incumbida».

No *Programma definitivo para a celebração em Lisboa do terceiro centenario de Luiz de Camões*, figuraram, pois, os seguintes importantes numeros, de iniciativa de Eduardo Coelho: na parte das *inaugurações*, a da *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes*, «competindo a esta fundação estabelecer uma bibliotheca do jornalismo portuguez, um cofre de coadjuvação editorial, e um jury de honra para os conflictos da imprensa», e organizar cursos livres de sciencias naturaes e sociaes; na parte das *homenagens varias*, o offerecimento gratuito ás escolas e aos leitores do *Diario de Noticias* (e ainda a cada uma das principaes corporações scientificas e litterarias da Eu-

ropa) pela empreza d'esta folha, de 30:000 exemplares dos *Luziadas*.

Quanto a esta homenagem, lia-se no *Diario* n.º 5:142, de 30 de maio de 1880 :

«A empreza do *Diario de Noticias*, entendendo que uma das mais honrosas homenagens á gloriosa memoria do sublime epico portuguez Luiz de Camões, é, como o pensa em geral a critica, a vulgarisação da sua obra, que encerra os elementos representativos da nacionalidade portugueza, e revivificadores do seu espirito e das suas energias, podendo incital-os a todos os descobrimentos do progresso e da civilisação futura do paiz, cujos honrosos destinos a sua propria historia assignala, resolveu desde muito associar-se por esse modo á grande solemnidade nacional. Por isso no dia 10 de junho, terceiro centenario da morte de Luiz de Camões, que equivale ao do seu advento á immortalidade da historia, todos os numeros do *Diario de Noticias* serão acompanhados de uma caderneta de meio formato do jornal, com os *Lusiadas* impressos em paginas de 7 columnas por pagina. Todas as pessoas que tiverem o jornal por assignatura, ou compra avulso, têm o direito a esse exemplar dos *Lusiadas*, sem que hajam de pagar por elle quantia alguma. Opportunamente se fará a remessa do exemplar destinado a cada uma das escolas primarias do reino, segundo a relação que se ha de pedir ao respectivo ministerio» <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Eis o officio de agradecimento referente a esta distribuição, é dirigido a Eduardo Coelho :

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Dei conhecimento a Sua Ex.<sup>a</sup> o ministro do reino da offerta que V. Ex.<sup>a</sup> se dignou fazer de 3:153 exemplares da edição popular dos *Lusiadas*, que a empreza do *Diario de Noticias* consagrou á solemnisação do terceiro centenario de Camões, a fim de serem distribuidos pelas escolas de instrucção primaria, e o mesmo Ex.<sup>mo</sup> ministro, agradecendo aquella offerta, e louvando o patriotico intuito com que foi feita, encarrega-me de participar a V. Ex.<sup>a</sup> que os ditos exemplares foram remettidos aos commissarios dos estudos de todos os districtos do continente e ilhas adjacentes, para terem o destino conveniente. Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Secretaria de estado dos



As festas do centenario realisaram-se com um brilhantismo, uma uniformidade de sentimentos e uma espontaneidade de enthusiasmo, de que não havia memoria no paiz, e essa solemnidade, levada a cabo atravez de difficuldades que a muitos se afiguraram invenciveis, ficou na historia como a affirmação mais grandiosa da vitalidade do paiz e dos progressos do espirito nacional na segunda metade d'este seculo.

No proprio dia em que principiaram as festas, lia-se no *Diario de Noticias* :

«Começa hoje o jubileu camoneano. Ao redor da iniciativa da imprensa, e da sua insistente e teimosa propaganda, gruparam-se todas as boas vontades ; associaram-se-lhe numerosas idéas e sinceras adhesões, sentiram a comprehensão de uma tal idéa os portuguezes na sua grande maioria, todas as terras do paiz, todas as ilhas e colonias que o arrojo dos nossos navegadores conquistou para a patria, e ahí estão as classes todas alliadas, a saudar em Camões, no seu livro e no seu monumento, o mais potente e luminoso symbolo da nossa nacionalidade.»

E dias depois acrescentava-se :

«Nos espiritos fica uma semente fecunda, uma grande lição, um levantadissimo exemplo de amor da patria não movido de premio vil. . . A patria teve o mais glorificador de todos os hymnos, nessa homenagem expansiva e commovedora, ao nome e á obra que a resumiram e symbolisaram.»

Só a leitura dos jornaes d'aquella epocha pôde dar idéa dos prodigios de actividade e de trabalho realisados por Eduardo Coelho durante os me-

---

negocios do reino, em 14 de julho de 1880. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eduardo Coelho, director litterario da empresa do *Diario de Noticias*. (a) *Antonio Maria de Amorim*.»

zes em que quasi exclusivamente se consagrou a essa commemoração, a que ainda tão enthusiasticamente alludia, por estes termos, em um brinde proferido no banquete do projectado bairro Camões, em honra da camara municipal de Lisboa e da commissão executiva da imprensa :

«Obreiro obscuro da grande obra dos progressos da patria, em que todos lidamos, eu confesso, meus senhores, que senti uma vez na vida, os deslumbraamentos da gloria, e foi quando, naquelle dia memoravel, no meio d'aquella grandiosa manifestação, que encheu de assombro o nosso paiz e a Europa, pude, com os meus collegas de toda a imprensa, prestar o culto do meu respeito e da minha consideração, em nome d'uma grande instituição social e da justiça, ao trabalho que passava triumphante, representado no professor e no lavrador, no homem de sciencia e no pescador, no pastor e no estudante, no industrial, no commerciante, no artista, no deputado, em todos os elementos que constituem a parte mais vital do organismo da nação, a mais cheia de seiva, de esperanças e de promessas.»

Não cabe aqui o descrever essa consagração sem egual ao genio de Camões ; mas é aqui, sem duvida, logar adequado para pôr em relevo, com o proprio testemunho de dois dos mais assiduos companheiros de trabalho de Eduardo Coelho nessa longa, difficil e tão gloriosa tarefa, o que elle fez, e de quanto a sua desinteressada e infatigavel cooperação valeu.

Attesta-o, pelas seguintes palavras, o sr. Magalhães Lima, secretario, como Eduardo Coelho, da commissão executiva da imprensa :

«O auctor d'estas linhas foi seu companheiro na commissão do tricentenario de Camões. Conserva desse tempo de boa e excellente camaradagem a mais saudosa recordação.

Eduardo Coelho foi um dos elementos que mais concorreram para essa gloriosa commemoração, pondo a sua bolsa, o seu jornal, a sua actividade, a sua intelligencia e o seu desinteresse á disposição dos promotores dessa brilhantissima festa patriotica. A elle e ao *Diario de Noticias* se deve uma boa parte do exito que teve aquella solemni-  
dade nacional» <sup>1</sup>.

E o sr. Pinheiro Chagas, vogal da mesma com-  
missão, não menos explicitamente formula o seu  
auctorizado testemunho :

«Todos trabalharam, mas ninguem, de certo, tanto como  
Eduardo Coelho. A grande celebração do centenario de  
Camões póde-se dizer que a elle sobretudo é devida» <sup>2</sup>.

\*  
\* \*

Nasceu do centenario, e especialmente da ini-  
ciativa de Eduardo Coelho, uma instituição a que  
já alludi, e que, acolhida primitivamente com al-  
voroço pela classe a quem mais directamente in-  
teressava, não logrou vingar, apesar do seu ini-  
ciador com ella dispender o melhor do seu tempo,  
do seu trabalho e do seu dinheiro.

Refiro-me á *Associação dos jornalistas e escripto-  
res portuguezes*, de que Eduardo Coelho foi, com  
Antonio Rodrigues Sampaio e o sr. Pinheiro Cha-  
gas, *presidente honorario* <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Seculo*, de 15 de maio de 1889.

<sup>2</sup> Artigo no *Paiz*, do Rio de Janeiro (junho de 1889).

<sup>3</sup> Eduardo Coelho recebeu esta distincção, sob proposta  
do sr. Luciano Cordeiro, na sessão de 14 de outubro de  
1880, na qual tambem o sr. Rodrigues da Costa propoz,  
sendo unanimemente accite, que o *Diario de Noticias* fi-  
casse sendo o *orgão official* da Associação até a publica-  
ção do *Boletim*, cujo numero 1.º sahiu em 10 de junho de  
1884.

Os estatutos, que vieram a ser approvados por alvará de 14 de outubro de 1880, <sup>1</sup> foram redigidos de accordo com as bases elaboradas por Eduardo Coelho, das quaes constava que o fim da associação era *promover e defender os interesses legitimos, Moraes ou materiaes, das collectividades ou corporações formadas pelas classes que a constituem e individualmente os dos seus associados, em tudo o que diga respeito ao exercicio da sua profissão.*

Encarecendo-se a iniciativa de Eduardo Coelho, em uma das mais consideradas folhas da segunda cidade do reino, o *Commercio do Porto*, notava-se, por essa occasião, que «a imprensa, que poderosamente tem concorrido entre nós para a diffusão e desenvolvimento do principio social, era talvez a unica classe que em Portugal se conservava estranha á pratica do grande principio, que apostolisa.»

Pois a *Associação*, embora parecesse vir satisfazer a uma necessidade de todos os espiritos illustrados, e embora tambem tivesse no estrangeiro tão bons exemplos a seguir, desapparecia, passada meia duzia de annos, sem deixar de si mais do que a lembrança dos innumerados dissabores e sacrificios que custou ao seu dedicado instituidor <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Estes Estatutos foram reformados, e a reforma approvada por Alvará de 3 de janeiro de 1885. (*Hist. dos Estab. Scient. e Litt. em Portugal*, por José Silvestre Ribeiro, t. xv, pag. 73.)

<sup>2</sup> Para se dar idéa do valor de taes sacrificios bastará reproduzir os seguintes periodos do primeiro *Relatorio* da Associação, referente ao periodo decorrido de 20 de setembro de 1880 até 31 de dezembro de 1881 : «As contas da

Em meados de 1884, ao celebrar-se o quarto anniversario da *Associação*, ainda o seu director-thesoureiro, referindo-se ás difficuldades com que até ali se havia luctado, deixava entrever a esperanza de que «a boa vontade de alguns dos seus membros faria triumphar uma instituição, que a esse tempo já se tornára mais util do que se poderia exigir das suas forças,» e alludia ao funcionamento regular das aulas da associação, nas quaes chegarão a matricular-se proximamente 1:400 alumnos, e ao auxilio que ella se vira obrigada a pedir ao ministro do reino d'aquelle tempo.

Nada, porém, a salvou da morte, a que, pelo abandono, a votaram aquelles mesmos que mais interessados deviam mostrar-se na sua conservação, e que, por muitas razões, mais precisavam d'ella. Porque não era certamente Eduardo Coelho, a esse tempo gosando já da mais completa e desafogada independencia, e para quem poucas glorias então podia haver que devessem causar inveja, que da Associação necessitaria auxilios, ou esperaria colher beneficios de qualquer especie <sup>1</sup>.

---

associação mostram que, tendo esta pagos todos os seus encargos até ao fim do anno de 1881, o saldo de que é devedora está apenas creditado a um unico crédor, que é o thesoureiro (Eduardo Coelho), o qual tem abonado sempre as sommas necessarias para as despesas.

«A gerencia cessante tem a honra de participar á assembléa, com relação a esse debito, que o novo thesoureiro que ella eleger não terá de preoccupar-se muito com elle, porque o thesoureiro cessante declara, não só que desiste a favor da associação de metade desse debito (cuja totalidade era de 1:001\$480 réis), como só receberá o restante saldo quando a associação possa (o que nunca pôde) sem prejuizo do seu andamento regular, indemnisal-o.»

<sup>1</sup> Em 1870, Teixeira de Vasconcellos, á imitação da que

\*  
\* \* \*

O congresso das associações portuguezas, do mesmo modo que a Associação dos Jornalistas e Escriptores, que fôra encarregada de o preparar e convocar, nasceu das festas do tricentenário, e constituia um dos artigos do programma commemorativo.

Na sessão solemne inaugural, celebrada em 10 de junho de 1882, o sr. Theophilo Braga, accentuando, num magnifico discurso, os serviços que o congresso estava destinado a prestar, dizia :

«O Congresso das Associações provocado por esta poderosa concentração do sentimento d'um povo que revive, tem um grande destino a cumprir ; elle marca uma nova era na nossa existencia associativa.»

Um anno antes, em junho de 1881, já Eduardo Coelho o escrevêra tambem no seu *Diario*, ao affirmar que as festas do tricentenário viriam a fixar «a data a começar da qual se contaria um dia a transformação do principio associativo.»

---

existia em França, quiz organizar entre nós uma *Sociedade de homens de letras*, e assim o propoz num jantar de escriptores celebrado em 28 de julho daquelle anno. Foi logo nomeada uma commissão composta do proponente, de Antonio Rodrigues Sampaio, de João de Andrade Corvo e dos srs. Ramalho Ortigão e Pinheiro Chagas, para elaborarem o projecto de estatutos.

A sociedade teria por fim «substituir a força da associação á fraqueza do isolamento, para defender e fazer valer pelo poder commum os interesses moraes e materiaes dos seus membros em geral e de cada um em particular.» O projecto de 1870 não teve, porém, realisação. (*D. de Noticias*, n.º 1:665, de 30 de julho de 1870).

Approvado, pois, em sessão de 12 de junho de 1881, o seu nome, por aclamação, para membro da comissão provisória promotora do congresso, logo em 14 de junho foi proposto e consignado «um voto de louvor ao sr. Eduardo Coelho pelos relevantes serviços que no seu jornal o «Diario de Noticias», tinha prestado á instrucção e ás classes laboriosas,» e na sessão preparatória de 9 de junho de 1882 era elle escolhido para a comissão executiva, de que foi o presidente, com os srs. Antunes Rebello por thesoureiro, e Costa Goodolphim e Feyo Terenas por secretarios.

Na sessão solemne inaugural de 10 de junho de 1882, a que, por doença, Eduardo Coelho não pudera assistir, o sr. Simões d'Almeida exaltava-lhe calorosamente os serviços, e na acta era-lhe consignado «um voto de louvor e de reconhecimento pelos seus importantissimos trabalhos», propondo-se dias depois, que o congresso, em testemunho de gratidão, lhe inaugurasse o retrato, logo que tivesse sala apropriada.

Os serviços que a Eduardo Coelho ficou devendo o congresso das associações, não eram todavia mais do que a continuação e a sequencia dos que a cada uma d'ellas em particular, elle até ali dedicadamente lhes prestára.

Rememorando junto do cadaver d'aquelle, «que com a sua constante e fervorosa propaganda evangelisou durante 25 annos, a proficuidade dos principios da associação,» o sr. Simões de Almeida, que fôra secretario geral do congresso das associações portuguezas, dizia em nome d'estas :

«Essa imponente e importantissima assembléa, que se reuniu durante tres annos, em que se discutiram e affirmaram principios de tão elevado alcance para as classes

trabalhadoras, teria succumbido ás suas primeiras manifestações, se Eduardo Coelho a não auxiliasse, promptificando-se a fazer uma parte importante das despesas, para que se tirasse o maximó resultado daquelle reunião <sup>1</sup>»

E alludindo á importancia do *congresso*, dizia mais:

«A proficuidade dos resultados do congresso ali está patente, não só na nova orientação que tomaram as instituições de previdencia, mas por se verem já traduzidas em factos muitas das theses que ali foram discutidas.»

O homem, portanto, a quem em tão grande parte se deveu a realisação d'esse importante *balanço de forças* das associações portuguezas, bem merece que o seu nome se irmane com os dos mais devotados, generosos e benemeritos apóstolos do principio associativo <sup>2</sup>.

\* \* \*

Enthusiasta por tudo o que se relacionasse com os progressos da agricultura, da industria e do commercio, e sentindo uma particular aversão pela *emprego-mania*, que lavra desde muito na sociedade portugueza, Eduardo Coelho escrevia em 1878:

---

<sup>1</sup> Por occasião da morte de Eduardo Coelho, o sr. Costa Goodolphim escrevia na *Officina*: «No congresso das associações portuguezas prestou relevantes serviços, encontrámol-o sempre dedicado e trabalhador, entusiasta daquelle grande pensamento. Abriu bolsa franca para todas as despesas, não querendo dellas ser reembolsado.»

<sup>2</sup> Pouco depois do fallecimento de Eduardo Coelho, e como homenagem á sua memoria, fundou-se em Lisboa a *Associação humanitaria Eduardo Coelho*, de soccorros mutuos. Foi um dos mais justos preitos que podiam reender-se ao nome do finado jornalista.



«Precisamos muito de dirigir a actividade intellectual e physica da mocidade para as industrias uteis, creando as que não temos, não só para vêr se por este elemento moderno de regeneração social damos ao paiz novas fontes de riqueza, como para desviar as gerações, que se commecam agora a educar, d'esta vertente fatal em que as faz deslisar a monomania dos empregos publicos. O paiz não póde ser todo *empregado* de si mesmo.»

E em 1885, assignalando «a tendencia perniciososa da nossa educação, que afasta a mocidade das industrias para a dirigir em batalhões sequiosos á conquista dos logares do orçamento», recommendava instantemente a organização do trabalho, como sendo «ainda mesmo nas velhas nações europeias, e em outras fórmias de governo, o grande, o forte recurso para attenuar um grande numero de males e determinadamente evitar as crises dolorosas do futuro.»

Comprehende-se, pois, com que entusiasmo elle corresponderia ao appello que, como homem e como jornalista, se lhe fez para auxiliar a realisação do inquerito industrial em 1881, e da exposição agricola de 1884.

Suscitada, por occasião da renovação do tratado de commercio com a França, a necessidade de um largo inquerito ácerca das industrias portuguezas, e ordenado elle por decreto de 7 de julho de 1881, era na mesma data nomeada a commissão central directora dos trabalhos, de que fazia parte Eduardo Coelho, e de que Antonio Augusto de Aguiar ficou sendo o presidente.

O *Diario de Noticias* foi desde logo incondicionalmente posto ao serviço da commissão, e o seu director exclusivamente consagrou, durante mezes, a sua actividade a esse trabalho tantas vezes violentissimo, e de que não quiz, nem mesmo

como compensação das despesas que fizera, receber auxilios pecuniarios que lhe eram devidos.

O que foi esse inquerito mostram-n'o os grossos volumes que constituem os seus relatorios, um dos quaes, o referente á visita ás fabricas do districto de Lisboa, se deve ao finado jornalista.

«As suas visitas (lê-se neste importante documento) começavam ordinariamente ás 11 horas da manhã, reunindo a delegação ás 10, e prolongavam-se muitas vezes até ás 6 e 7 horas da noite.

«Houve interrogatorios que consumiram seguidamente e sem descanso 5 a 6 horas. Em alguns dias, nas visitas aos concelhos limitrophes, o trabalho principiou ás 7 horas da manhã, demorando-se uma ou outra vez até ás 10 e 11 horas da noite.

«Em pouco mais de mez e meio, dias uteis, a delegação pôde não obstante visitar 75 fabricas e officinas.»

A exposição agricola de 1884 mereceu-lhe igual dedicação e igual zelo <sup>1</sup>. Convidado pela real associação central de agricultura para membro da grande commissão organisadora da exposição, Eduardo Coelho era, na reunião da commissão executiva em 4 de janeiro de 1883, proposto pelo presidente Antonio Augusto de Aguiar, e logo eleito, para vogal da mesma commissão, e mais tarde escolhido para um dos seus vice-presidentes.

Para actuar directamente nos productores das

---

<sup>1</sup> Annos antes, fôra Eduardo Coelho, por decreto de 22 de junho de 1881, nomeado para a commissão organisadora da exposição de arte ornamental que se realisou em Lisboa em principios de 1882; e annos depois, por officio de 22 de fevereiro de 1888, era-lhe communicado que a direcção da Associação Industrial Portugueza o escolhera para membro de algumas das commissões organisadoras da exposição industrial e agricola effectuada em Lisboa, em meiodos d'aquelle anno.

zonas menos convenientemente representadas, foi, como outros membros da commissão fizeram com relação a diversos districtos, percorrer, á sua custa, os districtos de Coimbra e Aveiro.

«Um sopro ardente de enthusiasmo, (lê-se no *Relatorio da Exposição Agricola de Lisboa realisada na real tapuda da Ajuda*) levantou os espiritos, annunciando o bom exito do commettimento patriotico. No dia 4 de maio de 1884 podia-se, emfim, abrir a exposição nacional, que a imprensa unanimemente declarou uma forte affirmativa de vitalidade.»

Escrevendo a Eduardo Coelho, em 19 de setembro de 1870, o sr. Ferreira Lapa dizia folgar, «*como folgariam todos os entendimentos illustrados que não andassem obcecados pelo que ahi chamam politica do dia, de achar no homem que melhor se tem feito entender do publico no jornalismo noticioso e instructivo, um campeão sincero e denodado do progresso agricola, unica base segura da regeneração profunda e duradoura d'este paiz.*»

Bem o mostrou Eduardo Coelho no ardor com que promoveu a realisação d'aquelle brilhantissimo certamen, que durante tres mezes mais de 150:000 pessoas visitaram e encareceram; bem lho certificaram todos os seus collegas nessa longa e fadigosa tarefa, e designadamente a Real Associação central de agricultura portugueza <sup>1</sup>; me-

---

<sup>1</sup> «*A real associação central de agricultura portugueza confere a MEDALHA DE HONRA ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eduardo Coelho por serviços prestados á agricultura portugueza na exposição agricola, em Lisboa, de 1884 (sessão da direcção em 23 de maio de 1884). Lisboa 28 de maio de 1885. — O vice-presidente da direcção (a) Visconde de Sanches de Baêna. — O secretario (a) Antonio Batalha Reis.*»

lhor do que ninguem lho testemunhou o presidente da commissão executiva da exposição, ao dirigir-lhe, poucos mezes depois de encetados os trabalhos, o seguinte honrosissimo officio :

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Tenho a honra de communicar a V. Ex.<sup>a</sup> que a commissão executiva da exposição agricola resolveu por unanimidade em a sua penultima sessão, que se lançasse na acta um voto de agradecimento pelos relevantissimos serviços que V. Ex.<sup>a</sup> se dignou prestar no emprehendimento da exposição.

«Foi uma homenagem devida aos esforços e dedicação com que V. Ex.<sup>a</sup> põe sempre a sua alta intelligencia, a sua habil penna e o seu trabalho desinteressado ao serviço de todos os commettimentos que podem tornar-se uteis nos seus resultados ao nosso paiz.

«Pela minha parte, eu que segui de perto a iniciativa que V. Ex.<sup>a</sup> tomou na imprensa, não só no seu excellent journal, como em todos os que se publicam no paiz, tenho por certo que é a V. Ex.<sup>a</sup> que se deve a realisação da exposição agricola.

«Sempre ao meu lado, incansavel e dedicado no trabalho, cumpre-me agradecer a V. Ex.<sup>a</sup> todo o importante auxilio que se dignou prestar-me, e sem o qual, decerto, me teria sido difficil attender aos variados e multiplicados serviços d'uma exposição.

«Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup>. — Sala da commissão executiva da exposição agricola em 18 de maio de 1883.

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eduardo Coelho, digno vogal da commissão executiva da exposição agricola.

A. DE AGUIAR.

Não muito depois da data d'este officio, Aguiar, de cujos patrioticos commettimentos Eduardo Coelho foi sempre o mais convicto propagandista, devia enconral-o de novo a seu lado, a pugnar pela iniciativa dos melhoramentos do porto de Lisboa.

Haviam estes merecido ao finado jornalista, desde os primeiros annos do seu *Diario*, as mais

ardentes sympathias. Reclamava-os desde 1870, e quinze annos depois, logo que se pensou em dar-lhes realisação prático, immediatamente consagrou a sua penna e a sua actividade, á defeza d'essa idéa, e do estadista que por ella veiu mais tarde a sacrificar a pasta de ministro.

Não lhe faltaram por essa occasião insinuações, nem faltou quem o accusasse de haver tomado a côr politica do ministro cujos actos defendia. A isto, porém, respondia elle que não considerava haver de nenhum modo deixado de ser *incolor* com relação á politica partidaria, obrigado e acostumado como estava «a apoiar, fóra dos interesses dessa politica, todos os esforços tendentes a effectuar todos os melhoramentos publicos, e consequentemente apoiando um ministro que buscava realisar um desses melhoramentos».

«Esta crença da necessidade absoluta, immediata, inadiavel de melhorar as condições deploraveis do porto de Lisboa, trazemol-a no espirito ha mais de 15 annos, e por ella temos sido e seremos devotadíssimos a todos os ministros que nos disserem crêr neste crêdo, que é tambem o crêdo e o partido de muitos milhares de pessoas da capital.» (*D. de Noticias* de 25 de janeiro de 1885).

De taes accusações era, porém, largamente compensado pelos testemunhos de gratidão com que especialmente o commercio de Lisboa por mais de uma vez o distinguiu.

A associação commercial votava-lhe louvores e agradecimentos pelo patriotismo com que advogava uma questão «*que sem duvida era da maior e mais inadiavel importancia para o nosso paiz*», e numa carta publicada no *Commercio de Portugal*, em agosto de 1885, os directores da mesma

associação, signatarios da mensagem de agradecimento dirigida a Fontes Pereira de Mello, a proposito da apresentação do projecto para as obras do porto, testemunhavam que «aos esforços da imprensa, principalmente d'estas duas folhas (*Commercio de Portugal e Diario de Noticias*) se devia a grande satisfação de verem realisadas as suas aspirações, e attendidos os votos da grande maioria da capital e do paiz.» Não eram estas palavras mais do que a confirmação dos termos em que Antonio Augusto de Aguiar, na sua celebre conferencia de 4 de fevereiro de 1885, na sala da associação commercial de Lisboa, se referira a Eduardo Coelho e ao actual sr. Visconde de Melicio, agradecendo-lhes a sua coadjuvação e os seus serviços.

Os melhoramentos do porto foram decretados não muito depois da saída de Aguiar da pasta das obras publicas. O tempo veio fazer justiça ás intenções do ministro e de todos os que o apoiaram, e não é, certamente, nem áquelle nem a estes que se devem os erros, se os ha, no modo como se está realisando um projecto, que foram unanimes em declarar de inadiavel execução as camaras municipaes de Lisboa e Belem, a junta geral do districto, as associações commercial de Lisboa, promotora da industria fabril, dos engenheiros, dos jornalistas e escriptores portuguezes, as sociedades de geographia e das sciencias medicas, todas as corporações, enfim, ouvidas e consultadas sobre a necessidade d'aquelle arrojado commettimento.

## II

Dizia frequentemente Eduardo Coelho que havia uma cousa mais justa ainda do que a propria justiça, que era a magnanimidade.

D'esta, tanto como d'uma caridade inexaurivel, é a sua vida uma ininterrupta sequencia de exemplos <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> «A sua vida foi uma pagina brilhante, foi um pequeno evangelho escripto com a resignação dum crente e com a serenidade dum trabalhador honesto. Como que sentia um prazer ineffavel em se humilhar com os humildes, em aca-riar todos os que tinham necessidade de lutar, em pro-terger todos os que se achavam maltratados de alguma ini-uidade social.» *D. de Noticias* de 17 de maio de 1889.

«A bondade de Eduardo Coelho, (escrevia o sr. Alfredo Ribeiro numa folha satyrica da capital) não era daquellas a que cabe o adjectivo proverbial, porque o réclame se en-carrega de as tornar notorias. Havia tanta delicadeza de sentimentos no seu modo de ser bom, tanta singeleza e mo-destia nos grandes actos que praticava constantemente, que o beneficio ou o favor só ficavam conhecidos da pessoa que os recebia, porque elle proprio nunca mais se recor-dava de os ter feito. Bastantes esqueceram o que lhe de-viam, mas elle não se fez lembrado.»

Nem frequentemente, contudo, as proprias pessoas be-neficiadas tinham conhecimento de quem as favorecia. Prova-o um factó, recordado pelo distincto escriptor Mar-ques Gomes, no n.º 3:794 do *Campião das Provincias*, de Aveiro : «Eduardo Coelho, que era caritativo em extremo, das duas vezes que esteve aqui, soccorreu com mão gene-rosa algumas familias verdadeiramente necessitadas, as quaes nunca souberam o nome do seu bemfeitor, porque elle lho occultou, e me pediu igualmente que o não de-nunciasse — pedido que satisfiz.»

O mesmo jornalista contava, por essa occasião, o seguinte episodio da vida de Eduardo Coelho, quando este era no-ticiarista da *Revolução* : «Era já tarde ; cançado pelo tra-

Examinando a vida de Eduardo Coelho sob este sympathico aspecto, o sr. Pinheiro Chagas, num artigo que tenho quasi por completo trasladado para este trabalho, tão bem elle se ajusta á individualidade que aprecia; escreveu :

«Com que ardor e com que perseverança elle todá a sua vida lidou para ganhar o seu pão e o pão dos seus ! Passou fome muitas vezes nesses laboriosos dias em que compunha, como typographo que era, a prosa de escriptoresinhos que valiam muito menos que elle, e ao mesmo tempo estudava. Enfin, chega a hora abençoada do nascimento do *Diario de Noticias*. Entra-lhe o ouro á flux pelo seu escriptorio até ahí nú e desagasalhado, e continúa infatigavelmente a trabalhar no seu abençoado jornal. Por avareza ? Não, em assumptos de caridade, de patriotismo, era um prodigo.

Cuidou da sua familia, poz a sua bolsa e a sua influencia á disposição de seus irmãos, de suas irmãs, sempre modestas e sempre amparadas por elle. Conservou ao seu lado no *Diario de Noticias*, que o enriquecera, os seus primeiros companheiros de trabalho, era para os seus collegas da imprensa um protector constante e um favorecedor occulto, porque muitos lhe deveram soccorros que nunca ninguem conheceu.»

Como exemplo, o illustre escriptor narra o seguinte curioso factó, um dos muitos que do mesmo

---

balho de redacção na *Revolução de Setembro*, e desalentado com o futuro, recolheu-se a casa, que então era um mais que modestissimo quarto duma agua-furtada dum predio qualquer. Eduardo Coelho, por economia de tempo, ou por que confiava demasiado que nenhum gatuno se aventuraria a ir dar-lhe varejo aos seus haveres, taes eram elles, nunca levava a chave da porta. Quando entrou, e ía para deitar-se, encontrou um homem dormindo socegadoamente no seu pobre grabato. — Talvez ainda seja mais infeliz do que eu, coitado, disse Eduardo Coelho, e cerrando a porta, saíu, indo passar o resto da noite para a redacção da *Revolução de Setembro*, onde dormiu sobre algumas resmas de papel de impressão.»



genero podiam apontar-se na vida do bondoso jornalista :

«Fundou-se em Lisboa uma associação a que Eduardo Coelho dedicou muito carinho e muito affecto. . . Tinha na sua séde objectos importantes e de valor. O guarda, porém, desses objectos era um pobre homem, tagarella, cheio de pretenções a ser elle a alma da sociedade, que Eduardo Coelho empregára para que elle tivesse seguro um pedaço de pão.

«Mas o homem não vive só de pão, como Jesus Christo disse, e desta phrase evangelica muita gente se serve para sustentar a opinião de que, sem uma boa pasta de manteiga, e até mesmo sem uma lambuzadella de composta. . . não vae. Para a manteiga, sempre o tagarella do homem conseguia explorar a condescendente algibeira de Eduardo Coelho, mas a marmelada adjacente ?

«Quando este personagem original, que eu tenho pena de não poder descrever claramente, porque já morreu, e tem familia talvez que não gostaria de o vêr exposto ao riso publico, quando esse personagem, pois, sentia o appetite irresistivel da marmelada para condimentar o pão de cada dia, pegava em todos os objectos de valor que se encontravam na sala da sociedade, onde só o que se não encontrava era socios, e ia empenhal-os. Grande pandega durante uns poucos de dias, até que um visinho caridoso, industriado talvez pelo proprio auctor do crime, corria a casa de Eduardo Coelho a avisal-o do que se passava.

«O pobre Eduardo Coelho, mortificado, inquieto, mettia a sua carteira de notas na algibeira, eahi ia elle resgatar os objectos da sociedade. O guarda infiel ouvia de orelhas baixas as objurgatorias de Eduardo Coelho, as ameaças de ser posto na rua, caía-lhe aos pés, chorava e falava na sua familia, dizia-lhe que ia morrer de fome.

«Eduardo Coelho commovia-se e perdoava, obrigava-o a fazer um juramento solemne, e ia-se embora socegado, dizendo consigo : — Pobre homem !

«Dahi a quinze dias, é claro, recommçava a viagem dos objectos de valor, a vida à *grands-guides* do guarda infiel, a corrida do visinho á casa de Eduardo Coelho, a corrida de Eduardo Coelho com a carteira das notas para a casa de penhores, a scena das objurgatorias, a scena do arrendimento, a scena do perdão. Se o homem não morre,

e se não morre tambem de todo a sociedade, esta peregrinação não acabava senão agora.»

Houve um homem, de triste celebridade, que interpretando mal o que Eduardo Coelho a respeito d'elle escrevera em um folhetim do *Diario*, se julgou offendido a ponto de haver tentado dar a morte ao auctor do escripto.

Esse homem foi o ultimo carrasco que houve em Portugal, e antes e depois d'aquella tentativa, Eduardo Coelho não teve para essa tão sinistra creatura senão palavras de commiseração e de piedade.

\* A proposito do folhetim *O ultimo carrasco em Portugal*<sup>1</sup> succedeu connosco (contava Eduardo Coelho, no seu *Diario*, em 1 de junho de 1865) uma anecdota tão singular como tragica, e que era ha dias referida com bastante graça pelo nosso collega *A Verdade*, de Thomar, que nol-a ouvira contar no Limoeiro, quando ha dias ali fomos

---

<sup>1</sup> Foi publicado este folhetim no *Diario de Noticias* n.º 734, de 23 de junho de 1867, por occasião da abolição da pena de morte em Portugal. Eduardo Coelho dedicara-o a Victor Hugo, que lho agradeceu na seguinte carta, datada de Hauteville-House, em 2 de julho de 1867: «*Está, pois, a pena de morte abolida nesse nobre Portugal, pequeno povo que tem uma tão grande historia! Penhora-me a recordação da honra que me cabe nessa victoria illustre. Humilde operario do progresso, cada novo passo que elle avança me faz pulsar o coração. Este é sublime. Abolir a morte legal, deixando á morte divina todo o seu direito, e todo o seu mysterio, é um progresso, augusto entre todos. Felicito o vosso parlamento, os vossos pensadores, os vossos escriptores e os vossos philosophos! Felicito a vossa nação, Portugal dá o exemplo á Europa. Disfructae de antemão essa immensa gloria. A Europa imitará Portugal. Morte á morte! Guerra á guerra! Odio ao odio! Viva a vida! A liberdade é uma cidade immensa da qual todos nós somos cidadãos. Aperto-vos a mão como a meu compatriota na humanidade, e saúdo o vosso generoso e eminente espirito.* — VICTOR HUGO.

visitar o jornalista republicano, e nosso collega da imprensa politica, o sr. Magalhães Lima.

«O carrasco Luiz Negro ouvira lêr o folhetim na enxada do Limoeiro, e não o comprehendeu, signal certo de que elle não estava bem escripto. E jurou que havia de matar o auctor. Pois o folhetim era piedoso com o carrasco, quasi que lhe chamava até homem de bem. Só se foi por isso. Tomou uma lima velha o carrasco, e aguardava a occasião de nós passarmos no cortejo da visita ás prisões no dia da communhão solemne aos presos, para nos furar o peito ou o abdomen. Dois presos que ali estavam e souberam da intenção damnada do Luiz Negro, tiraram-lhe isso da cabeça, contou-me depois um delles. — «Porque a minha morte em dia tão solemne seria um grande escandalo!» Era para agradecer.

«Tambem desta vez o pobre carrasco aboliu a pena de morte.»

Se nas suas criticas, como elle mesmo escreveu, sempre se inspirava no pensamento de Chateaubriand, que dizia preferir «a grande e fecunda critica das bellezas á pequena e mesquinha critica dos defeitos», na resposta aos que o criticavam, mantinha invariavelmente, a par d'uma exemplar cordura, a mais perfeita e irreprehensivel lealdade.

Insultado em um jornal, por um sacerdote a quem sempre rendêra elogios, Eduardo Coelho, sem o menor azedume, respondia-lhe no *Diario* que «lhe perdoava as offensas, como mandam as maximas christãs, e nem sequer lhe retirava as apreciações agradaveis que no jornal tinha feito a alguns dos seus sermões.»

Aggredido insolentemente em uma folha da provincia por um jornalista que ao *Diario* só devia provas de deferencia e de sympathia, choveram em casa de Eduardo Coelho as informações mais precisas e os esclarecimentos mais fidedignos ácerca da vida, da familia e do character do seu aggres-

sor. De nenhuma d'essas armas, porém, elle usou, posto que fossem bem de molde a proporcionar-lhe um triumphante desaggravo; e, sem uma allusão sequer ao muito que sabia, sem a mais ligeira insinuação pessoal, preferiu destruir, uma a uma, as deprimentes accusações que lhe eram dirigidas por quem mais tarde vinha publicamente a reconhecer a nobreza de character d'aquelle a quem havia aggravado.

Melindrado pela propositada exclusão do seu jornal, que, por ser uma folha popular, não havia sido convidado para uma tourada de fidalgos que em 1865 se realisou em Lisboa, e para a qual não havia bilhetes pagos, Eduardo Coelho, sem uma queixa, noticiava e encarecia o espectáculo, tanto como se houvesse effectivamente recebido convite, e, a pretexto de compensar os seus leitores da falta d'uma noticia circumstanciada do que alli se passasse, promettia-lhes «a descripção d'uma esplendida tourada de fidalgos no reinado de el-rei D. Pedro II, para que se visse com que fabulosa magnificencia eram feitas taes funcções naquelles aureos tempos.»

A descripção era publicada dias depois, e constituiu uma serie de notaveis folhetins, com o titulo — *Uma tourada no seculo XVII* — que chamaram as attenções geraes, e fizeram sensação na capital.

A lição, assim indirectamente dada, aproveitou, e o nome do *Diario* nunca mais foi, nem de proposito, nem por inadvertencia, esquecido d'alli em diante.

Mais de uma vez, apezar da urbanidade do seu tracto e dos seus escriptos, elle se viu envolvido em pendencias, que nem proxima nem remota-

mente provocára. Era essa *comica historia dos seus duellos*; que elle em um folhetim do seu *Diario* promettia vir ainda a contar, e da qual restam alguns documentos, que são verdadeiros modelos de sensatez e de firmeza.

Vinha de longe no finado jornalista a sua repugnancia pelos duellos-farças. Quando chronista do *Conservador*, escrevera elle :

«Era já tempo de se acabar com a ridicula fanfarronada dos duellos, que tornam os casos mais serios em caricatos entremezes. . . Ai ! D. Quixote, para que ensinaste tu esta geração de basbaques a bater-se com os moinhos !»

Quando, pois, em 1866, o procuraram dois emisarios d'um individuo que por elle se julgára offendido, e que lhe propunha um duello, Eduardo Coelho, explicando a recusa com que lhes respondera, escrevia, em carta dirigida ao redactor do *Jornal do Commercio*, e datada de 20 de setembro d'aquelle anno :

«Queriam que eu desmentisse a minha verdadeira carta de domingo, e como eu me negasse formalmente, porque nunca me retracto do que escrevo por meu proprio punho, propunham-me um duello. Ora eu tenho-me batido algumas vezes pela verdade, senhora de minha particular estima, em luctas incruentas, porque ella me impõe como preceito que, para a conquista dos seus agrados, só valem razões proprias de gente que pensa.

«Além disto eu sou mau alvo ; as balas em mim fazem ricochete, e podiam ferir o adversario, e eu ficar tido por assassino, o que era incompativel com a minha posição de jornalista ; ou podia o acaso querer que ellas me ferissem, o que era prejudicial á minha commodidade, e dava a entender que os meus adversarios eram mais verdadeiros do que eu, coisa que não posso consentir.

«Podia tambem, e é isso costúne cá na terra, o duello descabir em farça, e só gosto de figurar nas farças que escrevo, e a commissão de censura approva. Demais, nos meus

exercícios ao alvo, não uso de balas de papel ; e se como jornalista respeito as leis do meu paiz, como cidadão ando sempre prompto para o que der e vier.

«Recusei, pois, acceitar o papel que incompetentemente me era distribuido nessa farça, declarando todavia que respeitava o direito de represalia. Já se vê que estou disposto a morrer, e por isso vou fazendo este testamento.»

No dia seguinte ao da publicação d'esta carta, dois individuos, usando do direito de represalia, que elle lhes facultára, esperaram-no e aggrederam-no. Levado á presença da auctoridade, Eduardo Coelho, affirmando que não tinha de que se declarar queixoso, pediu apenas que no respectivo auto se consignasse a verdade, isto é, que ficasse bem claro que eram dois contra um, que esse um não recuou nem fugiu, e, se se quizesse tornar mais circumstanciada a narrativa, que se acrescentasse ainda que, apesar da differença do numero, os aggressores não tinham sahido incolumes da refrega.

— Este Coelho é um *gentleman* ! dizia frequentemente o folhetinista Lopes de Mendonça, no tempo em que aquelle não era mais do que um humilde e quasi desconhecido noticiaria da *Revolução de Setembro*.

Nunca, porém, esta justa apreciação se desmentiu, tão natural e desaffectedada era a delicadeza do seu tracto — essa irreprehensivel delicadeza que levou Jules Lermina a affirmar que em Lisboa não encontrára portuguez mais genuinamente parisiense do que Eduardo Coelho — tão aprimorada sempre a gentileza do seu character, tão perfeita a correcção do seu proceder, por mais oppostas e difficeis que fossem as situações da sua vida.

## III

Pelo que respeita ás qualidades propriamente litterarias de Eduardo Coelho, é certo que nunca o estylo retratou melhor o homem.

Como Villemessant, elle parecia effectivamente *falar com tinta*, tão simples, tão despretenciosa era a sua maneira de escrever, principalmente nos artigos do *Diario*, que quasi lhe absorveu por completo a actividade intellectual dos ultimos 25 annos da sua vida, e cuja leitura elle tambem fizera entrar como um habito imprescindivel na vida dos milhares de habitantes da capital <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Dum artigo, que Guilherme de Azevedo firmou com o pseudonymo *João Rialto*, e que acompanhava a magnifica caricatura de Eduardo Coelho no *Album das glorias*, devida ao primoroso lapis do sr. Raphael Bordallo Pinheiro, reproduzo os seguintes periodos, em que a verdade transparece atravez do mais delicado humorismo :

«Depois do codigo fundamental da monarchia o *Diario de Noticias* é a creação mais significativa que no meio do seculo decorrido tem visto a luz no solo portuguez. No seu persistente trabalho de sapa, nos ultimos quinze annos, aliu pela base, quasi sem ninguem dar por isso, todos os velhos costumes, todas as velhas tradições, todos os velhos idolos. Pela lisonja da publicidade animou as Associações a supplantarem as Irmandades, as Philarmonicas a calarem as Ladainhas, a Opinião a assoberbar os governos, e todavia continuou sempre a captar as sympathias, tanto da carta como do dogma, proclamando todos os dias aos povos, logo pela manhã, que «suas magestades e altezas passam sem novidade em sua importante saude» e que o Lausperenne é na igreja conventual do Bom Successo — rito duplex.

«Ninguem como Eduardo Coelho tem mostrado o su-

Julio Cesar Machado, esse outro illustre e querido morto, num bello artigo publicado no jornal

---

premo talento de saber guilhotinar mais subrepticamente o peçoço das victimas com uma penna de pomba...

«Ninguem como elle tem realisado o milagre de fazer duma simples folha de papel, impressa dos quatro lados, uma necessidade publica!

«Cada um de nós, quando acorda pela manhã, se julga incompleto sem o *Diario de Noticias* á cabeceira. Precisamos d'elle para saber se fomos aleivozamente assassina-dos em quanto dormiamos, ou para nos commovermos com o discurso sentido que um amigo dedicado nos dirigiu na vespera á beira da sepultura.

«Pelo *Diario de Noticias* pautamos as nossas acções quotidianas, por elle nos guiamos desde o berço até a sepultura.

«Como obra de philosophia pratica o *Diario de Noticias*, entre nós e no nosso meio, é completo, porque é a justa expressão do estado mental da sociedade portugueza n'um momento dado. Só vae um quasi nada além do seu tempo, o necessario para a multidão a quem se dirige não dar por isso, nem ser violentada nos seus habitos domesticos ou nas tradições de familia. Accusam-no varios pensadores audazes, em quanto tomam o seu chá com torradas, de ser uma folha *sem côr* e de se preoccupar mais com a côr dos paramentos do que com os matizes dos partidos; entretanto é certo que o *Diario de Noticias* nascendo num meio essencialmente *descorado*, tinha de ser tal qual o recebemos todos os dias ao levantar da cama, *incolor*, a fim de não ferir o orgão visual dos assignantes.»

«Passando da folha para o escriptor que a inspira, Eduardo Coelho, trabalhador persistente e honesto, é entre nós o creador intelligente da *pequena imprensa*, essa prodigiosa invenção que se deve considerar a mais poderosa alavanca democratica das sociedades contemporaneas. Elle abre o seu coração a todas as expansões commovedoras, e não só abre ao mesmo tempo a bolsa, mas tem obrigado a de muitos argentarios sequiosos de fama a abrirem a sua a muitas solicitações da fome.

«O *Diario de Noticias*, posto ao serviço da idéa do centenário de Camões, produziu ainda não ha muito o bello



de Lisboa *O Reporter*, e em que sentidamente se exaltava a memória de Eduardo Coelho, dizia em maio de 1889 :

«A maxima de um antigo, de não deixar passar um dia sem escrever, foi tambem a deste... Ninguem suppunha, ninguem calculava já que era elle quem escrevia ainda, quem escreveu até á ultima o primeiro artigo de cada numero do seu jornal ; foi como certas arvores dos climas felizes, que não cançam de produzir, e ainda dão fructo... depois da colheita.

«Fallam de quem possa trabalhar por gosto ? Ahí estava um.

«Deleitando-se com os divertimentos publicos, frequentador assiduo de theatros, propenso a reuniões ; o principal encanto das suas manhãs e das suas noites era, todavia, o jornal ; e, no intervallo dessa tarefa, que tomaria absolutamente o tempo a outro, comprazia-se em planejar trabalho, preparar, dispôr, projectar, apontando do que vira e ouvira na sua laboriosa carreira, para os artigos do seu diario, e para artigos, contos, esboços, quadros litterarios, destinados a outras publicações.

«Fazia isso sem ostentação ; por simples amor ao trabalho ; por ter a consciencia de se entenderem bem, elle com os seus leitores, os seus leitores com elle. — E assim era ;

---

movimento espirital que só por si resume o symptoma mais consolador que á nossa geração tem sido dado apreciar. Por essa experiencia pode avaliar-se a força de que dispõe a folha aparentemente inoffensiva, que em mãos ambiciosas podia ser um ariete, mas que nas de Eduardo Coelho é tão sómente um *orgão* !»

«Acabadas as festas do tricentenario, uma folha governamental chamou ao *Diario de Noticias* socialista ! O governo podia ter mandado entregar a Eduardo Coelho a commenda da Conceição, e era-nos então licito desconfiar dos intuitos com que o jornalista iniciou essa batalha de reconhecimento nacional. Assim, o louvor dos homens justos é devido sem restricções áquelle que, dando quotidianamente noticia de tantos costumes bons e maus introduzidos no seio dos povos, quiz tambem por sua vez introduzir no seio dos seus concidadãos o costume de lêr.»

porque não seja a dialectica o que melhor convence, e as graças da eloquencia constituam uma parte apenas das qualidades do jornalista, ou do advogado que defende uma causa : o Cicero exigia outra — a probidade, e dava-lhe o primeiro lugar : *vir bonus dicendi peritus*. Esta era principalmente a delle.»

.....

«No jornal, a moderação foi o seu credo.

«Por isso mesmo, qualquer meia palavra opposicionista, assumia, no seu artigo, uma importancia reveladora.

«Empregava de proposito e com exito os cambiantes, os tons esmorecidos, as tintas indecisas, como nas das tapeçarias dos castellos velhos... Attenuava, discretamente, os pormenores, e, num fundo de meias côres, fazia destacar com todo o valor a sua intenção...»

.....

«Apreciava as audacias, mas queria que a prudencia fôsse o caracteristico do jornal, e não se esquecia de que o apostolo disse ter sido um dos mais graves resultados do peccado original o entregar o mundo á discussão... <sup>1</sup> — Nunca, porém, deixou de afirmar o seu parecer, e, ás vezes, como se já estivesse tractando de assumpto differente, dava resposta ao que lhe convinha, sem, aliás, perder nunca de vista a corrente da opinião.»

Se do estylo se passar ás intenções que guiavam a sua penna, ver-se-ha como se confirma este juizo formulado por uma das folhas da capital: — foi dos poucos que entre nós ainda fizeram o jornal pelo jornal, dedicando-lhe todo o seu esforço, toda a sua iniciativa e intelligencia. Mantteve-se sempre jornalista, na genuina e mais levantada accepção da palavra, não querendo nem procurando cargos que o desviassem da missão que se impuzera, e accetando unicamente aquel-

---

<sup>1</sup> Numa biographia publicada no *Diario Illustrado*; de 23 d'abril de 1876, notava-se espirituosamente que Eduardo Coelho havia «acrescentado um mandamento aos dez já conhecidos : e não responderás ao jornal do teu proximo.»

les que, sem lançarem sobre os seus intuitos a mais ligeira suspeição de parcialidade politica <sup>1</sup>, e tambem sem recompensa de qualquer especie — porque nunca desempenhou funcções publicas remuneradas — lhe não dessem proveito, directo ou indirecto, a elle proprio, mas o dessem ao paiz a que servia <sup>2</sup>.

•Foi o jornalista popular, amigo e defensor dos pobres,

<sup>1</sup> Incluído, em 1885, na lista dos vereadores da camara municipal de Lisboa, apressou-se a declinar a honra em que o queriam investir. (*Diario de Noticias* n.º 7:124).

<sup>2</sup> As distincções conferidas a Eduardo Coelho, á excepção da commenda da Ordem de S. Thiago, que lhe foi offerecida, e que elle aceitou, em condições muito particularmente honrosas, deveu-as a corporações litterarias ou scientificas, ou a associações humanitarias e populares.

Eis a relação de algumas d'essas distincções: — presidente honorario da Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes; socio fundador, e em alguns annos membro do conselho central da sociedade de geographia de Lisboa; presidente da associação typographica lisbonense; socio honorario, e mais tarde benemerito, da associação dos artistas de Coimbra; socio benemerito da academia civilização; socio honorario do gremio popular de Lisboa, e do gremio litterario de Angra do Heroismo; socio correspondente do instituto Vasco da Gama, fundado pelo sr. Thomaz Ribeiro em Nova Goa, e do atheneu commercial de Braga; socio effectivo da associação commercial de Lisboa, e da dos architectos civis e archeologos portuguezes; socio honorario da associação dos escriptores e artistas hespanhoes, da academia Mont-Réal de Toulouse, da sociedade poetica meridional; socio correspondente da sociedade de geographia commercial de Bordeaux; membro associado da associação litteraria internacional de Paris, do instituto de ensino livre de Valladolid, etc. Pertenceu tambem a quasi todos os institutos de beneficencia de Lisboa. Foi agraciado pelo governo francez com o gráo de official da academia (instrucção publica), e pelo governo hespanhol com a commenda de Izabel a Catholica, mercê que recusou.

escrevia Julio Cesar Machado, ao encerrar o artigo a que acima alludi. Se marcou tão assignaladamente na consideração publica, não foi apenas por ter o jornal de maior tiragem, o mais procurado e o mais lido, mas porque entendeu as dôres e as agonias do povo, os gemidos, os gritos, e a eterna queixa da miseria humana...

\*  
\* . \*

Depois da criação do *Diario de Noticias*, poucos escriptos reuniu em volume que não houvessem já sido publicados naquella folha, ou que não fossem reproducção de trabalhos anteriores a 1865.

Escriptor propagandista, ora inspirando-se nos quadros mais gloriosos da nossa historia, ora tratando assumptos que mais directamente importavam á prosperidade do paiz e á illustração do povo, os seus romances, os seus contos, as suas cartas de viagem encerram sempre um proveitoso ensinamento, e revelam todos um elevado intuito moralizador e educativo.

As narrativas das suas viagens, quer no estrangeiro quer em Portugal, são um modelo de singeleza, de observação e de verdade.

«Jornadeio na minha terra como simples burguez, que sou, sem aspirar á posteridade, nem á fama, para cujo templo aliás vejo irem peregrinando por facil caminho muitos contemporaneos, a quem não faço concorrência. Oxalá que haja logar para tantos. Eu acho prudente ficar no topo, de áquem da estrada luminosa a vel-os, a admiral-os, e a fazer o registo das suas glorias. Escolhi o mister mais humilde e menos pretencioso.»

Abrem estas palavras o seu formoso livro *Passeios na Provincia*, um dos que mais justamente foram encarecidos pela critica.

Da collecção de contos *Historias de Hoje*, escrevia Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos :

«Contém dez artigos, historias, ou contos, chamem-lhes como quizerem. Em todos o pensamento é sisudo, as aspirações nobres, o resentimento contra a sociedade quasi nullo. A tristeza da desventura é copiada da natureza com grande felicidade ; no quadro do vicio entram figuras de todas as classes ; nos caracteres ha muita verdade ; nos lances verosimilhança, e com frequencia ousadias acertadas... Em summa, é livro de boa leitura, e que póde andar em todas as mãos.»

Foi com este livro que Eduardo Coelho pretendeu inaugurar uma serie de volumes, onde deviam ficar archivados os escriptos disseminados por numerosas folhas politicas, litterarias e noticiosas, salvando assim do esquecimento o melhor e mais valioso da sua obra de escriptor.

A tarefa não foi comtudo levada a cabo, embora em junho de 1872, no *Diario de Noticias* se annunciasse que iam entrar no prélo quatro tomos de obras litterarias de Eduardo Coelho, sendo duas de *Explorações romantico-historicas*, e duas de *Phantasias, contos moraes e descripções*, devendo cada volume ter 250 paginas.

Uma outra obra projectada, e de que alguns capitulos ficaram em folhetins, e nos Brindes do *Diario de Noticias*, devia intitular-se *Homens, mulheres e rapazes do meu tempo*<sup>1</sup>, havendo reunido elementos para uma biographia de Antonio Augusto de Aguiar, e sendo seu intento colligir um

<sup>1</sup> Foram publicados os seguintes capitulos d'esta obra : *Episodio da emigração polaca* (o conde Sobolewski) e *Meu Pae*, nos Brindes de 1872 e 1875 ; *Henrique van Deiters* e *A doida do Bussaco*, no *Diario de Noticias* n.ºs 2:811, 2:812 e 2:827 do anno de 1873.

segundo volume de *Passeios na Provincia*, em que incluiria as notas de viagem ao Minho e á Beira Baixa.

Tambem dariam um bom volume os seus versos, egualmente inspirados nos mais altos e mais generosos sentimentos. Ou saudava o progresso, como nesta estrophe :

Vae-se enchendo de luz a noite densa  
 Ao raiar dos clarões do dia novo  
 No mundo social. Já brilha o povo ;  
 Já o lavor da idéa se compensa ;  
 E já poder a opinião ; a imprensa  
 E o mais alto bastião da liberdade ;  
 E a multidão já o theatro invade  
 O obreiro a saudar que escreve e pensa.

ou exaltava a missão e os beneficios da instrucção e da escola :

Prégae ! Abri o espirito da turba  
 Aos fecundos clarões do sol bemdito ;  
 Que veja a luz immensa do infinito  
 E rasgue a treva densa que o conturba.

Lewae ávante esse evangelho novo  
 Que em seu texto amovel, santo, puro,  
 Diz : — «O estudo... é a estrada do futuro !  
 E a instrucção... a redempção do povo !

Exercei esse nobre patriotismo  
 Que ha de salvar, por fim, a sociedade,  
 Fazendo do direito uma verdade,  
 E arrancando as multidões do abysmo.

.....

Ao gostar da instrucção o doce travo  
 O povo adora o bem e foge ao crime,  
 Resgata-se do vicio que o opprime,  
 E surge livre, o cidadão, do escravo.

.....

É todo paz esse evangelho novo :  
 Seu texto luminoso, santo, puro,  
 Faz-nos ver nas miragens do futuro,  
 Pela instrucção, a redempção do povo !

«Revolucionario sublime, escreveu alguém, deu um tremendo golpe no grande idolo *indifferença*, e no grande idolo *ignorancia*.» Eduardo Coelho irmanava effectivamente a missão do mestre com a missão do jornalista.

«Imprensa e professorado, notava elle em carta dirigida ao presidente das conferencias pedagogicas de 1883, devem-se mutuo apoio pela irmandade, ou ao menos pela similitude do seu trabalho social. Eu por mim (acrescentava ainda) e no meu pouco, nunca lhe faltei, e nunca lhe hei de faltar. Assim eu pudesse o que podem os gigantes do saber, que lhes daria em força o que só lhes posso dar em boa vontade <sup>1</sup>.»

Mas esta boa vontade de tal modo e tão repetidas vezes se affirmou, que Alexandre Herculano consagrava-lha com a sancção da sua auctoridade

<sup>1</sup> No fim da sessão de 12 de outubro de 1883, os professores reunidos nas conferencias pedagogicas approvaram um voto de louvor ao *Diario de Noticias* «*pelo modo como advogava a causa da educação nacional*»; e dois annos depois, na sessão solemne de 29 de novembro de 1885, da associação dos professores primarios, era confirmado aquelle voto, agradecendo-se a Eduardo Coelho «*o muito que lhe devia a causa da instrucção popular e a do professorado primario*.»

Por este tempo, e como membro da commissão inspectora das escolas normaes do districto de Lisboa, commissão de que era presidente, o sr. R. A. Pequito, e secretario o sr. Fernando Palha, no biennio de 1884 e 1885, dedica va Eduardo Coelho a sua actividade a tal inspecção, de cujos trabalhos apresentou o relatorio á junta geral do districto, em 25 de setembro de 1884.

indiscutível, reconhecendo-lhe, numa dedicatória honrosíssima, a honestidade do seu character e a utilidade do seu trabalho; e que Antonio Feliciano de Castilho, a proposito d'um folhetim de Eduardo Coelho ácerca dos *Tres mundos*, do sr. D. Antonio da Costa, dizia-lhe, em carta de 22 de junho de 1873:

«Fala-se, e tambem eu tenho falado, do sacerdocio da imprensa; para que esse bello nome lhe quadre em cheio, é preciso que, por cada sacerdote legitimo e zeloso como D. Antonio da Costa e Eduardo Coelho, não continuem a apparecer, ás rebatinhas, á roda e agachados debaixo de cada prélo, tantos padres Matheus da litteratura, como os de que hoje vivemos inçados e vexadissimos.» «Continue, com o seu exemplo, a ensinar a verdade e o bem.»

## IV

Desde 1886, em que uma doença pertinaz e irremediavel se apoderára de Eduardo Coelho, pôde considerar-se por este abandonada a vida activa, que até então levára.

Rarissimas vezes era visto em publico <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Havia uma festa a que elle não queria nunca faltar, e a que ainda concorreu poucos mezes antes da sua morte, quando tão difficeis lhe eram já os movimentos. Refiro-me á recita annual a favor do cofre da associação typographica lisbonense. A ultima a que assistiu, no theatro de D. Maria II, em 5 de janeiro de 1889, constituiu para elle tambem uma gratissima manifestação de sympathia e de estima por parte da classe typographica.

Foi nessa occasião recitada a seguinte poesia — *Saudação a Eduardo Coelho* — para aquella noite expressamente escripta pelo sr. dr. Sousa Viterbo :



Já pouco escrevia por seu proprio punho, limitando-se a dictar os artigos, que quasi quotidianamente appareciam no *Diario*, e de que o ultimo, publicado no proprio dia da sua morte, foi a rememoração dos novos principios que em 1789 firmara a revolução, e que um seculo depois a exposição de Paris era destinada a commemorar. Esse escripto, em que mais uma vez se recordavam, a proposito daquella grandiosa festa do trabalho, os direitos do homem civilisado e do cidadão livre, era o condigno fecho duma vida consagrada á de-feza de todos os grandes-ideaes de justiça e de humanidade.

---

Não quizeste faltar á nossa festa.  
 Sentiste o coração alvoroçado,  
 E não deixaste, intrepido soldado,  
 De vir saudar o nosso pavilhão.  
 Nós somos irmãos d'armas, combatemos  
 Pelo mesmo ideal, sereno e puro ;  
 Nós somos os mineiros do futuro...  
 Nossa cruzada é toda redempção.

Bem vindo sejas, nosso irmão e amigo !  
 O teu sorriso d'intima bondade  
 Lança na nossa festa a claridade  
 Duma aurora benefica d'amor.  
 Nós te saudamos jubilosamente,  
 Popular jornalista, homem de brios...  
 Não te offendem os justos elogios...  
 Tens na divisa — EU SOU TRABALHADOR.

Trabalhas nobremente. A tua vida  
 É para nós um salutar exemplo.  
 O teu nome gravou-se em nosso templo,  
 De Gutenberg na c'rôa de laureis.  
 Tudo se perde n'este mundo instavel ;  
 Só o nome do homem virtuoso  
 Deixa ficar um rasto luminoso  
 No pó dos thronos e no pó dos reis.

«O primeiro artigo que elle escreveu ha 25 annos no *Diario de Noticias*, notava um jornal de Lisboa, fôra uma saudação ao trabalho glorificador que até ahi tinha honrado como typographo, que ia honrar d'ahi em diante como jornalista. Enlacem esses dois artigos por sobre 25 annos de acção, e terão a nota typica da vida exemplar deste trabalhador, a razão de ser da sua popularidade justissima <sup>1</sup>.»

Nem no estrangeiro, nem em Lisboa, nem em Coimbra, sua terra natal, para onde foi residir alguns mezes, e donde, em 21 de abril de 1886, dois dias antes daquelle em que completava 51 annos, escrevia a sua filha mais velha a carta cuja reproducção, como amostra autographica, acompanha esta pagina <sup>2</sup>, Eduardo Coelho encontrou os allivios que anciosamente procurava; e se sempre fazia por animar os que o cercavam com palavras de confiança em melhora proximas, bem no intimo comprehendia sem duvida a gravidade da doença, porque elle proprio a estudava nos livros da especialidade, e, de quando em quando, em confidencia a um ou outro amigo, deixava transparecer o que pensava do seu estado.

<sup>1</sup> *Correio da Manhã*, n.º 1:372, de 15 de maio de 1889.

<sup>2</sup> «*Minha querida Adelaide.* — *Foi-me muito grata a tua carta, que está correcta e boa, como tu és. Agradeço o teu beijo, que retribuo. Abraça por mim tua mãe, e teus irmãos, e dá-lhes saudades. Eu não estou peor, mas sinto-me de uma fraqueza invencivel. Vamos a vêr se me restauro. Estimava infinitamente vél-os cá, mãe e filhos, no dia dos meus annos, e isso mandei dizer pelo telegrapho; não porque eu queira festa de annos, mas porque gosava com a sua presença...* Talvez o bom ar, as boas vistas e o descanso me melhorem. Isto está agora um paraizo. — Teu pae e amigo saudoso Eduardo Coelho.»

Albano, guarda de Faldalunda

Foi-me muito grato a tua carta  
que está correta e boa, como tu  
és. Aprende, e tu dezoito retribua  
alboan por mim, tua mãe, e tantos  
meus, e lanchas saudáveis de mim  
estão por, mas certo me dá uma fei-  
queira maravilhosa. Vamos a ver se  
me restou alguma coisa infinita-  
mente veloz, e a filha me dá  
dois meus amores e isso mandei  
dizer pelo telegrapho, e não porque  
em guerra feita de amor, mas  
porque gozava com a sua  
pequena

.....  
Folven, ou seja, as boas vistas, e  
o desamor, me maltrou. Falei isto  
aigo, mas não posso mais

.....  
Folven e com o amor  
Edward Cook  
21-4-88



Em principios de 1887, desculpando-se para com Antonio Augusto de Aguiar de não poder acompanhá-lo nos trabalhos da exposição industrial, em que então aquelle estadista andava empenhado, dirigia-lhe a seguinte carta :

«Meu bom e querido Aguiar — Muito constrangido, sou forçado a annunciar-te que não me sinto restituído á integridade das minhas poucas forças, e em estado de poder entrar em trabalhos activos. Estou muito melhor, mas tão desfalcado pelos nervos, que receio ter de trahir as obrigações a que me ligar. Ainda não voltei de todo aos meus trabalhos jornalísticos, que dirijo quasi de longe. Se é preciso fazeres-me substituir nos trabalhos activos, não hesites.

«Para a propaganda, para a publicidade, que no *Diario* será decerto util, fica todo o jornal á disposição absoluta da exposição.

«Reservo-me a vulgarisação popular dos factos da gloriosa empreza nacional a que de novo vaes dedicar a tua nobre e patriótica boa vontade e o teu saber.

Teu gratissimo, e sempre saudoso amigo e mau discipulo

EDUARDO COELHO»

Um anno depois, em março de 1888, apresentava elle igual escusa ao seu dedicado amigo e collega, o sr. Visconde de Melicio, agradecendo a escolha para duas das commissões organisadoras da exposição, e alludindo nestes termos á gravidade da sua doença :

«Estou sem ir ao jornal e ainda não sahindo a pé, mas escrevendo e dictando varios artigos, porque as faculdades estão intactas. Mas não posso entregar-me a trabalhos que demandem regularidade e actividade.

«O ir a Paris o anno passado, a Mirandella, a Barcelona, sempre escrevendo correspondencias, era um *tour de force*, em que eu mais buscava disfarçar o que padecia, do que illudir-me sobre a causa da minha doença.

Decorreram quatorze mezes, atravez dos quaes

o mal, por entre innumeradas vicissitudes, foi sempre e implacavelmente progredindo.

«Às 9 horas da noite (de 14 de maio de 1889), lia-se no *Diario de Noticias* do dia seguinte ao da morte do seu fundador e director, ainda vivia — e de certo pensava na familia e no seu *Diario*. Passara o dia mais sereno e menos triste que o habitual. Saira. Déra o seu passeio pela cidade, e até comprara um objecto para brinde, rindo-se da lembrança <sup>1</sup>.

«De manhã, a conversar pausadamente com um empregado e amigo, dissera-lhe: — Já não tenho operarios nesta minha casa nova.

«Como se quizesse desabafar: — Agora posso morrer descançado <sup>2</sup>!»

E descançadamente morria com effeito, ás 9 horas e meia d'aquella mesma noite, sem agonia, instantaneamente.

«Deus amerceou-se d'elle, que tão bom era, que tanto padecera; e não quiz tortural-o na sua ultima hora. E o valente trabalhador, o honrado ho-

---

<sup>1</sup> Esse brinde era destinado a sua esposa, leal companheira da sua vida desde os tempos da mais dura adversidade, e que, sempre dedicada até ao sacrificio, foi para elle uma enfermeira tão desvelada como solícita e constante.

<sup>2</sup> Eduardo Coelho falleceu na sua casa da rua dos Cardaes de Jesus n.º 29. Este predio foi edificado sobre os alicerces d'aquelle em que morrera, em 1811, o poeta Nicolau Tolentino de Almeida. Nelle conservou Eduardo Coelho, como recordação, na fachada do lado do jardim, dois arcos doricos do seculo xvii, que eram porticos da entrada que dava accesso á morada de Tolentino. Era tambem sua intenção mandar collocar no predio uma lapide commemorativa, que honrasse a memoria do espirituoso poeta. (*Memorias de Tolentino*, pelo Visconde de Sanches de Baêna, doc. n.º 30, pag. 87).

mem, o leal e dedicado amigo teve uma morte serena, tranquilla, elle de quem a vida fôra tão agitada e turbulenta <sup>1.</sup>»

Para a capital, a noticia do passamento do popularissimo escriptor foi uma lugubre surpresa. Os jornaes do dia immediato ao da morte de Eduardo Coelho reflectiam, em artigos de commovedora homenagem, esse pezar geral que se aposara d'uma cidade, a cujas prosperidades e a cujo engrandecimento elle tão dedicadamente se havia consagrado.

Não houve uma só voz na imprensa que calasse a dôr que um tal factó provocara, nem em nenhum campo partidario, em nenhuma facção politica, uma nota discordante na unanimidade do preito rendido ao homem que após longos annos de lucta, não legava de si um resentimento ou uma queixa.

Durante mais de dois mezes, o *Diario de Noticias* teve de conservar aberta uma secção especial, em que, sob o titulo de *Homenagens a Eduardo Coelho*, dava conta do modo como a imprensa e as corporações do paiz, desde a camara municipal da primeira cidade do reino, até á mais humilde associação popular, manifestavam o sentimento profundo que lhes causara o doloroso acontecimento.

Cada jornal que consignava a noticia, fosse monarchico ou republicano, conservador ou revolucionario, ultramontano ou socialista, apontava ao mesmo tempo uma virtude, punha em relevo uma qualidade eminente, uma acção generosa do morto, cuja memoria glorificava.

O enterro de Eduardo Coelho devia, portanto,

---

<sup>1</sup> Chronica do sr. Gervasio Lobato, no *Occidente* de 21 de maio de 1889.

ser, como foi, uma das mais eloquentes manifestações, com que a capital tem honrado os homens que lhe são estremecidamente queridos.

«O enterro de Eduardo Coelho, escrevia o sr. Gervasio Lobato na sua chronica do *Occidente*, foi uma imponentissima homenagem que Lisboa prestou ao trabalho e á honestidade que tinham no fundador do *Diario de Noticias* a sua personificação.

«O cadaver do celebre jornalista que á força de tenacidade fez o seu caminho, e, sahido da obscuridade, chegou luctando, sem nunca cansar, sem nunca transigir, ás cumiadas do mundo jornalístico, foi levado ao cemiterio por uma multidão enorme em que se viam representadas todas as classes, desde as mais brilhantes até ás mais modestas, e o seu enterro foi um verdadeiro acontecimento em Lisboa, cuja população tributando essas excepcionaes honras a Eduardo Coelho, equiparando-o nessa quasi apothecose aos seus grandes homens gloriosos, fez uma obra de justiça e de moralidade <sup>1</sup>.»

---

<sup>1</sup> Eis a descripção que se lia no *Diario de Noticias* n.º 8:388 de 17 de maio de 1889, e que está, em todas as suas partes, de accordo com a que no mesmo dia publicaram os restantes periodicos da capital :

«Desde as 11 horas que a igreja (das Mercês) estava cheia de povo, e todas as cadeiras occupadas por senhoras. Ao meio dia, achando se reunidos na capella e no cruzeiro grande numero de convidados, o rev.º prior resou uma missa, seguindo-se depois o *Libera me*.

«A eça e o feretro estavam completamente cobertos de corôas (mais de 40) a grande maioria das quaes eram formosissimas (a do sr. Paulo Plantier compunha-se de 1:500 rosas brancas, naturaes). A 1 e 20 começou o saimento, formando-se o prestito, que era dos mais numerosos e imponentes que temos visto na capital, e tomavam nelle parte representantes de todas as classes da sociedade.

«O prestito seguiu a pé pela travessa Nova do Convento de Jesus, Poço dos Negros, ruas de S. Bento, do Sol, e outras até o cemiterio, atravessando por entre as alas de povo que se estendiam por todo o transitio. A passagem do feretro todos se descobriam respeitosamente.

«O caixão ia num coche, e coberto pela bandeira por-







Houve quem comparasse o enterro de Eduardo Coelho ao do maior estadista que nos ultimos trinta annos tem havido em Portugal, e que, morrendo no auge do prestigio, em plena actividade, no com-

---

tugueza da sociedade de geographia, e sobre elle e o tejadilho foram depostas as corôas, formando como uma montanha de flores.

«Após o coche caminhavam os redactores e mais pessoal do *Diario de Noticias*, e centenaes de pessoas, e aos lados, de chapéo na mão, os typographos, outros empregados e o honrado gerente da Typographia Universal.

«Á frente e após o prestito, iam as escolas do Gremio Popular, infantil dos Filhos do Povo, escola municipal Rodrigues Sampaio, collegio de meninas de Campolide de Cima, e outras; representantes de grande numero de associações populares, cujos nomes nos é impossivel agora enumerar; typographos, impressores, vendedores e distribuidores de jornaes, actores, professores, estudantes, militares de mar e terra, alta finança, deputados, pares do reino, homens de letras, jornalistas, etc., etc.»

Em outro logar, acrescentava-se:

«A lembrança e pedido da filha mais velha do estremo defunto (que do cumprimento d'esta missão encarregara um dos mais dedicados amigos de seu pae, o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto) foi depositado sobre a urna o numero de hontem (16 de maio) do *Diario de Noticias*, em que vinham compendiadas as opiniões dos diversos jornaes da capital, e que era a homenagem mais sincera da imprensa á memoria do nosso inolvidavel amigo. O numero do *Diario de Noticias* ficou tambem no jazigo entre o montão de corôas.»

Vae juncta a esta pagina a reproducção desse numero do *Diario*, que contém excerptos dos artigos das seguintes 20 folhas de Lisboa: *Correio da Manhã*, *Seculo*, *Tempo*, *Democracia*, *Jornal do Commercio*, *Folha do Povo*, *Diario Popular*, *Reporter*, *Debates*, *Correio de Noticias*, *Tarde*, *Diario Illustrado*, *Globo*, *Novidades*, *Jornal da Noite*, *Economista*, *Imparcial*, *Dia*, *Correio da Noite* e *Esquerda Dynastica*.

pleto gozo de todas as suas grandes faculdades de homem de acção, deixava a prantear-lhe a morte um partido numerosissimo de que fôra a alma, e que devia continuar-lhe as tradições e perpetuar-lhe a memoria.

Mas Eduardo Coelho não era chefe de partido ; nunca tivera nas suas mãos os destinos d'um povo, nem os elementos que criam as dependencias, e com as dependencias, as dedicações ; e apenas deixava uma obra, que, como toda a obra de jornal, é irresistente e ephemera, e um nome, que o forçado e longo afastamento da vida activa era de molde a tornar facilmente esquecido de muitos.

É verdade que elle proprio se alistára, desde o principio da sua carreira, com ardôr e com orgulho, nesse partido da instrucção e da moralisação do povo, a que tanto se desvanecia de pertencer, e que foi esse partido, principalmente, por elle tornado grande, poderoso e forte, que prestou ao chefe reconhecido o preito da sua gratidão e da sua saudade.

Mais de uma voz na imprensa suggeriu a idéa de que se lhe levantasse um monumento, que traduzisse o apreço pelas qualidades do escriptor e o respeito publico pelas egregias e raras virtudes do homem. Ficou ella esquecida e abandonada, como tantas outras. Mas se um dia se realisasse, nesse monumento, que apenas representaria um saldo de contas entre os que muito lhe deveram e aquelle que muitissimo lhes deu das fadigas da sua vida e do generoso alento do seu espirito, ao reconhecimento popular cumpria inscrever estas linhas, por Eduardo Coelho dedicadas á memoria querida de seu pae : « *Foi um obreiro do bem, edificou para a virtude e para a liberdade.* »

# Resenha bibliographica <sup>1</sup>

---

## THEATRO

- 1) *A sombra de 1859*. Breve revista num acto, representada com applauso no theatro de D. Fernando. Typ. do *Futuro*, 1860. 8.º de 16 pag.
- 2) *Amor e amisade*. Comedia em um acto original, representada pela primeira vez no theatro da rua dos Condes, em 15 de maio de 1858. Typ. do *Panorama*. 1860. 8.º gr. de 20 pag.
- 3) *Um namorado exemplar*. Comedia em um acto original (primeiro ensaio dramatico), representada pela primeira vez no theatro da rua dos Condes, em setembro de 1858. Typ. Universal. 1861. 8.º de 27 pag.  
— Segunda edição da livraria de J. Marques da Silva. Typ. Minerva. 8.º de 16 pag.
- 4) *A vingança de um beijo*. Comedia em um acto, imitação (terceiro ensaio dramatico) representada pela primeira vez com applauso publico no theatro das Variedades, em 12 de maio de 1859, para solemnizar o casamento da princeza D. Maria Anna. Typ. Franco-portugueza. 1861. 8.º de 31 pag.

---

<sup>1</sup> Todos os escriptos de Eduardo Coelho, que se acham impressos, foram-no em typographias de Lisboa. N'esta nota apenas se incluem os que elle firmou com o seu nome, ou com as suas iniciaes, e d'estes mesmos, relacionando-se apenas os mais importantes.

- 5) *A Castellã*. Comedia original em um acto. Typ. Franco-portugueza. 1862. 8.º de 24 pag.
- 6) *Tribulações de um poeta*. Comedia num acto original, representada com applauso no theatro das Variedades. Typ. Franco-portugueza. 1862. 8.º de 27 pag.
- 7) *Um segredo de cortezã*. Comedia em um acto, imitação. Typ. Franco-portugueza. 1862. 8.º de 28 pag.
- 8) *Uma comedia na rua*. Episodio nocturno, original. Typ. Franco-portugueza. 1863. 8.º de 24 pag.  
(Os n.ºs 3 a 8 fazem parte da collecção denominada *Galeria theatral*).
- 9) *O Prestigiador*. Drama em cinco actos vertido do francez (de collaboração com José Maria Pereira Rodrigues) representado com applauso no theatro de D. Maria II. Typ. do *Panorama*. 1862. 8.º gr. de 91 pag.
- 10) *Amor conjugal*. Comedia em um acto, precedida de um parecer do sr. Mendes Leal Junior. Typ. Universal. 1863. 8.º gr. de 16 pag.
- 11) *Visconde por meia hora*. Comedia em um acto, imitação, representada com applauso no theatro da rua dos Condes. Typ. da sociedade typographica franco-portugueza. 1864. 8.º de 28 pag.
- 12) *Amor aos bofetões*. Comedia distribuida aos freguezes e assignantes do *Diario de Noticias*, pelo natal de 1865. Fol. de 16 pag.  
— Outra edição, com estas indicações: Opereta, representada com applauso nos theatros publicos da rua dos Condes, em Lisboa; Baquet, do Porto; Bocage, de Setubal; D. Luiz I, de Coimbra; e S. Geraldo, de Braga. Musica do sr. Monteiro de Almeida. Typ. Universal. 1871. 8.º gr. de 16 pag. É precedida duns versos, com o titulo: *Bilhete de boas-festas, que aos seus freguezes e assignantes offerecem os vendedores e distribuidores do Diario de Noticias*.
- 13) *Oppressão e Liberdade*. Drama em dois actos e tres quadros, expressamente escripto a convite da direcção para ser representado nas recitas inauguraes do theatro publico de D. Luiz I em Coimbra, onde subiu á scena com applausos em 11 de janeiro de 1862. Typ. Universal. 1871. 8.º gr. de 39 pag.

- 14) *Amor e rheumatismo*. Poesia comica dedicada á Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Viscondessa de Trancoso, e a seu pedido escripta (publicada no *Diario de Noticias* n.º 2:434 de 28 de outubro de 1872, e seg., e anteriormente no *Almanach das Senhoras*).

Entre os dramas e comedias de que tenho nota, mas de que não pude vêr nenhum exemplar impresso, relacionarei os seguintes :

- 15) *A sentinella*. Comedia em um acto, original, representada no theatro da rua dos Condes em maio de 1862.
- 16) *O sapateiro de Paris*. Comedia em quatro actos e um prologo, traduzida do francez de collaboração com o dr. João Cesario de Lacerda, e representada em junho de 1862, no theatro da rua dos Condes.
- 17) *Uma mulher positiva*. Comedia original, em um acto, representada no theatro das Variedades.
- 18) *Consequencias dum segredo*. Id., id.
- 19) *Luizinha, ou um anjo endiabrado*. Id., representada no theatro da rua dos Condes.
- 20) *Verdades sociaes*. Id., id.
- 21) *Quinze mil cruzados*. Id., representada no theatro de D. Fernando.
- 22) *Receita para emmagrecer*. Comedia em um acto, imitação.
- 23) *O que fazem ciumes*. Comedia em um acto, original, escripta em 1861.
- 24) *Diogenes*. Drama em cinco actos e um prologo, vertido livremente do francez e destinado ao theatro de D. Maria II.
- 25) *A trapeira*, scena comica.

---

## VERSOS

- 26) *O livrinho dos caixeiros*. Folheto. 1852.
- 27) *O filho das artes*. Romance em verso por Jesé Eduardo Coelho. 1858. 8.º de 36 pag., (reproduzido em 1861 no volume dos *Primeiros versos*, e em 1863, em folhetins do *Conservador*).
- 28) *Primeiros versos*. Typ. de José da Costa N. C. 1861. 8.º de 99 pag.

E além d'estas e de outras poesias insertas em diferentes jornaes, as seguintes publicadas no *Diario de Noticias* :

- 29) *Familia modelo*. (N.º 1:805).
- 30) *Creação da mulher*. (N.º 2:612).
- 31) *A rapoza e o corvo*. (N.º 3:381).
- 32) *A creche*. (N.º 3:749).
- 33) *Artista invalido*. (N.º 3:846).
- 34) *A escola*. (N.º 4:031).
- 35) *Conto de fadas*. (N.º 6:239).

## ROMANCES, CONTOS, PHANTASIAS E NARRATIVAS HISTORICAS

- 36) *A separação dos recém-casados*. Romance historico original, por J. E. C. Typ. de L. C. da Cunha. 1854. 8.º de 83 pag.
- 37) *A vida de um principe*. Estudo romantico-historico, com uma introdução pelo sr. Silva Tullio. Typ. de J. da Costa. 1860. 8.º de 112 pag.
- 38) *Leituras ao serão*. (Collecção de contos.) Typ. Franco-portugueza. 1863. 8.º de perto de 300 pag. D'este livro não pude vêr nenhum exemplar.
- 39) *Bem pagas cutiladas*. 1865. 8.º de 9 pag. Romance tirado da Chronica de D. João II, por Garcia de Resende, e publicado no *Thesouro Litterario*.
- 40) *Historias de hoje*. Typ. Universal. 1877. 8.º de 223 pag.

Nos Brindes annuaes do *Diario de Noticias* :

- 41) *Pero Esteves*. Tradição da casa de Bragança, (reprodução do *Barbarrão*, publicado nos n.ºs 136 a 141 do *Conservador*, de julho de 1862), offerecida a Antonio Rodrigues Sampaio. (58 pag.) 1865.
- 42) *As columnas da rua nova*. Narrativa historica, dedicada a J. S. Mendes Leal Junior. (18 pag.) 1867.
- 43) *Episodio da emigração polaca*. Dedicado ao sr. Ramalho Ortigão. (23 pag.) 1872.
- 44) *A condessa do Carregal*. (22 pag.) 1873.
- 45) *A lenda das ruinas*. Narrativa extrahida das chronicas do condestavel. (78 pag.) 1874.



- 46) *Meu pae*. Com dedicatória ao seu socio e amigo Thomaz Quintino Antunes. (34 pag.) 1875.
- 47) *Estella*. Esboceto d'après nature, offerecido ao sr. João da Silva Mattos. (12 pag.) 1877.
- 48) *O casamento do reino de Inglaterra com o reino de Portugal*. (142 pag.) 1879.
- 49 a 51) I *Scenas de drama moderno*. (14 pag.) II *Uma tourada no seculo xvii*. (17 pag.) III *Os cinco irmãos* (de Andersen). (12 pag.) 1880.
- 52) *Noticias velhas: O maior dos Carvalhos da rua Formosa; Energica represalia; O Duque de Coimbra*. (26 pag.) 1881.
- 53) *Realidades funestas*. Chronica da aldeia e da cidade. Com dedicatória a A. F. Simas. (42 pag.) 1882.
- 54) *Como sahiste visconde?* (14 pag.) 1883.
- 55) *Portugal captivo*. Quadro romantico-historico. 1580-1640 (106 pag.) 1884. Publicado em folhetins do *Diario de Noticias*, n.º 1:169 e seguintes, e em edição separada, em 1885.
- 56) *Victor Hugo, homenagem da empreza* (do *Diario de Noticias*) á memoria do eminente poeta francez. (165 pag.) 1885.

No *Diario de Noticias*, em folhetins :

Em 1865 :

- 57) *Um caso na aldeia*. Offerecido á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. M. da Silva Mattos. (N.º 38).
- 58) *Elogio da moeda de dez réis*. (N.º 74).
- 59) *O dia de S. João*. (N.º 140).
- 60) *Quem com ferro mata com ferro morre*. Offerecido ao sr. Pinheiro Chagas. (N.º 148).
- 61) *Viagem folhetinistica*. (N.º 157).
- 62) *Uma tourada no seculo xvii*. (N.º 165 e seg.)
- 63) *Os operarios*. (N.º 236).
- 64) *Juizo de Deus*. (N.º 240).
- 65) *A volta do Brazil*. (N.º 265 e seg.)
- 66) *Os casamentos do senhor Anastacio*. (N.º 277.)

Em 1866 :

- 67) *Os corvos piedosos*. (N.º 299).
- 68) *Cindasunda*. (N.º 301).
- 69) *A moira suicida*. (N.º 317).
- 70) *Terrivel arma d'uma cozinheira*. (N.º 334).

- 71) *Santa Irene*. (N.º 355).  
 Os n.ºs 67 a 71 faziam parte da collecção das  
*Lendas das villas e cidades portuguezas.*
- 72) *Uma historia vulgar*. Conto moral. (N.º 345).  
 73) *Virtudes theologaes*. (N.ºs 392, 397 e 409).  
 74) *Santo Antonio de Lisboa*. (N.º 427).  
 75) *Festa das estrellas*. (N.º 556).  
 76) *De como el-rei D. Manuel, o venturoso, se fez rival de  
 seu filho o principe D. João, ao depois rei terceiro  
 d'este nome*. (N.º 571).

Em 1867 :

- 77) *O Duque de Coimbra*. (N.º 649).  
 78) *O ultimo carrasco em Portugal*. (N.º 734).  
 79) *Glorias portuguezas* (N.º 792).

Em 1868 :

- 80) *Ao passar a procissão do Corpo de Deus*. Narrativa  
 historica. (N.º 1:025).  
 81) *O tribuno da associação*. (N.º 1:026).  
 82) *A rainha santa*. (N.º 1:041).  
 83) *Não ! Lição de historia a proposito*. (N.º 1:091).  
 84) *Como o pequeno Portugal respondia d'antes ás ameaças  
 e insultos dos poderosos*. (N.º 1:097).

Em 1869 :

- 85) *Amor maternal*. (N.º 1:404).  
 86) *Incidente diplomatico entre Portugal e Hespanha. Como  
 por causa de quatro lacaios ia estalando a guerra.  
 Energica represalia*. (N.º 1:462).

Em 1870 :

- 87) *Judas*. (N.º 1:579).  
 88) *Commemoração do dia primeiro de dezembro de 1640*.  
 (N.º 1:720).

Em 1871 :

- 89) *Praga cruel. Scena do terremoto de 1755*. (N.º 2:090).

Em 1872 :

- 90) *Vinte e quatro de julho*. (N.º 2:340).

Em 1873 :

- 91) *Scenas contemporaneas*. (N.º 2:572).

- 92) *Henrique Van-Deiters*. (N.º 2:811 e seg.).  
 93) *A doida do Bussaco*. (N.º 2:827).

Em 1877:

- 94) *Tragedia inedita*. (N.º 4:217).

---

## VIAGENS, BIOGRAPHIAS, RELATORIOS, ETC.

- 95) *Passeios na provincia*. Typ. Universal. 1873. 8.º de 220 pag.
- 96) *Passeios no estrangeiro*. Ib. 1879. 8.º de 366 pag.
- 97) *Le monastère de Notre-Dame de la Victoire. — A Batalha. — Portugal (excursion)*. Imprimerie Universelle. 1885. 8.º de 17 pag.
- 98) *A união iberica e a candidatura d'el-rei D. Fernando, resposta ao livro do sr. Fernandez de los Rios, (de collaboração com Antonio Rodrigues Sampaio, e com os srs. Luciano Cordeiro e Pinheiro Chagas.)* Typ. de J. A. de Mattos. 1877. 8.º de 200 pag.
- 99) *Antonio Rodrigues Sampaio*. Biographia na revista *O Occidente* de 1, 11 e 21 de outubro, e 1 e 11 de novembro de 1882.
- 100) *Relatorio da delegação de Lisboa, eleita pela commissão central directora do inquerito industrial de 1881. Inquerito directo. Segunda parte. Visita ás fabricas. Livro primeiro*. Imprensa Nacional. 1881. 4.º gr. de 371 pag.
- 101) *Relatorio da exposição agricola de Lisboa, realisada na Real Tapada da Ajuda em 1884* (de collaboração com os srs. visconde de Coruche, Antonio Augusto dos Santos e Antonio Batalha Reis). Imprensa Nacional, 1885. 8.º de 144 pag.
- 102) *As escolas normaes primarias*. Relatorio da inspecção do anno de 1884. Typ. Universal. 8.º gr. de 13 pag.
- 103) *Fac-simile de la première gazette publiée en Portugal, offert au congrès littéraire international de Lisbonne, com uma breve Noticia ácerca do jornalismo em Portugal*. Folheto de 6 pag., em francez. 1881.

Encontram-se mais no *Diario de Noticias*, entre outras, as seguintes narrativas de viagem :

Em 1871 :

- 104) *Em Mafra*. (N.º 1:943).

Em 1876 :

- 105) *Visita ás minas de Aljustrel*. (N.º 3:770 a 3:772).

Em 1879 :

- 106) *Passeios na provincia—Minho e Galliza—*. (N.º 4:796 e seg.)

Em 1881 :

- 107) *Paseio a Madrid — As festas do centenario de Calderon — Em Aranjuez — No Escorial — Em Toledo*. (N.º 5:510 e seg.)  
 108) *Quinze dias na Serra da Estrella*. (N.º 5:589 e seg.)

Em 1882 :

- 109) *Visita á exposição districtal de Aveiro*. (N.º 5:851 e seg.)  
 110) *Exposição de industrias caseiras no Porto*. (N.º 5:860 e seg.)

Em 1883 :

- 111) *Banhos da Felgueira*. (N.º 6:267 e seg.)  
 112) *Visita ao Fundão*. (N.º 6:331 e seg.)

Em 1884 :

- 113) *Exposição de manufacturas do districto de Coimbra*. (N.º 6:445 e seg.)  
 114) *Cartas noticiosas, de Paris*. (N.º 6:546 e seg.)

Em 1885 :

- 115) *Correspondencias de Paris*. (N.º 6:970 e seg.)  
 116) *Visita á exposição de Antuerpia*. (N.º 6:997 e seg.)

Em 1886 :

- 117) *Nas Caldas do Gerez*. (N.º 7:415 e seg.)  
 118) *Bom Jesus do Monte*. (N.º 7:426 e seg.)

Em 1887 :

- 119) *Cartas de Paris. Notas á pressa.* (N.º 7:660 e seg.)
- 120) *No Cartaxo.* (N.º 7:744 e seg.)
- 121) *Nas Caldas.* (N.º 7:748 e seg.)
- 122) *Da Foz-Tua a Mirandella.* (N.º 7:775 e seg.)
- 123) *Em Hespanha.* (N.º 7:788 e seg.)



# INDICE

---

|  | Pag. |
|--|------|
| Introdução .....                         | 7    |
| 1835-1854.....                           | 17   |
| 1854-1857.....                           | 29   |
| 1858-1865.....                           | 40   |
| 1865 — O <i>Diario de Noticias</i> ..... | 53   |
| 1865-1889.....                           | 132  |
| Resenha bibliographica.....              | 181  |







## DO AUCTOR

---

Acaba de sahir do prélo:

*ENDEIXAS E MADRIGAES* — Um volume de versos, edição de luxo. — Em brochura 800 réis. — Cartonado 1.500 réis.

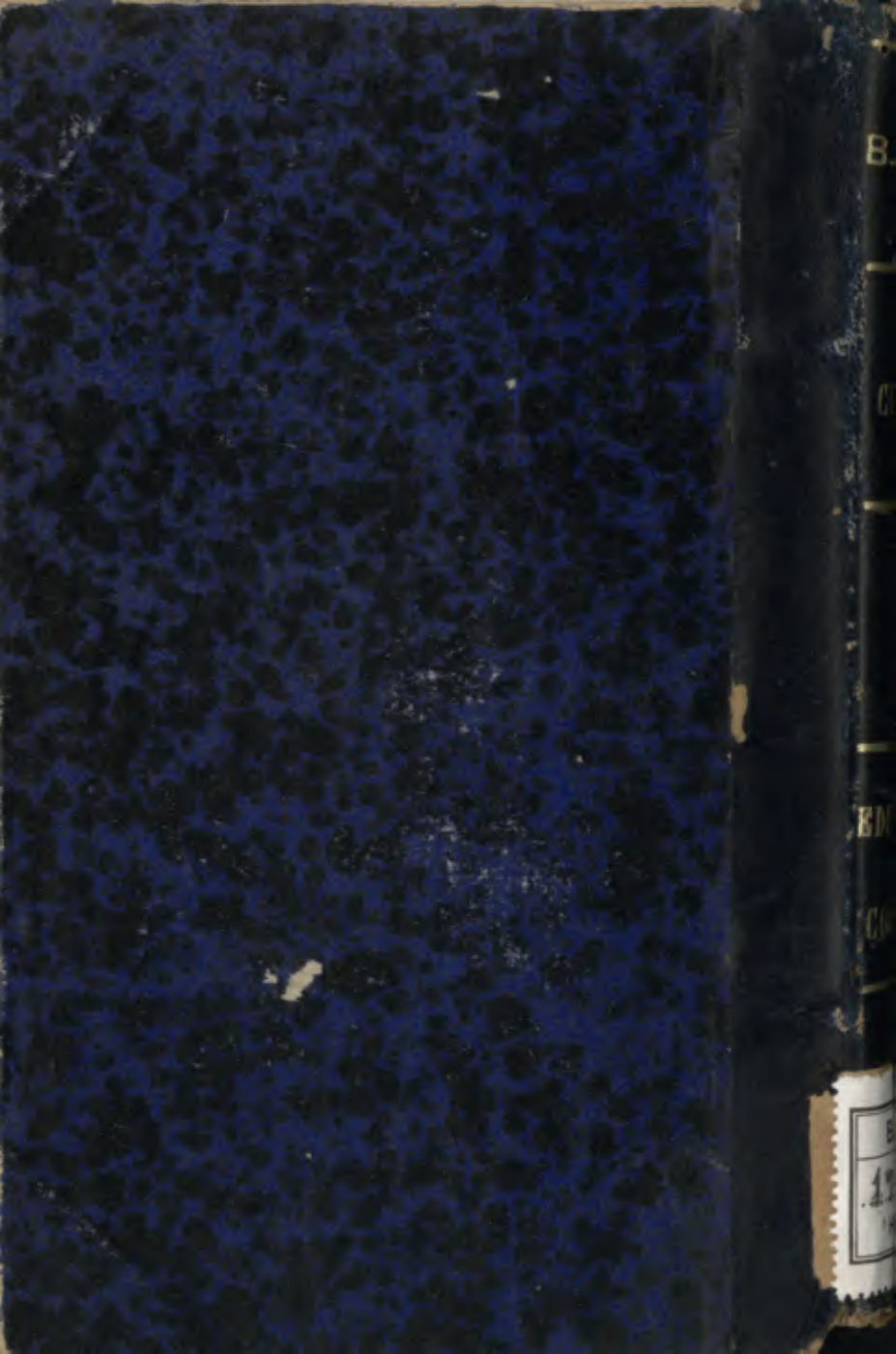
azul

ds









B.

C.

ED

C.

B.

13